



Grupo de Estudos da obra
*Professora sim, tia não -
cartas a quem ousa ensinar:
outras cartas.*



ORGANIZADORES:

MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO

RICARDO SANTOS DE ALMEIDA

DAYANE LOPES DE MEDEIROS



CENTRO
PAULO FREIRE
ESTUDOS & PESQUISAS



**GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA
PROFESSORA SIM, TIA NÃO -
CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1**

**GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA
PROFESSORA SIM, TIA NÃO -
CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1**

**Organizadores:
MARIA APARECIDA VIEIRA DE MELO
RICARDO SANTOS DE ALMEIDA
DAYANE LOPES DE MEDEIROS**

**Recife, PE
2024**

Produzido por:

Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE),

Centro de Educação (CE), Recife, Pernambuco, Brasil. CEP: 50740-530

<https://www.centropaulofreire.com.br/>

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

Diagramação: Ricardo Santos de Almeida

Capa: Canva.com utilizado por Dayane Lopes de Medeiros e Ricardo Santos de Almeida

Imagens: As imagens são de arquivos pessoais dos autores e de bancos virtuais

gratuitos.

©Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Grupo de estudos da obra professora sim, tia não
[livro eletrônico] : cartas a quem ousa ensinar :
outras cartas / organização Maria Aparecida
Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida,
Dayane Lopes de Medeiros. -- Recife, PE :
Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas,
2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87824-32-1

1. Educação 2. Formação docente - Metodologias
ativas 3. Freire, Paulo, 1921-1997 - Influência
4. Professores - Formação I. Melo, Maria Aparecida
Vieira de. II. Almeida, Ricardo Santos de.
III. Medeiros, Dayane Lopes de.

24-196249

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Copyright © 2024. O livro pode ser baixado gratuitamente em formato digital de qualquer lugar do mundo entrando na página <https://centropaulofreire.com.br/e-books>

2024. Escrito e produzido no Brasil.

PRESIDÊNCIA, DIRETORIAS E CONSELHOS
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Maria Erivalda dos Santos Torres
Presidenta

Séphora Marinho de Freitas
Diretora Administrativa

Maria Aparecida Vieira de Melo
Diretora Pedagógica

Danielle Jaiane Silva
Diretora Financeira

Cícera Maria do Nascimento
Diretora de Comunicação

Nelino José Azevedo de Mendonça
Conselho Fiscal

Ricardo Santos de Almeida
Conselho Fiscal

Cinthy Lúcia Martins Torres Saraiva de
Melo
Conselho Fiscal

Agostinho da Silva Rosas
Conselho Consultivo

Anair Silva Lins e Melo
Conselho Consultivo

Viviane de Bona
Conselho Consultivo

CONSELHO EDITORIAL
CENTRO PAULO FREIRE – ESTUDOS E PESQUISAS

Agostinho da Silva Rosas	UPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	UFRJ e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Ana Maria Saul	PUC/SP e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Eliete Correia dos Santos	UEPB – Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Inés María Fernández Mouján	Cátedra Paulo Freire, Universidad Nacional de Mar del Plata, Centro de Investigaciones y Estudios en Teoría Poscolonial, Universidad Nacional de Rosario, Argentina e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Joaquim Luís Medeiros Alcoforado	Universidade de Coimbra/Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Luiza Cortesão	Professora Emérita da Universidade do Porto, Presidente do Instituto Paulo Freire de Portugal e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Aparecida Vieira de Melo	UFRN e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Fernanda dos Santos Alencar	UFPE e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas
Maria Erivalda dos Santos Torres	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Universidade Federal de Pernambuco
Mírian Patrícia Burgos	Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas e Instituto Paulo Freire de Portugal
Ricardo Santos de Almeida	UNEAL, UFAL, UFSM, Prefeitura Municipal de Porto Calvo/AL e Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Maria Aparecida Vieira de Melo	
APRESENTAÇÃO	11
Dayane Lopes de Medeiros	
ESPERANÇAR UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA	15
Virna Queiroz Oliveira	
A CONEXÃO ENTRE AS PESSOAS MEDIADA POR FREIRE	23
Maria Aparecida Vieira de Melo	
O MOVIMENTO COM PAULO FREIRE	30
Giovana Carina da Silva	
A CONHECER PAULO FREIRE	32
Luana Tereza de Barros Vieira Rocha	
OLHO NO OLHO: UM DIÁLOGO QUE GOSTARIA DE TER	40
Geovar Miguel dos Santos	
TECENDO DEMOCRACIA E GESTÃO: URDIDURAS FREIREANAS EM UMA ESCOLA DE EJA	47
Fabíola Maria Dantas	
O CAMINHAR COM FREIRE TRILHADO POR QUESTIONAMENTOS E RESPOSTAS	57
Maria Aparecida Fernandes de Lima	

SUMÁRIO

PROFESSOR SIM, TIO NÃO! PELO PROFISSIONALISMO DE QUEM OUSA ENSINAR	66
Ricardo Santos de Almeida	
CONVERSANDO COM PAULO FREIRE	75
Maria Gorete Santos Jales de Melo	
VOSSA OBRA “PROFESSORA, SIM; TIA, NÃO – CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR” EM MINHA VIDA	84
Antônia Vanda de Paiva	
SEMPRE SERÁ TEMPO PARA SEMEAR O ESPERANÇAR	97
Serjane de Queiroz Vale Dantas	
LUTAS EPISTÊMICAS NO CONTEXTO DAS ESCOLAS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ: UMA CATEGORIA TEÓRICO-PRÁTICA CONSTRUÍDA A PARTIR DOS CONCEITOS DE PAULO FREIRE	106
Alexandre Evangelista da Silva	
CONHECENDO A MIM MESMA ATRAVÉS DA DOCÊNCIA	124
Dayane Lopes de Medeiros	
REENCONTRANDO PAULO FREIRE EM ANGICOS: A INFLUÊNCIA DE SUA OBRA NA PRÁTICA DOCENTE EM RORAIMA	151
Sebastião Monteiro Oliveira	

PREFÁCIO

A arte da escrita é uma dádiva. Por isso, o coletivo de estudiosos se comprometeu em estudar a obra de Paulo Freire – Professora sim, tia não – Cartas a quem ousa ensinar e assim escrever outras cartas para Freire.

Desse modo, o que os participantes escreveram para Freire? Quais foram as curiosidades mais emergentes de suas inquietações que foram compartilhadas com Freire? O que tanto foi dito? Com qual finalidade cada remetente se posicionou perante Freire? Quais foram os maiores questionamentos? O que anunciaram e denunciaram? Quais são os segredos aqui revelados? Como sermos solidários com a partilha autêntica de nossos interlocutores? O que dizem os autores das cartas sobre si mesmos? Bom, são muitas as perguntas que podemos fazer em relação ao que está posto nas cartas que seguem remetidas a Freire.

Para sabermos, precisamos apenas mergulhar no oceano das palavras escritas, por seres pensantes, curiosos, críticos e reflexivos. Desta feita, a cada encontro para estudo desta obra, o coletivo do **Grupo de Estudos: conhecendo os escritos de Paulo Freire a partir da obra “Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar”** do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas – PE se posicionavam ávidos por relatarem seus contextos de atuação, suas ousadias pedagógicas, assim como a sua prática. Os escritos de Freire foram muito bem acolhidos pelo coletivo estudioso de sua obra e em resposta a cada carta ousaram falar com e para Freire.

Uma prática cultural de escrita que ressignifica os processos inerentes aos tempos passados, presentes e futuros, ou seja, questões que atravessam os modos temporais que

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

permanecem latentes em nossa cotidianidade pedagógica, como: medo, respeito, escuta, insegurança, participação política, gestão, saberes e outras tantas temáticas.

Portanto, mediante a tudo o que foi dialogado, partilhado no Grupo de estudos do Centro Paulo Freire, convidamos a você, caro leitor, a adentrar nas cartas que seguem, as quais foram escritas com muita confidencialidade, transparência e sinceridade pelos seus autores, com eles vocês irão pensar, refletir, se emocionarem, se alegrarem, se indignarem e esperançarem.

Estas cartas remetidas a Freire, você caro leitor, caso queira responder, fique à vontade, pois toda carta tem resposta e estas não seriam diferentes.

Verão de 2024

Maria Aparecida Vieira de Melo

*Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo
Freire.*

*Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire – Estudos e
Pesquisas, PE.*

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

APRESENTAÇÃO

O *e-book* “Grupo de Estudos da obra Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar: outras cartas” surge a partir da realização do movimento do Grupo de Estudos: conhecendo os escritos de Paulo Freire com a obra “Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar”. O grupo foi uma iniciativa da professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo, enquanto Diretora Pedagógica do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas - PE. A professora Maria Aparecida Vieira de Melo reside no estado de Pernambuco, mas, atualmente atua como docente na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A professora Maria Melo, juntamente com a Presidenta do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas - PE, Maria Erivalda dos Santos Torres, iniciaram uma movimentação para criação do grupo de estudos de modo online para atender a pessoas de diferentes localidades do Brasil, a fim de dialogar sobre as ideias de Paulo Freire e manter seu legado sempre vivo. Os encontros se iniciaram em 10 de março de 2023 com programação até 23 de junho do mesmo ano. Os encontros foram quinzenais realizados através do *Google Meet* e disponibilizados por intermédio de um grupo de *WhatsApp* criado com a finalidade de manter contato com os participantes, trocar informações, experiências e reflexões.

Compartilhar o pensamento do Patrono da Educação Brasileira e recriar sua teoria (ou suas teorias) educacionais, sociais e humanas, é o mote principal deste movimento de estudos. A escolha da obra parte de um desejo em compreender a práxis educativa e retornar bons resultados para a sistematização do ensino no país. Essa sistematização

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

contribui com toda e qualquer transformação almejada, se não é a sua essência. Pois, o movimento tem um valor potente em motes de mudanças sociais com base na teoria Freiriana. Os organizadores do *e-book* são três apaixonados por Paulo Freire, pela educação e pela obra “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar”, que muito remete a realidade e incentiva a ação criativa.

Falar de Paulo Freire, mexe muito com os sentimentos. A amorosidade fica em alta quando lembramos de seus escritos rigorosos em palavras pontuais e certeiras perante a realidade, mas, doces quanto a beleza de uma esperança sempre ativa, fazedora de transformações. O construir o mundo que queremos, é isso o que o autor aqui enfatizado mais nos impulsiona. Escrever cartas para Paulo Freire é uma maneira de agradecer a sua sabedoria disseminada em escritos, a suas proezas destacadas pelo mundo, a beleza do colorir a vida com educação, amor, política, fé e socialização.

Os autores dos textos escritos nesta obra são freireanos por estudar o educador e tentar colocar em prática a complexidade existente em sua sapiência espalhada em seus livros. São pedagogos e pedagogas, educadores que trabalham em diversos setores da educação, pesquisadores, professores, mestres e doutores. São integrantes de coletivos que tem como base o professor Paulo Freire, eterno Paulo Freire. São do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire - PE), do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF/CNPQ/UFRN), do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas sobre Diversidade e Educação do Sertão Alagoano (NUDES-UFAL), da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH), do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de Jovens Adultos na Amazônia Setentrional, entre outros, que se encaminham na mesma direção de uma

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

educação de qualidade, educação popular, a ser construída para e pelos oprimidos, para o “esperançar”.

As 14 cartas seguem uma margem de dialogicidade amiga e confidente, em que seus autores contam conquistas ao educador que leva o nome do *e-book* e desgrenham suas frustrações e dúvidas, na esperança e no desejo de receberem de volta uma resposta. Essa é a intenção de toda e qualquer carta e no mundo das possibilidades o importante é acreditar e conversar com todos, seja por escrito, oralmente, em pensamentos e/ou em sonhos. As cartas foram sugeridas como atividade final do grupo de estudos com a intenção de fortalecer a escrita e angariar saberes outros, registrando os aprendizados e as reflexões surgidas em meio aos momentos de estudos, de leituras, de dinâmicas e de muita dialogicidade.

Obtivemos um excelente número de escritos mediante as participações mais ativas nos encontros quinzenais e orgulhosamente, oferecemos um compilado com cartas para Paulo Freire a todos aqueles que desejarem se deleitar nas intempéries dos outros, que pensam amorosamente, buscando modos de fazer a educação e a sociedade mais feliz e mais justa. Convidamos todos os simpatizantes de Paulo Freire e da Educação, também, os amantes da leitura e da escrita e os apaixonados por uma boa história, para nos acompanharem nas páginas deste *e-book* em uma viagem por letras, sentimentos e muitas inquietações.

O bom de ler um bom livro, seja em PDF, na versão online ou de modo físico, é se conectar com quem está muito longe e de algum modo, muito perto. As conexões neuronais se fortalecem, nos encontramos com nós mesmos a partir do outro, e atingimos nosso inconsciente. Descobrimos pontos em comum e divergências, sorrimos, choramos e brigamos pelas páginas. Mas, o melhor é que sempre “esperançamos” em

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

nossa mais íntima fantasia, visualizando sonhos, ideais, possibilidades, controvérsias, e recriando a realidade. A você que está a ler esta apresentação, te encaminhamos pelas páginas de “outras cartas”.

Verão 2024

Dayane Lopes de Medeiros

*Integrante ao Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em
Paulo Freire.*

Associada ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas – PE.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.

*Graduada em pedagogia, licenciatura na UFRN, CERES,
Campus Caicó.*

ESPERANÇAR UMA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Recife (PE), 06 de junho de 2023

Querido Paulo Freire,

Espero que esta carta chegue até você e o encontre bem e com a mesma paixão pela educação que sempre o caracterizou. Aqui quem te escreve é mais uma admiradora sua, me chamo Virna Queiroz, sou advogada, mãe de duas meninas que por influência minha também já conhecem suas ideias e suas obras, venho através desta carta primeiramente expressar meu sincero agradecimento por tudo o que você fez e representou para a educação como prática libertadora. Quero aproveitar esta oportunidade para celebrar a sua obra e a sua visão revolucionária da educação como prática libertadora. Essa obra foi um dos meus primeiros contatos reais com sua escrita. E me encontro hoje maravilhada por sua forma de pensar e por suas obras tão valorosas.

Meu primeiro contato direto com sua obra foi justamente “Educação como Prática da Liberdade!” no ano de 2023. Como foi revolucionário e transformador essa leitura, pois através dela pude ressignificar muita coisa em minha vida pessoal e profissional. Tudo começou quando ingressei no grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire GEPEPF, que tem como coordenadora e líder a professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo. Uma educadora nata, que tem amor pelo que faz e é um grande exemplo de inspiração e uma apaixonada pelos seus ensinamentos, que com esse grupo maravilhoso vem propagando para um número cada vez maior de pessoas as suas ideias e a sua forma de pensar, um grupo bem diversificado que se encontra de forma virtual para ler,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

compreender e pôr em prática os seus nobres ensinamentos, através de suas valorosas obras que são lidas e relidas por todos aqueles que acreditam que a educação pode sim transformar a realidade em que se vive.

Para você ter ideia da sua importância e relevância para os dias atuais, preciso te contar que passamos um período bastante nebuloso aqui em nosso país. O período da pandemia da COVID que gerou uma série de desafios para a sociedade como um todo. Dentre eles, um dos mais impactantes foi a adaptação das aulas presenciais para o formato online. Com o fechamento das escolas, educadores e alunos precisaram se reinventar para continuar o processo de ensino-aprendizagem. As aulas on-line tornaram-se a nova realidade para milhões de estudantes ao redor do país. Essa transição trouxe uma série de dificuldades para educadores, que tiveram que rapidamente adaptar o conteúdo e as metodologias de ensino para o ambiente virtual. A falta de preparo e infraestrutura adequada foram fatores limitantes para muitos professores, que precisaram aprender a utilizar novas ferramentas tecnológicas e encontrar maneiras de engajar os alunos remotamente. Por sua vez, os alunos também enfrentaram diversos desafios durante as aulas on-line. A falta de interação presencial com os colegas e professores trouxe um sentimento de isolamento e dificultou a concentração nos estudos. A necessidade de autodisciplina para acompanhar as aulas em casa também se mostrou um grande obstáculo para muitos estudantes.

Além dos desafios enfrentados na adaptação ao ensino remoto, o cenário político do governo, ou melhor o "desgoverno" de Jair Bolsonaro também trouxe impactos significativos e negativos para a educação durante a pandemia. O governo federal enfrentou críticas acerca de suas iniciativas e posicionamentos em relação à educação, o que gerou uma

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

falta de direcionamento e apoio para escolas e educadores em um momento tão crucial. O presidente Bolsonaro foi alvo de críticas por minimizar a gravidade da pandemia e buscar a reabertura das escolas antes de garantir a segurança dos alunos e profissionais da educação. Essa postura gerou polêmicas e debates acalorados na sociedade, disseminando um discurso de ódio pelos seus apoiadores e uma polarização da sociedade nunca antes vista, evidenciando um descompasso entre as preocupações dos educadores e alunos com a realidade vivida pelo governo.

Dessa forma, diante do contexto da pandemia, as aulas on-line destacaram-se como uma solução temporária, mas que evidenciou diversos desafios pedagógicos, tecnológicos e sociais para educadores e alunos. Além disso, a postura do governo de Bolsonaro em relação à educação durante esse período também levantou questionamentos e gerou controvérsias, revelando a importância de uma atuação governamental mais responsável e comprometida com a valorização da educação no país.

Bem, relatei para você um pouco do cenário desafiador que permeia os dias de hoje. Trago uma boa notícia que o Companheiro Luiz Inácio Lula da Silva é hoje o nosso presidente, a democracia venceu!!! Voltamos a ter uma ponta de esperança na sociedade, os valores humanos, o compromisso com a educação e amor vem fazendo o nosso povo sonhar novamente.

Voltando ao meu encontro com sua literatura, quero aproveitar esta oportunidade para celebrar a sua obra e a sua visão revolucionária da educação como prática libertadora. Essa obra foi um dos meus primeiros contatos reais com sua escrita. E me encontro encantada e acredito que a educação é o caminho para transformação social. Em sua obra Educação

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

como prática libertadora, trago para reler junto com você um trecho muito atual para tudo que passamos nesses últimos anos de pandemia. Segundo Freire, p. 4: “Mas a oralidade de Paulo Freire não expressa só o seu estilo pedagógico. Revela sobretudo o fundamento de toda a sua práxis: a sua convicção que o homem foi criado para se comunicar com os outros.”.

Essa sua ideia de diálogo vai justamente de encontro com o retorno das atividades de forma presencialmente, principalmente na escola, indo de encontro ao diálogo autêntico e criticizador que corrobora com a real democracia. A contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade haveria de ser a de uma educação crítica e criticizadora. De uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, somente assim poderíamos, ampliando e alargando a capacidade de captar os desafios do tempo, colocar o homem brasileiro em condições de resistir aos poderes da emocionalidade da própria transição.

Paulo, você foi um verdadeiro pioneiro ao afirmar que a educação não deve ser apenas um meio de transmitir conhecimento, mas sim uma ferramenta para a transformação social. Sua crença de que a educação pode ser uma forma de emancipação e libertação das opressões é libertadora. Pois só conhecendo a realidade que se vive, tendo consciência crítica é capaz de efetivar a real mudança.

Ao longo desse ano de 2023, tenho estudado e me aprofundado em suas ideias, acredito firmemente que a educação não deve ser um processo passivo, em que os alunos são meros receptores de informações. Pelo contrário, acredito que a educação deve ser um processo ativo, em que os alunos sejam incentivados a questionar, refletir e se engajar ativamente no processo de aprendizagem.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Sua abordagem pedagógica, baseada no diálogo, na conscientização e na participação dos alunos, é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao valorizar as experiências e conhecimentos prévios dos estudantes, você os empodera e os encoraja a se tornarem agentes de mudança.

Acredito que não seja exagero dizer que você foi um dos grandes pensadores do século XX quando se trata de educação. Sua abordagem pedagógica, baseada na conscientização e na valorização da experiência dos alunos, trouxe uma nova perspectiva para o campo da educação. Ao invés de ser apenas um processo de transmissão de conhecimento, você nos mostrou que a educação pode ser uma ferramenta poderosa para a transformação social. (Freire, 1989. p.3): “Uma educação como prática de liberdade só poderá se realizar plenamente numa sociedade onde existem as condições econômicas, sociais e políticas de uma existência em liberdade, as exigências pedagógicas de Paulo freire o levaram também a assumir uma posição política.”.

Sua visão de educação como prática libertadora é extremamente relevante nos dias de hoje pois vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades e injustiças, onde muitos indivíduos são marginalizados e excluídos. Através da educação, podemos ajudar a romper essas barreiras e proporcionar oportunidades iguais para todos. Freire também viu a educação como uma força transformadora na luta contra a opressão e a exclusão social. Ele defendeu uma educação crítica que capacitasse as pessoas a questionarem as estruturas de poder e a trabalharem por mudanças radicais na sociedade. Para Freire, a democracia e a educação estavam inextricavelmente ligadas, e só poderiam ser alcançadas através de esforços colaborativos e compromisso com a justiça social.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Necessitávamos de uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política. Onde o agir educativo, no sentido da autêntica democracia. Agir educativo que, não esquecendo ou desconhecendo as condições culturais de nossa formação paternalista, vertical, por tudo isso antidemocrática, não esquecesse também e sobretudo as condições novas da atualidade.

Uma das coisas que mais admiro em sua abordagem é o fato de você considerar o conhecimento prévio dos alunos como ponto de partida para o processo educativo. Ao invés de impor um conteúdo pré-determinado, você valoriza as experiências e saberes dos estudantes, incentivando-os a refletir criticamente sobre sua realidade e a buscar soluções para os problemas que enfrentam. Acredito que a educação como prática libertadora não se limita apenas ao ambiente escolar, pois o território formativo é algo muito mais amplo. Devemos buscar constantemente o conhecimento e a reflexão crítica, a fim de nos libertarmos das amarras impostas pela sociedade.

Freire, me permita assim chamar, sua obra tem sido uma inspiração para educadores e estudantes ao redor do mundo. Seu legado continua vivo e relevante, mesmo décadas após sua partida. Você nos ensinou que a educação é uma arma poderosa na luta contra a opressão e a desigualdade. Neste momento desafiador que estamos vivendo, saindo de uma pandemia global e de uma crise política e social, sua visão da educação como prática libertadora é mais importante do que nunca. Precisamos de educadores comprometidos em formar cidadãos críticos, conscientes e engajados, capazes de transformar a realidade em que vivemos.

Por isso, Querido Paulo Freire, quero expressar minha gratidão por tudo o que você fez e continua fazendo pela educação. Sua coragem, sua dedicação e sua visão são u m

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

exemplo a ser seguido. E quero lhe confessar que serei em breve mais uma educadora a contribuir com a ideia de educação libertadora, e transformadora; estou a ingressar no curso de pedagogia como segunda graduação e breve serei com muito orgulho uma Professora que vai levar sempre os ensinamentos no coração, propagando-os por onde passar e terei a certeza de que a educação transforma vidas a começar pela minha. Vamos continuar celebrando e difundindo a educação como prática libertadora, para que possamos construir um mundo mais justo e igualitário.

Além disso, sua ênfase na conscientização é fundamental para a formação de cidadãos críticos e atuantes. Ao invés de apenas transmitir informações, você nos ensina a questionar, a analisar e a agir de forma transformadora. Essa abordagem é crucial para que possamos enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Seu trabalho tem sido uma inspiração para mim como estudante e pesquisadora, tenho buscado aplicar suas ideias em minhas pesquisas e na vivência com os meus pares e na convivência familiar também, procurando sempre valorizar as experiências vividas e refletindo sobre a minha realidade e realidade social que nos encontramos. Tenho testemunhado os resultados positivos dessa abordagem, dentro do meu lar, pois vejo minhas filhas se tornarem mais engajadas e conscientes de seu papel na sociedade.

Paulo Freire, você deixou um legado incrível para a educação. Seu trabalho continua a influenciar e a inspirar educadores em todo o mundo. Sua visão de educação como prática libertadora é uma luz em meio às trevas da desigualdade e da injustiça. Agradeço por tudo o que você fez e por nos mostrar que a educação pode ser uma ferramenta

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS

Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

poderosa para a transformação social e que a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Com gratidão, com admiração, com esperança.

Virna Queiroz Oliveira.

E-mail: virnaqoliveira@gmail.com.

REFERÊNCIA

FREIRE. P. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

A CONEXÃO ENTRE AS PESSOAS MEDIADA POR FREIRE

Caicó (RN), 09 de junho de 2023

Saudações, professor e patrono da educação Paulo Freire!

Meu querido e amado mestre Paulo Freire, venho com muito entusiasmo lhe contar alguns encontros que tive com o senhor por meio de seus escritos.

Tudo iniciou em 2001, quando estava cursando Normal Médio (2001 a 2004), na escola Jerônimo Gueiros, localizada no Município de Canhotinho/Pernambuco, minha cidade natal... eu estudava com a minha irmã gêmea a Maria das Graças Vieira de Melo, éramos uma guardiã da outra! No interregno deste processo formativo, não lembro com precisão o ano, me deparei com duas obras suas, que me deixaram ávidas pelo conhecimento e o gosto pela leitura foi despertado de pronto. A obra "O menino que lia o mundo!". Isso mesmo, Brandão se ocupou em fazer sua biografia e nos apresentou por meio de uma história. Como a sua história me impactou! Vi no senhor, a menina que eu era! Camponesa, de mãos calejadas e unhas pretas de terra, fugindo da roça para ir à escola.

Assim, como o senhor, passei por maus bocados! Sou oriunda da escola multisseriada, desde cedo, aprendi a acordar muito cedo e em meio ao trabalho da roça, via na escola o lugar do meu livramento, em suas palavras seriam o lugar da libertação.

A outra foi "Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar". Nesta obra em especial, o meu fascínio era a sua linguagem. Quando eu lia, o imaginava falando para mim. Quanta elegância e eloquência em suas palavras, nutria em mim o desejo de falar bonito como o senhor. Quero lhe contar

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

que a professora responsável por eu lhe conhecer, foi a professor Gisele Albuquerque, até hoje tenho uma foto dela nos álbuns de recordação que minha mãe Maria do Carmo guarda em suas coisas.

Pois bem, quero lhe dizer que desde aquele momento que lhe conheci, naquelas obras citadas, fui me envolvendo mais nos processos formativos e o Sindicato Rural da minha cidade me ajudou bastante. Foi por meio dele que fui lhe conhecendo melhor, ou melhor, fui vivenciando a sua pedagogia, essa que nos encoraja e nos faz tomar consciência de que somos sujeitos de direitos e protagonistas de nossas vidas!

Pois bem, em meio as ações sindicais, fui secretária da Associação dos Pequenos Agricultores do Sítio Luz, líder do grupo Jovem Saber, programa da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, o qual enviava as cartilhas pelos correios e a gente fazia os estudos e realizávamos as tarefas conclusivas de cada módulo. Era um grupo de 10 mulheres que, paulatinamente foram se reconhecendo como donas de si, superando ali toda dificuldade do machismo, sexismo, misogenia e patriarcalismo. Embates que se faziam dentro do lar, quando o meu pai, criticava e as vezes xingava por não parar em casa. Aprendi desde cedo, que o movimento é base da mudança. Digo que pelo Sindicato também participei de vários encontros e neles nossos saberes eram reconhecidos, nosso potencial valorizado e éramos incitadas a sempre ir além, inclusive a falar, coisa que na escola éramos obrigadas a silenciar!

Meu caro mestre, lhe confesso que em toda minha vida sempre estudei e trabalhei, processos naturais para mim, muito natural. Deste modo demarco o interregno de 2001 a 2011, num duplo movimento formativo: Escola, Sindicato Rural e

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Universidade, foram lócus formativos distintos que mantinham aceso em mim, o desejo ardente pelo conhecimento. O gosto pela leitura, o gosto pela fala. A igreja também cumpriu a missão dela, pois nela fazíamos as leituras da primeira e segunda cartas, nesta época eu era assídua as missas, catequisava, fiz os sacramentos da Primeira Comunhão e da Crisma, agora falta apenas a consagração no altar, o sacramento do casamento! Professor, quero lhe contar que quando cheguei na universidade tinha uma professora que falava muito lindo, palavras nunca ouvidas por mim, então aprendi a estudar com o dicionário do lado, assim como faço quando estudo suas obras. Sou encantada por sua linguagem, a forma como o senhor fala é de uma elegância e eloquência que me fascinam, por isso, sempre busco fazer o meu melhor em minha oratória.

Na minha formação formal sempre lia fragmentos de seus escritos, mas nunca suas obras completas. Digo também que sempre usei fragmentos de seus escritos em minhas práticas pedagógicas, pois sempre fui professora de criança a adulto, tentava vivenciar a sua pedagogia. A minha primeira seleção para professora substituta na Universidade Estadual de Alagoas em 2013, o tema da prova foi transformação social, então fiz bastante uso de suas palavras, fui aprovada e de lá para cá não deixei mais de ser professora. De 2015 a 2018 estive atuando no Programa de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, a equipe pedagógica fez muito uso de suas obras, realizamos um evento chamado Café com Paulo Freire e 6 obras suas foram trabalhadas: “Pedagogia do oprimido”, “Cartas a Guiné Bissau”, “Pedagogia da autonomia”, “Educação e mudança”, “Educação como prática da liberdade”, “Ação cultural para a liberdade e outros inscitos”. Foi um lindo evento!

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Destaco que em 2018 passei a ter uma maior aproximação com seus escritos, isso porque me envolvi no movimento de organização do “X Colóquio Internacional Paulo Freire pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas de Recife/Pernambuco. Nesta época eu estava como professora substituta da UFPE. O senhor sabia que lá, teve um professor de Caruaru que se encantou por mim, veja o seu poder! Pois bem, como eu estava focada nos meus estudos e na minha carreira profissional não dei atenção aos encantos e charme que o Marcos fazia para mim. Pois nas reuniões de organização eu era muito séria, estava comprometida com as atas dos encontros. Pós reunião encaminhava para diretora administrativa do Centro, a professora Inez Fornari (que hoje está falecida, o senhor talvez já a tenha encontrado, sua amiga querida, que agora está com seu esposo João, penso que tenham se encontrado e que estejam conversando muito!).

Meu comportamento e envolvimento no processo de organização do Colóquio, não é que resultou na minha indicação para ser da diretoria do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas? O senhor não acredita como me senti, quando a diretoria atual estava em seu último mandato e precisaria montar a chapa para eleição, estava lá meu nome cotado para ser a diretora pedagógica. Bom, aceitei e em junho de 2019 estava eu empossada na nova diretoria do Centro, Erivalda, presidenta! Danilson Pinto que trabalhou com o senhor como diretor de comunicação, Eliete Amorim, diretora financeira e sua amiga do peito a professora Inês Fornari, a diretora administrativa. A partir de então, fui me aprofundando em seus escritos, de junho a dezembro de 2019, foi para diretoria arrumar a casa, conhecer o Estatuto, saber como funcionava o Centro e o que deveríamos fazer. Então, fomos nos apropriando do Centro, até que em março de 2020, aparece uma pandemia

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

que dizimou milhões de pessoas pelo mundo inteiro, as pessoas foram obrigadas a ficarem exiladas em suas casas.

Veja que situação desagradável e desconfortável, parecia que o mundo estava se acabando e de fato se acabou, para quem foi embora na pandemia, como o meu pai, o senhor Alindo Vieira e o pai da presidenta Maria Erivalda dos Santos Torres, o senhor Antônio. Nossa, professor! Como agir com o Centro e as ações pedagógicas que deveríamos fazer? Bom, lhe obedecemos! Lhe reinventamos, ocupando as ondas da virtualidade e fomos trabalhando por meio da internet, reuniões, eventos, Grupos de Estudos. O seu “XI Colóquio Internacional” foi virtual e a sua festa que fizemos de 100 anos, foi uma festona! Só que virtual. Imagine: uma festa, onde as pessoas estavam em suas casas, conectadas pela internet nas mídias sociais, comemorando o seu legado? Depois, em 2022 quando a pandemia estava bem menos agressiva, fizemos quatro dias de festa para o senhor, u m seminário na sexta, dia 16 de setembro, dia 18 nos organizamos pelo movimento da campanha Paulo Freire Pernambuco, dia 19 estávamos na praia do Pina, em Recife, o senhor conhece bem. Festejamos com três shows maravilhosos: Lia de Itamaracá, Chico Cesar e Silvério Pessoa fizeram seus shows u m mais bonito que o outro e no dia 20, o senhor foi homenageado na concha na sua casa, na Universidade Federal de Pernambuco. Sabe quem estava lá? Toda orgulhosa do senhor, por todo o seu legado, Nita Freire, sua viúva. Nossa, ela deu cada testemunho lindo ao seu respeito, falou com muito amor do senhor e dos seus escritos, ela uma guardiã de seus escritos!

Minha aproximação do senhor tem se materializado a cada dia, pois agora estou liderando um Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

(UFRN/CNPQ), nele temos nos ocupado em estudar na integralidade suas obras, temos escritos também sobre nossos estudos. Assim como também as ações do Centro têm fortalecido a ampliação do conhecimento e a sistematização do seu legado que tem atravessado nossas práticas cotidianas em nossas atividades, tanto nos ambientes formais de ensino quanto nos movimentos que faço parte como o Comitê Territorial da Educação Integral – Polo Caicó, o Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas - PE, A Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH) e a Rede Brasileira por Instituições Educativas Socialmente Justas e Aldeias, Campos e Cidades que Educam (REDHUMANI), coletivos que disseminam uma educação humanizadora e transformadora!

Professor, todos estes acontecimentos aqui narrados me aproximam do senhor e me fazem ter intimidade contigo, posso lhe dizer que o senhor conseguiu colocar um companheiro ao meu lado. Saiba que o senhor é meu padrinho, ou seria o meu cúpido? Bom, o fato é que estou com André desde abril de 2019 até agora, isso também é obra sua! O seu poder é transcendental, une gerações e enlaça almas!

Para finalizar, minhas confidências, quero lhe dizer que o Centro está de vento em popa, isso mesmo temos muitas ações, o senhor pode conhecer todas através das nossas redes sociais e do canal do *YouTube* do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas. Temos atualmente 24 livros escritos de 2019 até hoje, lhe reinventamos e estamos aqui e agora fazendo isso por meio de sua obra: “Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar” (mais uma vez estudada), que o senhor nos deixa vários conselhos, conselhos desde o primeiro dia aula aos dias atuais.

Sou muito grata, por todos os saberes que o senhor me promove apreender, todas as ações que faço, tem muito do seu

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

legado pedagógico, me esforço para seguir seus exemplos práticos que embelezam a sua teoria.

Com muito amor e carinho, registro os meus agradecimentos a todas as pessoas que estão juntas a mim, lhe reinventamos!

Digo, que seu sonho é meu também!

Com muito esmero e admiração, sinta-se abraçada por mim, com toda minha gratidão por tudo que sou hoje!
Carinhosamente,

Maria Aparecida Vieira de Melo.
Email: m_aparecida_v_melo@hotmail.com

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

O MOVIMENTO COM PAULO FREIRE

Alagoas (AL), 06 de junho de 2023

Querido, Paulo!

Você ainda estava presente nesse mundo quando estudei lá no Centro de Educação da UFPE, onde fiz História. Lembro ainda quando ao pé do elevador soube de seu falecimento. "Paulo Freire morreu", disse u ma colega de sala. Era maio de 1997. Naquele momento já sabia de alcance mundial da sua obra, mas ainda não tinha noção da importância de seus escritos e militância por uma educação emancipadora.

Foi embaixo de pés de manga, de cajueiros, de baobás, junto aos movimentos sociais que tive a plena dimensão de sua importância. *"Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia"*¹. Foram os movimentos pela terra, pela educação, pelo feminismo, pela agroecologia, que deram materialidade a sua obra. Foi a concretude da vida que vinculou, para mim, obra e vida.

A luta é longa, Paulo! No Brasil ainda não alcançamos nem a universalidade da educação, imagina a educação libertadora! Recentemente tomamos conhecimento de graves casos de trabalho análogo a escravidão em vinícolas no sul do país (análogo não! Escravidão mesmo! Com tortura e tudo mais) lembramos *muito* de você falando do processo de alfabetização *"Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto*

¹FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho". Podiam todos serem alfabetizados, mas de forma instrumental, sem conseguir ler o mundo.

É um tempo difícil, Paulo! A força vem da luta cotidiana, das risadas embaixo dos pés de mangueira, do amor pelos companheiras e companheiros e das lições trazidas por pessoas como você! Grata! Seguiremos esperando, lutando e estudando. Tenho um quadrinho na minha sala de trabalho onde está escrito um dos meus trechos favoritos de sua obra: "*É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade surgiram o contrário*"². Quando titubeio leio ele bem *de-va-ga-ri-nho*. Um calorzinho no coração mostra o caminho. Esperançamos! Abraços,

Giovana Carina da Silva
Email: giovanakaiowa@gmail.com

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
FREIRE, Paulo. *A sombra dessa mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

²FREIRE, Paulo. *A sombra dessa mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

A CONHECER PAULO FREIRE

São Luís (MA), 13 de junho de 2023

Caro, Professor Paulo Freire,

Chamo-me Luana Tereza de Barros Vieira Rocha, sou de São Luís-MA, formada em Serviço Social, Mestre e Doutora em Políticas Públicas, tudo pela Universidade Federal do Maranhão. Participo, desde 2004, do Grupo de Estudos, Lutas Sociais e Ideologias – GEPOLIS, por aquela Universidade. Os grupos de estudos sempre me foram valiosos. Transcender a sala de aula também estiveram como vontade obstinada por aprofundamentos teóricos, desenvolvimentos acadêmicos, conhecer pessoas.

Conhecer pessoas, saber mais... isso me leva a grandes contentamentos e ele nunca se fixou a um ponto, a um grupo fechado. A sede por descobrir mais, de instigar-se mais levou-me a romper os limites espaciais e comunicativos e me proporcionou, em dezembro de 2021, por uma mídia social, *Instagram*, a conhecer o GEPEPF.

Naquele ano, estava em um turbilhão de afazeres. Preparava-me para ingressar na Marinha e, devido à intensidade de estudos somente pude “seguir” o perfil e “curtir” postagens. Parecia-me convidativo, profundo e instigante. Na época trabalha em uma instituição de atendimento às mulheres em situação de violência, um serviço e uma militância pautada na garantia à vida, ao direito de valorização a pessoa humana, a firmar a dignidade de mulheres que tiveram seus desejos, projetos e amor adiados ou mesmo suprimidos.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Estudava para a carreira militar em meio a paixão da luta por igualdade de gênero. Estudava por melhores condições de vida enquanto ‘namorava’ o GEPEPF. E, por essa razão, percorreram-se dias, meses, e nada de embrenhar-me em suas obras, em conhecer seu pensamento libertador, humano, transformador. Ouvia dali e acolá seu nome. Mas não havia tempo para compreender suas ideias, seus feitos e seu legado.

Tudo isso, mostra que viver no mundo capitalista onde a vida, praticamente resume-se a sobrevivência através da venda da força de trabalho leva a adiamentos dolorosos de planos e pretensões. Mas viver é melhor que sonhar como disse a grande cantora Elis Regina (risos) e, somente em 2023, pude participar dos encontros quinzenais, as quintas-feiras.

Quanta satisfação esses momentos! Não somente discutíamos suas valiosas ideias, nem apenas apreendíamos novos olhares sobre o mundo, o homem, a vida em torno do ensino, da aprendizagem, mas vivíamos como seres curiosos em busca de conexões, de trocas, nós nos engrandecíamos nesse momento.

Havia ali o momento ímpar de suprimir o cansado da vida árdua tomada de praticidade irreflexiva que todo e qualquer homem neste tempo enfrenta. O distanciamento do saber suspendia-se e nos encontrávamos no cenário de saber e construção da ciência. Isso ocorria, desde como iniciava o encontro, na leitura de poesias, na discussão profunda se suas mensagens, no respeito de ouvir todas as falas e acréscimos e até discordâncias. A comunicação tão fundamental para práxis como tão bem diz o Senhor dava-se, e tudo isso atraía-me a cada encontro, a aguçava-me mesmo diante de profundo cansado decorrente do trabalho, fazia-me estar lá diante do computador a aprender com todos e todas, a contribuir a crescer-me.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Discute-se ideias e éramos orientados por aqueles que já se encontram a mais tempo na jornada. São educadores, mestres e aprendizes. Suas ideias acarretam um todo existente capaz de guiar mentes para a humanização, a sensibilidade, ao amor, mesmo inseridos numa sociedade tão desigual, exploradora e desumana. Não nos é fácil a prática dos teus caminhos ensinados, caro professor, mas também não nos abalemos ou a refutemos no nosso dia a dia. A luta se dá bem nisto: deter o saber e buscar sua prática, mesmo que seja na criticidade daquilo já vivido.

Das poesias introdutórias associadas aos capítulos de sua obra intitulada “Educação como prática da Liberdade” para algo inédito até então: a organização e realização de estudos com pessoas tão distantes fisicamente, unidas por mecanismos virtuais. A quebra de barreiras quanto a concretização da busca pelo saber ocorre nesse modo e, apesar de não termos propriamente aquele calor humano, o toque, as risadas próximas, em nada os anula ou os evita, apenas os redimensiona ou os configura para novas formas de existirem.

E a tratar de sua obra “Educação como prática da Liberdade” mergulhamos com profundidade em suas ideias, infiro que preciso visitar muitas vezes esta obra. Com efeito, a cada nova compreensão, ideias brotam e olhares são desvelados diante de suas construções. Gostei quando pude perceber o quanto vivemos na fragmentação das ideias, numa luta incessante entre práticas desalinhasdas com o saber progressista e, até mesmo, transformador e requer, por isso, a urgência de mudanças.

O ato de educar, assim timidamente lanço ao Senhor, está na decodificação do mundo, a ler a realidade, a perceber seus problemas e analisar contradições. É propor alternativas mesmo diante dos profundos e duros pilares desta sociedade

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

que desqualifica o Educador, vê com irrelevância a educação e ameaça grandes pensamentos neste campo por, justamente, monta-se na desigualdade, na exploração e na desumanização.

Tais características da sociedade do capital provocam, a todo custo, o silenciamento plural do homem e um deles está no acesso a criticidade, na reflexão de possíveis superações e unicidade de bandeiras de lutas diante da diversidade de campos existentes. Essas ideias se aprofundaram em muito depois de minha participação do GEPEPF. As concepções freirianas só mostram o quanto é práxis, o quando desnudam as contradições da vida concreta e o quando pulsa por mudança tornando o homem mais humano, não alheio ou estranho ao bem-viver, a competição e a individualidade exacerbada enquanto parte de uma condição humana mesquinha e indiferente às injustiças.

Aprendi com o Senhor que o homem livre é um homem detentor do saber de sua história, da comunhão de uma unidade, da criatividade e do amor como criticidade, sim eu pude perceber esses significados ao longo de nossos encontros. Vi também a supressão das hierarquias no sentido de opressão, subestimação e distanciamento, quando o Senhor bem coloca sobre o valor exponencial do *diálogo*.

É o diálogo que aproxima pessoas, que o homem se faz pensante e homem na natureza e sociedade. Sem dúvida o encadeamento de ideias e seu conhecimento para além de quem a cria ou provoca está na capacidade de emití-la ao outro e ao mundo. O diálogo para o aguçamento da participação, a quebra da fragmentação e a possibilidade de aproximação é um mecanismo não hierarquizado e não engessado, é contextualizar-se no campo da não distinção entre os homens que os desqualifica, e sim uni para buscar algo. Ele,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

o diálogo, liga homens com “amor, com esperança, com fé um no outro”.

Assim, pude aprender que falar não é o mesmo que dialogar, talvez a fala seja somente a ponte propulsora, uma via a se chegar em algum lugar ou em alguém. Falar é emitir ideias que decorrem de pensamentos, claro, mas que não é genuinamente de uma concepção de mundo onde o sujeito está inserido ou é formado. Possa ser que a fala é algo tomado por empréstimo, algo passageiro e por conveniência. Quantos se aproximam de grandes causas mais é para alavancar suas imagens e que, no fundo, abjura aquela realidade tão bem utilizada. Isso cai em hipocrisias para impressionar alguém, para fascinar multidões por um dado tempo. Dialogar, e eu aprendi com o Senhor, é viver o que é pronunciado, é ligação profunda com aquele que ouvi e o quanto ambos e tantos podem fazer com aquilo anunciado. O diálogo são pilares de profundas mudanças e no GEPEPF podemos assim proceder, viver e transformar.

Uma questão bastante pertinente que vivenciei neste primeiro semestre de 2023 foi a diversidade de formações dos membros dos grupos e, não somente, como também os diferentes níveis de formação acadêmica, ou seja, graduados, graduandos, mestres, mestrandos, doutores, professores, assistentes sociais, juntos a discutir seus ensinamentos, mostrando que não há barreiras que impeçam a construção do conhecimento, que quem está mais à frente auxilia os mais “moços” e que esses surpreendem com seus conhecimentos, energia, vontade de saber mais.

O Senhor causa proezas, é sim. Vejo as linhas de cada parágrafo e visualizo aquele tempo, vejo sim. E dessa maneira tão didática o estudo vai se montando. É a teoria com a prática que não se reduz a sala de aula, mas avança para vida, está

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

em todo fazer educativo, e seus ensinamentos em comunidade podem ser desenvolvidos.

Falei das poesias no início e fim dos encontros? Pois é, para mim é a forma de liberdade logo de primeira. Elas antecedem o processo de discussão que tínhamos e já citado aqui por mim. O senhor bem colocou na sua obra que “uma educação como prática de liberdade só poderá se realizar plenamente numa sociedade onde existe as condições econômicas, sociais e políticas de uma existência e m liberdade”. Mas acredito eu que essa percepção foi possível pela sociedade excludente que temos, ela produz suas crises, suas contradições e a superação dos seus alicerces dicotômicos.

Isso implica dizer, professor e concordo com o Senhor que essa compreensão nada mais é que um posicionamento político. A neutralidade diante das coisas, dos eventos humanos, da história não deixa de ser ideologicamente política.

E ser político é tomar um caminho, um rumo, um partido, uma classe diante das contradições dos eventos humanos. Isso não deixa de ser liberdade se comparado aos momentos temporais não tão distante de hoje onde nos era imposto um modo ser, uma bandeira existente e se contrariada era sucumbida a vida. A educação, professor, eu bem vi no GEPEPF, é uma prática participativa livre e crítica de homens e mulheres populares com suas linguagens, suas visões de mundo que tem sua carga educativa, de vivências e saberes sempre valorizando a complexidade fonêmica por eles apresentados.

O dito pelo diálogo por esses homens e mulheres é base de toda uma iniciativa capaz de desdobrar no fazer do educador e isso aprendi com muita alegria no GEPEPF. Não existe aquele que sabe mais e o que sabe menos, um a agir ativamente e o outro na condição passiva de ser, há aquele com seu universo recheado de significados e significantes que o fará

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

de celeiro de entendimentos para descobrir sílabas e tantos entendimentos.

Isso me mostra que a palavra não deve é entendida em si, mas a situação de onde parte e para qual rumo caminha. E, de fato, aquilo que não traz significância não me é apreendida, posso até mesmo ouvir, compreender, minimamente, mas não permanece, não ganha vida, ânimo para continuar em minha mente. E mais não basta também ser de meu ciclo de vivências é o conteúdo de conscientização que cada palavra pode transmitir sendo aquilo que vi no livro estudo como um “princípio essencial: a alfabetização e a conscientização jamais se separam” (Freire, 1967, p.5). Isso acaba naquilo que foi dito antes sobre a condição política das coisas, a alfabetização, conforme sua perspectiva traz isso.

Outra questão muito importante que retomo é sobre o diálogo agora como evitar a domesticação. Vi com as leituras que dialogar e compreender a visão do outro e dele ter um retorno verbalizado não deve ser utilizada para pacificar e permitir um agir alienado dos envolvidos, pervertendo o diálogo na perspectiva transformadora.

É nessa seara que vamos ver mundos não apenas na construção uniformizante, professor, mas tornar esse mecanismo com uma linguagem própria tomada de anseios, frustrações, descrenças, esperanças. E alunos são homens históricos ou como bem diz o Senhor homem-sujeito.

E todo esse processo para mim é valioso. É um chamado que contraria meu mundo prático por esses tempos. Aprendi, conheci pessoas e venho aprendendo com mestres, doutores, graduados e graduandos. A consciência não é uma construção fácil, não focado, exclusivamente na teoria e muito menos vivendo inteiramente a prática. Esse processo é dialógico, mas não domesticação e nem apolítico. E o mais interessante,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

professor é saber que tudo isso é somente o início de uma jornada de saber e conhecimento junto ao GEPEPF.

Recriar a utopia e ter em nossos propósitos a esperança foi-me fascinante e isso é possível pela via do paradigma popular quando múltiplos saberes nos são compartilhados, respeitando as especificidades e reconfigurando mundos de Educação.

A perseverança anima e nos gera fôlego. Traçar caminhos, ter consciência do ato político constante e busca incessante pelo bem viver em sua totalidade me foi possível com o Senhor neste primeiro contato. A luta é vindoura. A Educação popular percorre esse caminho e tem esse sentido.

Quanto ao GEPEPF é para mim o cenário de produção, criação e avanço. Somos valorizados, engrandecidos até nos erros que não deixam de ser parte do ensinamento. Gratidão por todas essas mudanças e pessoas e espero continuar a ser mais humana em todo momento em que tenho contato com seus saberes, caro professor Freire.

Luana Tereza de Barros Vieira Rocha
Email: lunaflorrocha@hotmail.com

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967.

OLHO NO OLHO: UM DIÁLOGO QUE GOSTARIA DE TER

Caicó/RN, 28 de julho de 2023

Querido Freire,

Como o senhor está por aí? Sou Geovar, não sei se me conhece. Portanto, permita-me apresentar. Sou Geovar, mas pode me chamar como Miguel. Gosto desse nome... Alguns me chamam de Geo e outro de José. Tenho vários nomes, as pessoas ao conhecer-me, dão o nome que acha ser a minha cara. Confesso que eu amo isso. Eu acho um máximo, pois penso que é uma forma afetiva que elas, as pessoas, têm de se relacionar comigo.

Escrevo em uma tarde ensolarada, no quarto da minha casa, deitado sobre minha cama, com o computador à minha frente. aqui na minha cidade, conhecida como a capital do Seridó, estamos em festa. É a festa da padroeira da cidade, Senhora Sant'Ana. É incrível como neste momento respiramos nossa cultura. A cidade se arruma inteira para rever seus conterrâneos que estão mundo afora. É também momento de rever amigos, de festejar, de encontro com nossa espiritualidade e religiosidade.

Querido Paulo, aqui pela Terra, as pessoas têm-se o costume de se apresentar ou apresentar algum informando os títulos. Não farei isto, certo? E tem um motivo: a conversa aqui é de pessoa para pessoa, de gente para gente, de humano para humano. Pensando bem, é de alma com alma. De almas que tem como grande desejo a transformação do mundo, para

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

torná-lo menos injusto, menos desigual e mais humano, mais livre, menos opressor e mais fraterno.

Meu querido, aqui pelas minhas andanças, que não foram muitas, mas foram algumas, tenho encontrado pessoas que leem, estudam e vivem os seus escritos. Você tem habitado dentro de tantas pessoas. Você, meu caro, continua vivo e pulsante em nossa gente, em nosso povo. Tem gente que não gosta de você, mas não o leu e se leu, não gosta por um motivo: você rasga a cortina da dominação. Seu legado inquieta muita gente.

Dito isso, irei falar um pouco das minhas andanças e encontros contigo. Falarei também um pouco das minhas inquietações, dos meus pensares e falares, como diz minha amiga e colega de trabalho, a quem chamo carinhosamente, a Professora Maria Aparecida Fernandes (10ª DIREC). Ah, Paulo, deixa eu dizer uma coisa, são muitas Aparecidas. Essa é uma delas. Essas mulheres são grandes. Eu amo conversar com elas. As mulheres têm feito uma grande revolução em nosso planeta.

Meu primeiro encontro contigo foi no curso de Pedagogia, tanto em Caicó/RN, quanto em Juiz de Fora/MG. Em Caicó eu não tenho muitas lembranças como foi e nem o que eu li. Só sei que teve. Já em Juiz de Fora, ah... Lá eu encontrei a sua pessoa de forma amorosa e significativa pela fala da Professora Geruza Cristina Meirelles Volpe, li e discuti um livro seu... Ele está todo rabiscado... Deixei em Juiz de Fora, pois tive que voltar às pressas para Caicó.

Debatíamos os seus escritos com grande eloquência. Foi incrível. A lágrima caía ao rosto em algumas passagens. Teve uma específica que eu fui aos prantos, em que o senhor relata que uma pessoa, para matar a fome, comia a mama de uma mulher. Senti, neste momento, a fome da humanidade. Senti neste momento, a dor daqueles e daquelas que não tem o que

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

comer e precisam, por causa das injustiças, viver na marginalidade da riqueza de poucos. É por essas pessoas e por tantas outras, que estão perto e distantes de mim que busco forças cotidianamente para lutar (não gosto dessa palavra, pois remete a guerra, talvez a melhor palavra seria construir... Construir um mundo menos desigual). Li este livro três vezes. A segunda foi e m u m Grupo de Estudos do Centro Paulo Freire, coordenado pelas Professoras Maria Aparecida Vieira de Melo e Erivalda Tavares. Neste momento da leitura, o mundo estava vivenciando a pandemia da COVID-19, em que o distanciamento humano estava decretado, pois corríamos risco de vida. Foi um momento de grandes mudanças e que aprendemos a usar a tecnologia digital a nosso favor. Encontrei essas duas pessoas maravilhosas e que admiro por mais.

A terceira vez foi, ah, esta terceira vez foi com u m significado e mergulho maior e mais profundo. Nunca antes dado pela minha pessoa. Mergulhei de cabeça e busquei compreender melhor o que lá estava. Desta vez, foi para discutir a Alfabetização de Jovens e Adultos no sertão seridoense, através do Projeto Alfabetização Nenhum a Menos, vinculado à Política de Superação ao Analfabetismo de pessoas que por diversos motivos não aprenderam a ler e a escrever.

Foi neste momento que Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente tomou forma em minha mente. Li com amor, afincado e sobretudo com sede de saber. Foi uma leitura que começou coletiva, com todos os assessores pedagógicos da 10ª Diretoria Regional da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer/10ª DIREC/SEEC-RN. Depois ficou apenas com um grupo menor, incumbido de apresentar suas ideias na formação do projeto de alfabetização que mencionei acima. Fizemos um resumo desta obra. Entendi alguns saberes necessários não só ao professor, mas à

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

educação e aos humanos. Aprendi que precisamos de amorosidade, rigorosidade, ética e estética. Mais tarde, fui assumir a coordenação deste projeto de alfabetização e vivenciar um pouco mais das suas palavras e ensinamentos. Assumir também um círculo de cultura fez parte dessa andança.

Foi lá também que encontrei Carlos Rodrigues Brandão, que recentemente foi ao seu encontro e devem estar confabulando. Li o que Brandão escreveu sobre sua forma de alfabetização, no livro "O que o método Paulo Freire". Foi com esta obra que entendi melhor sobre o universo vocabular, a escolha da palavra geradora, da ficha de descoberta, dos temas geradores e da ficha de desdobramento.

Mas foi com Mércia Carla, Veracilda Vale, Aparecida Fernandes e Nazineide Brito que a coisa fez sentido na minha cabeça. Já com meus pupilos do círculo de cultura, foi que a mágica aconteceu. Foi onde eu vi o que Brandão chamou de método, materializado na realidade. Foi onde vi que era possível alfabetizar em 40 horas, conforme a experiência de Angicos.

Muitos outros encontros aconteceram, Freire. Outro bastante significativo foi com o Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire, este último é de uma potência fenomenal. Tem congregado pessoas de diversas áreas de formação, seja inicial ou continuada. É um grupo que se encontra virtualmente, de forma quinzenal, nas quintas-feiras e estuda uma de suas obras. Liderado por Maria Aparecida Vieira de Melo e tem uma das bolsistas que está fora da curva, a nossa querida Day. Ela arenga muito comigo, já eu, não faço o mesmo com ela (risos). Nesse grupo, tenho me fortalecido enquanto profissional, mas principalmente, como ser humano. Como humano que sou.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

O último encontro que relato pelas minhas andanças foi com Walter Koan, um filósofo argentino que, como um menino-homem, tem percorrido o Brasil perguntando e deixando os outros a perguntar. Sem respostas, mas com questões, escreveu alguns livros e estou neste momento lendo um livro que comemora o seu centenário. É um livro instigador. Ele é pequeno, cor de rosa. É um livro cheio de afeto e que nos convida a pensar Freire menino. Encontrei com Koan 3 vezes apenas, a primeira foi no meu ambiente de trabalho, a segunda foi em Angicos, comemorando os 60 anos da experiência que o senhor desenvolveu lá e por fim, aqui em Caicó-RN, no mesmo local inicial. Tive a oportunidade de trocar ideias com ele e ficar mais encantado com o caminho que este inquietante ser tem percorrido pelas veredas brasileiras.

Sabe Paulo, depois disso tudo que falei, desses encontros cheio de amor e afeto, o que fico pensando? Que muito ainda temos que trilhar, que o caminho se faz percorrendo, como bem lembrou o Walter. Mas, de uma coisa é certa, estamos no caminho certo. No caminho de deixar o mundo um lugar melhor. Muito ainda tem que lutar, e aqui é esta a palavra, a palavra de que precisamos enfrentar os reacionários, os tradicionalistas, o patriarcado, o neoliberalismo, o capitalismo, o machismo, e tantos outros movimentos opressores. E como o senhor bem disse e nos ensinou, é através da Educação, que precisa ser libertadora, progressista e transformadora, que conseguiremos construir o mundo que sonhamos.

Confesso, meu querido Freire, que por vezes perguntei se seria possível, se é viável? Por vezes vinha em minha mente algo neste sentido: como Freire fez isso? Eu queria ter vivido neste tempo para ver acontecendo. Para ver Paulo sendo Freire. Conclui que não é preciso ver, é preciso ler. Pois a sua escrita, representa de fato a sua prática. Muito mais do que teorizar,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

você viveu. E cada dia tenho certeza disso. Como ser humano incompleto, inconcluso e inacabado que foi, compreendo que também sou e serei incompleto, inconcluso e inacabado, e entender isso, é potente, pois sei que sempre posso ser mais, sempre posso buscar mais, pois sempre tem e terá algo a ser lapidado, a ser revisto, a ser pensado. Sempre haverá lacunas, sempre haverá u m novo, um ser mais. Um buscar e vir a ser mais. Mais de nós mesmo.

Freire, nessas andanças tenho escrito um pouco, pois acredito que é na escrita que nos eternizamos. É com ela que deixamos nossa marca no mundo pós vida. É também nas pessoas que nos eternizamos e com elas. Por isso, tenho me ocupado com isso. Em escrever. Em insistir com meus estudantes na leitura e escrita. Pois é com esse instrumento, que vem da nossa linguagem, que podemos dizer e anunciar o mundo que temos e que queremos. Cada dia isso tá mais nítido em minha mente. Seus escritos têm sido essenciais para isso. Relei, revejo, repenso, replanejo, constato e intervenho. Foi contigo e com muitos outras e outras que aprendi que não há neutralidade, que tudo tem um motivo, um sentido, um porque, uma intencionalidade.

Sabe, querido Paulo, eu pensava que teria muitas perguntas a te fazer. Mas agora, chegando ao término da carta, vejo que tive muito mais a dizer/relatar, do que a perguntar. A minha maior questão é no campo da possibilidade, da concretude, é sobre o como. É sobre como é possível dar continuidade ao teu legado? À primeira vista tenho algumas respostas. Mas não darei. Ficará a cargo dos nossos leitores. Pois cada um tem seu modo de fazer, uma forma de funcionar. Só sei que é um utópico viável. É possível.

E nisso, eu vivo num processo constante de ação-reflexão-ação, dando continuidade ao que você nos disse. É

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

reflexão-ação-reflexão. É coletividade. É construção humana. É democracia. É diálogo. É educação progressista. Finalizo esta carta, meu querido, com uma escrita-pensamento do Darcy Ribeiro:

Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.
Estamos e estaremos ao lado de quem tentou, essa é sim, a nossa vitória. A vitória de quem acredita em uma educação humana, integral, com direitos para todos, todas e todes!
Abraços fraternos, afetuosos e cheios de amorosidade.

Geovar Miguel dos Santos
Email: geovar17@gmail.com

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

TECENDO DEMOCRACIA E GESTÃO: URDIDURAS FREIREANAS EM UMA ESCOLA DE EJA

Caicó (RN), 23 de julho de 2023

Querido Paulo, saudações calorosas!

Mais uma vez, escrevo-te essas linhas mergulhada na saudade de sempre. Ainda me encontro bastante consternada com a perda do nosso grande amigo Brandão, que tanto nos inspira nas lutas cotidianas por uma educação democrática e uma sociedade mais justa. No entanto, o que me acalenta são vossos legados que ficaram entre nós, educadores e educadoras, como reflexões importantes na busca constante do *ser mais* de mulheres e homens nessa jornada terrena.

Ultimamente tenho me debruçado em pensamentos sobre minha prática, como me posiciono cotidianamente nos espaços que ocupo, os lados que tenho assumido nesse mundo tão feio e malvado, repleto de injustiças. Não tem sido nada fácil, amigo, viver em uma sociedade em que os ditos do mercado têm esvaziado as pessoas de suas humanidades em nome do poder e do dinheiro. Parecem seres de plástico, programáveis, com objetivos de crescimento pessoal a qualquer custo, a serem registrados nas telas de seus telefones caros, que filmam o que deveria ser vivido intensamente.

A humanidade tem caminhado por estradas que nos afastam uns dos outros e invisibilizam os mais humildes e vulneráveis, deixando-os às margens sociais. São com/por eles que lutamos, por seus direitos e lugar de fala para que denunciem suas dores e conquistem a dignidade de viver. Agora, no governo Lula, buscamos reconstruir o país e amenizar os estragos deixados pelos desmandos bolsonaristas,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

mas essa tarefa deve ser realizada a longo prazo. Apesar disso, resistimos e continuamos a caminhada em nossos fazeres cotidianos amenizando essas dores como possível, plantando sonhos e esperanças de dias melhores.

Acredito que não havia mencionado, Paulo, mas experienciei a gestão de uma escola de Educação de Jovens e Adultos neste ano. A ousadia ensinada por ti, encorajou-me a desejar essa experiência a qual vivi amorosamente por quatro meses. Há algum tempo essa ideia se nutria em mim e, quando chegada a hora, não tive dúvidas em assumir.

Como assessora pedagógica da 10ª Diretoria Regional de Educação eu já conhecia e acompanhava essa escola, periférica, abandonada e desacreditada na e pela comunidade em que se localiza. A recente implantação do Ensino Médio trouxe algum respiro no número de estudantes, mas a ameaça de extinção rondava-a ano após ano e, com a pandemia, tornou-se real essa possibilidade. Aqui no Rio Grande do Norte vivemos a experiência da gestão democrática, no entanto, com a renúncia da gestora eleita foi necessária a indicação de um interventor até as eleições suplementares, eis o motivo pelo qual assumi a gestão. Apesar da comunidade escolar clamar a minha permanência, exaltei a importância da democracia em qualquer espaço e a escola se insere nesse contexto. Apoiei e incentivei o pleito eleitoral e continuo assessorando a escola bem de perto, como mãe que acalenta um filho e torce por seu sucesso.

Ah, Paulo, como precisei de ti esse tempo todo! Ficava a me perguntar como você enfrentaria cada desafio que me estava posto e procurava as respostas em sua experiência enquanto gestor público, afinal, como se faz educação pública, democrática e de qualidade? Como abandonar o título de tia para assumir o de professora, com todo o teor ideológico que

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

essa palavra representa? Lutar contra uma cultura assistencialista e hegemônica não parecia ser tarefa fácil, mas precisava ser enfrentada.

Imersa nessas reflexões, foi necessária mergulhar na realidade que se mostrava dura, amarga e excludente. Comecei com o entusiasmo de uma professora em seu primeiro dia de aula: ansiosa por conhecer os estudantes, conversar com eles, saber de suas necessidades, considerar suas falas... cheguei primeiro que qualquer um deles naquele espaço, porque a esperança me movia, ainda me move. Um a um chegavam com suas histórias e se admiravam em ser recebidos pela diretora na porta.

A escola se resumia fisicamente a três salas de aula, uma sala de direção/apoio pedagógico/secretaria, uma sala de leitura e outra de multimídias, que se transformou em sala de aula pela demanda da escola e falta de espaço físico. Havia um modesto pátio que servia de refeitório, com mesas enfileiradas e onde se contavam as novidades do final de semana ou daquele dia, e era quando a escola se *gentrificava* em sua diversidade.

No momento da acolhida, Paulo, a janta era servida segundo o cardápio exposto na parede. Observei cuidadosamente o que se propunha como merenda em cada dia da semana e me sentei com eles para que conversassem sobre isso também. Admirada por esse mundo de novidades, surpreendi-me quando um deles perguntou: “A senhora é mesmo a diretora?” com minha afirmativa, o estudante continuou: “Pois nem parece. Nenhuma delas esteve aqui nessa mesa com a gente para jantar ou conversar.” Aquilo me atravessou de tal maneira, Paulo, que me fez pensar em como mobilizar a escola para a humanização daquele espaço. Esse

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

foi o primeiro desafio que assumi e a primeira lição que tomei: a de ser eternamente aprendiz.

Daquele momento em diante, insisti em me sentar ali, todas as noites, ouvindo as reclamações da merenda no dia de bolacha com suco, de como a escola estava escura, quente... naturalmente, a coordenadora pedagógica veio nos fazer companhia na mesa e os professores e professoras também tomaram assento. Estávamos toda a equipe proseando com os estudantes antes do toque para a primeira aula, tecendo redes de conhecimentos e afetos, querendo-nos bem uns aos outros, pois “[...] é impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes da desistência” (Freire, 2020a, p. 28).

Estar com eles e elas e suas crianças, que acolhíamos para que as mães pudessem estudar, não nos isentava de nosso profissionalismo, mas nos nutria de humanidade e afeto, compreendendo as limitações e dificuldades que nos dispúnhamos a enfrentar com eles em busca da tão sonhada escolarização. Às vezes, Paulo, eu me dispunha a dar aulas em alguma necessidade de falta dos professores. Na turma de alfabetização, pude conversar com homens e mulheres adultos que mantinham a curiosidade e vontade de criança em estar na escola, no processo de leitura e escrita, críticos da realidade que os cercam, das dificuldades do mundo do trabalho e conscientes da malvadeza da sociedade machista, patriarcal, pautada em preceitos capitalistas.

Mergulhei nesse cotidiano, sabe? Durante o dia eu me dedicava às questões burocráticas da escola, na luta pelo lanche/janta que sustentasse o trabalhador que chegava à escola, mesmo com a baixa *per cápita* do estudante da EJA; ofícios para sanar a falta de professores, dentre outros. À noite, eu me deleitava nas conversas no refeitório e traçava metas a

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

partir do que conhecia dos estudantes, no intuito de, junto à equipe, amenizar o preconceito, o mal querer e até encaminhar alguns aos serviços de atenção básica na intenção de que seus direitos à saúde, à alimentação, à vida digna fossem garantidos de alguma maneira. Até acompanhei uma das estudantes, mas de tal maneira que ela tivesse autonomia para continuar a luta sozinha, fomentando a autorreflexão e reflexão sobre sua vida e seu entorno, no exercício de tomada de consciência e politização.

Desse modo, penso ser importante o fomento de uma educação que possibilite a discussão das problemáticas dos estudantes, inserindo-os nelas. Assim, consciente da realidade que os cercam, dos perigos eminentes, que lutem com força e coragem por seus direitos sociais, protagonizando essas ações (Freire, 2020b). Esse pensamento que me invade, nobre amigo, emergiu das reflexões de sua obra Educação como prática de liberdade que atravessava diariamente minhas tomadas de decisão na escola, obrigada, também, por isso. Nosso diálogo era permanente e necessário.

O prédio, apesar de pequeno, abrigava uma escola plural e complexa, repleta de demandas a serem cumpridas, e isso se agravou com minha dupla jornada na assessoria pedagógica da Diretoria Regional de Educação. Dividindo-me entre as escolas que assessorava e a escola que gestava, a qual também estranhamente assessorava, confesso que não me dediquei como desejava. Isso seria humanamente possível? A equipe gestora era enxuta, e precisei assumir a função do coordenador financeiro por um período considerável, o que me rendeu responsabilidades mesmo após minha exoneração do cargo. No entanto, Paulo, fiz questão de reunir os conselhos da escola com frequência para consultá-los sobre a aplicação das verbas disponíveis que, nem sempre, eram aplicadas onde eu

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

esperava que fosse prioridade. Democracia é difícil de praticar, mas se torna um hábito prazeroso principalmente pela divisão de responsabilidades.

O corpo docente, em sua grande maioria, completava carga horária na escola. Essa realidade é bastante comum na educação de jovens e adultos, no entanto, acredito que para se estar na EJA deve-se ter o perfil sensível e compreensivo com realidades dos estudantes, no intuito de promover e não reter. Mas como, Paulo, ser professor sem estabelecer vínculos? Como ensinar sem se reconhecer como aprendiz? Como superar a arrogância das disciplinas de área que se veem hegemônicas, descartando conhecimentos cotidianos construídos de vivências e culturas? Esse foi mais um desafio a ser enfrentado e, não nego, despertou-me medo.

Como pedagoga, com mais de duas décadas de experiência, vivenciei muitas situações em que professores desacreditaram de minha competência em contribuir com o trabalho deles. Afinal, como uma pedagoga pode saber de matemática, química, física e biologia mais que nós? Esse pensamento elitista das disciplinas curriculares interditiu muitas contribuições que poderiam ter amenizado as dificuldades de estudantes em aprender aqueles conteúdos e, quem sabe, relacioná-los com suas vidas cotidianas. Sabe, Paulo, aprendi contigo que o medo é concreto e que é um sentimento humano que deve ser considerado e sentido. No entanto, esse sentimento não pode nos paralisar no sentido de nos tomar as forças de luta, a coragem do enfrentamento (Freire, 2020a).

Nesse sentido, oportuneizei alguns momentos de diálogo com os professores, de escuta. Conheci suas dificuldades com o turno noturno, com os estudantes, com o trabalho naquela escola. Avaliamos os percursos e demos novos rumos algumas

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

vezes ao que estávamos fazendo. Em pouco tempo, nos tornamos uma equipe coesa e com horizontes comuns de acolhida, compreensão e busca do sucesso dos estudantes, o que resultou em mais matrículas e a permanência dos que já estavam. Compreendi que o medo se transfigurava em dificuldade, porque eu me recusava a usar a autoridade da gestão para impor situações. O diálogo, a escuta atenta e o desejo de transformar aquela realidade foram fatores essenciais para nos unir nos mesmos propósitos. Sabia que a sua definição de diálogo é a que mais gosto, Paulo? Acredito, como você, que o diálogo:

[...] nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação” (Freire, 2020b, p. 141).

Outro fato importante a se destacar, foi a dedicação da coordenadora pedagógica quanto aos índices de abandono monitorados semanalmente por ela. Incansavelmente, realizava-se a busca ativa pelo telefone em um diálogo amoroso e preocupado com os estudantes faltosos que relatavam as diversas situações que ameaçavam a desistência da escola. A escuta desses estudantes nos fez criar alternativas no coletivo, como o banco de atividades proposto pela coordenadora ou o estudo dirigido pelos professores, em que os estudantes pudessem recuperar os assuntos perdidos no dia ou semana.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Atos de solidariedade brotavam nos grupos de *whatsapp* concretizados nas fotos do caderno ou do quadro com a matéria do dia, o que resultou em uma forte permanência e na formatura dos 17 estudantes matriculados no terceiro período do ensino médio. Para que isso fosse possível, instalamos e democratizamos o sinal de *internet* para todos os sujeitos da escola, que passaram a ensinar/aprender com o uso da tecnologia do celular.

Sabe, Paulo, outra lembrança que rememoro agora é a pluralidade sentida na escola. Tínhamos dois estudantes transsexuais aos quais acolhemos com especial atenção. Primeiro, com o uso indiscriminado de seus nomes sociais, inclusive por seus colegas. Depois, pelo apoio necessário ao desenvolvimento de suas habilidades e aptidões que transcendem a orientação sexual e questões de gênero. Tínhamos mães e pais com filhos pequenos que eram acolhidos na escola tanto na oferta da alimentação como no desenvolvimento de brincadeiras e atividades educativas pelo regente da biblioteca.

Apesar de ter total consciência da importância da biblioteca no incentivo à leitura e pesquisa, naquela realidade, fizemos adaptações necessárias para acolher as crianças e sediar projetos que eram firmados com instituições parceiras, como o projeto do cinema: Curta Caicó. Eu, como assessora também daquela escola, validei essas iniciativas buscando com as demais colegas alternativas possíveis para a pesquisa e leitura sem o uso do espaço próprio. Isso, reconheço, ainda carece fortalecimento e maior consciência do que pode ser feito para a real consolidação do projeto de incentivo à leitura.

Ainda em uma das conversas na mesa de jantar, ouvi lamentação que a escola poderia ser mais bonita e agradável. Estava escura e escondida na comunidade. Ao chegar o recurso

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

para uma pequena reforma, reuni o conselho da escola e decidimos o que seria mais urgente reparar na escola. Depois, organizei um formulário virtual para que os estudantes opinassem sobre a cor das paredes, portas e gradilhos e assim pintamos de azul e branco, respectivamente.

A comunidade ficou feliz em ver a escola revitalizada, bonita e iluminada. Ainda há muito trabalho a ser realizado e os desafios são imensos, mas a nova gestão assumiu o compromisso de dar continuidade ao processo e assim está sendo até a escrita dessa carta. Acreditamos que a boniteza dos espaços escolares é necessária para dar suporte “[...] a outra boniteza: a do ensino competente, a da alegria de aprender, a da imaginação criadora tendo liberdade para exercitar-se, a da aventura de criar (Freire, 2000, p.22).

A experiência com a gestão despertou em mim inseguranças, medos, incertezas... o desejo de sentir o movimento democrático na/da escola. Nada foi ou é fácil, principalmente quando não se tem vice-diretor e uma equipe completa para dividir as angústias. No entanto, o desejo de fazer acontecer junto com a comunidade escolar me moveu e nada teria sido possível se a equipe escolar não tivesse se envolvido e comprado a ideia, participado do movimento. Concluí o tempo da gestão com o sentimento de dever cumprido. Espero ter contribuído no plantio de sementes, afinal, a democracia é um processo que necessita de amadurecimento e muita reflexão, rompendo com o autoritarismo e hierarquias tão arraigadas em nossa sociedade.

Por ora é isso, nobre amigo. Conversar contigo sempre transborda alegria a minh’alma e sua sabedoria revitaliza minhas energias. Sigamos juntos, na construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário em que possamos sonhar. Abraços fraternos. Com afeto,

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Fabíola Maria Dantas
E-mail: fabiolamariadantas@gmail.com

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 30ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 46ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020b.

O CAMINHAR COM FREIRE TRILHADO POR QUESTIONAMENTOS E RESPOSTAS

Caicó (RN), 24 de julho de 2023

Prezado, Paulo Freire, inquietas saudades!

Início esta carta movida pela inquietude de dialogar com alguém que entenda o ser humano como um ser incompleto e ao mesmo tempo permeado de saberes vivenciais e existenciais e só no senhor, Freire, encontrei estas qualidades. E para manter esse diálogo, primeiro quero lhe contar um pouco de minha história enquanto educadora.

Iniciei minha docência numa comunidade rural, no final da década de 1980, não porque eu tivesse formação para tal, mas porque que eu era alfabetizada, na época tinha cursado a sétima série ginásial, para uma comunidade onde quase todos eram analfabetos, esse grau já era o bastante. Para isso fui submetida a um simples teste, que era um questionário formado por questões de português matemática e estudos sociais. Fui aprovada com a nota dez. Pronto estava apta a iniciar a docência.

Na sala de minha própria casa, comecei a lecionar para 25 estudantes, numa classe multisseriada (1^ª a 3^ª séries), com uma faixa etária entre 06 e 30 anos. Os recursos eram o mínimo, em todos os aspectos, mas uma série de obstáculos não impediu que eu alfabetizasse esse público tão heterogêneo, até hoje, não tenho certeza se alfabetizei com conscientização, mas pelo menos com decodificação e codificação. Em seguida motivada por uma diretora escolar, voltei a estudar e cursei o magistério, durante a formação tive a oportunidade de conhecer as teorias de Vygotsky, Jean Piaget, Emília Ferreiro

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

entre outros e essas leituras me transportavam para aquela sala de aula e me fazia refletir sobre a forma como eu lecionava e conseguia naquela imensidão de dificuldades, começando pela minha ignorância docente, fazer com que aquelas crianças, adolescentes e adultos aprendessem a ler e escrever.

Quanto mais eu conhecia autores, mais eu me inquietava e me questionava sobre a minha prática ingênua que apliquei durante os três anos que ensinei sem nenhuma formação docente. Até aquele momento, não tinha nem sequer ouvido falar do senhor, mas numa aula de práticas de ensino, a professora lhe apresentou para a minha turma e eu fiquei deslumbrada quando ela falou sobre o projeto de alfabetização que foi desenvolvido em Angicos - RN, fiquei muito curiosa e logo procurei pesquisar sobre ele, mas muito pouco encontrei na biblioteca da escola. A única de suas obras que consegui ler foi Pedagogia da Autonomia a qual já me trouxe muitas respostas para as minhas inquietações, como também me fez refletir, cada vez mais, sobre certas circunstâncias em relação àqueles anos.

Já no final da década de 1990, ganhei de um primo, o livro Paulo Freire para Educadores de Vera Barreto que ao me debruçar para lê-lo, não acreditei que estava conhecendo um pouco de sua história pessoal e de sua trajetória estudantil e profissional. Além do passo a passo do projeto de alfabetização pelo senhor orientado e desenvolvido aqui no rio Grande do Norte. Foi lendo essa obra e conhecendo um pouco de suas origens, de sua infância, de sua carreira estudantil, de toda sua formação, de seu exílio, que encontrei respostas para a maioria de minhas inquietações. Quando afirma que “ninguém é desprovido de saber, que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, que o homem produz cultura ao transformar a própria natureza e é na relação que mantém entre si e com o

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

mundo que os seres humanos sem deixar de ser sujeitos, vão se completando e ajudando os outros a se completarem”.

Analisando essas afirmações fiz u ma relação com a minha atuação nos três primeiros anos de docência, naquela sala multisseriada, numa comunidade rural, lecionando para estudantes de várias idades sem nenhuma formação pedagógica e compreendi que a minha condição ingênua me proporcionou um desejo de encontrar caminhos para fazer com que aqueles estudantes se alfabetizassem e permanecessem na escola construindo saberes que lhes servissem para aplicar em suas necessidades mais básicas, como: escrever o rol da feira; listar a quantidade de leite que vendia; calcular os apurados dos produtos que comercializavam, escrever para os parentes distantes, dentre tantas outras.

Percebi que esse caminho trilhado nasceu do conhecimento que eu tinha sobre a realidade e as condições de vida de cada um, procurava construir com eles saberes que desejavam aprender, sempre dialogava com eles e não para eles, ouvia seus relatos de experiência do trabalho duro que desenvolviam, dividia com os mais adiantados, as orientações para ajudar as crianças a desenvolverem suas tarefas e assim juntos íamos desbravando o universo das letras e dos números.

Ao refletir sobre a dinâmica que eu utilizava para atender aos interesses tão simples, mas tão significativos para mim e para eles foi que compreendi o significado da amorosidade, da humildade, da dialogicidade, da fé nas pessoas, do esperar que defendes para o ato de educar. Sempre que consigo resgatar algumas práticas do tempo ao qual me refiro, fica claro para mim, porque mesmo na minha ingenuidade, conseguia construir novos saberes a partir das experiências e vivências dos estudantes, desde a criança ao adulto, cada um com suas peculiaridades.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Essa prática nasceu, não fundamentada em teorias, mas do desejo e do sentimento de pertencimento àquela comunidade, era algo natural que me impulsionava a descobrir junto com eles uma forma de aperfeiçoar e sistematizar os saberes que já permeavam a nossa trajetória de vida. Não sei ao certo se a forma como mediava as discussões, o jeito que eu problematizava, promovia a conscientização, mas era algo muito intencional que nascia da coragem de ousar, pois o desejo de promover a aprendizagem era tão urgente que não sobrava tempo para sentir medo. O envolvimento de todos naquele processo, a equidade, que só hoje, sei o que significa, a troca de experiências, o cuidado de um com o outro, tudo isso hoje, sei que foi determinante e essencial para os resultados que alcançamos naqueles anos.

Estou lhe confessando essa experiência e a reflexão que fiz sobre ela a partir do momento que conheci algumas de suas obras e analisei muitos de seus dizeres para que o senhor me compreenda e entenda o contexto de minhas percepções. Ao ler o seu livro Professora Sim, Tia não, logo compreendi sua crítica a forma comum e inocente de chamar a professora de tia, pois essa denominação já denuncia uma passividade vinculada ao parentesco, já que essa relação impõe uma certa dependência. Ao inferir esse alerta em seu discurso, lembrei de quando comecei a estudar o termo que era usado para tratarmos a professora era Dona, forma de tratamento essa, a qual carregava um sentido de submissão, de não se questionar suas afirmações, somente repetir e aceitar o que foi dito sem questionar.

Nesse contexto, concordo contigo que ensinar é uma tarefa que envolve militância e especificidade no seu cumprimento, portanto é um ato político, a atuação do educador é quem vai contribuir para que as pessoas se

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

acomodem ao mundo em que vivem ou se envolvam na transformação dele. Freire, por que é tão difícil para nós educadores, perguntarmos, a quem estamos servindo com a nossa prática? Será que é pelo medo da resposta vir de encontro ao que defendemos? Muitas vezes, questiono a mim mesma, será que minha prática educativa, atualmente, diante de tantas transformações estruturais, curriculares e principalmente a tecnológica está de acordo com os princípios de uma educação libertadora?

São tantos os questionamentos que permeiam os meus pensamentos, não quero lhe importunar, pois as suas obras já é o suficiente para responder e indicar caminhos a ser percorrido pelo educador que almeje contribuir para a formação de um cidadão consciente, crítico e capaz de atuar na sua comunidade, respeitando a diversidade e os interesses da maioria. No entanto, Freire, queria que me dissesse por que muitos educadores, mesmo defendendo a sua pedagogia crítica, têm atitudes opressoras e sentem prazer em impor suas ações de uma forma disfarçada de ação democrática?

Sei que dará boas gargalhadas de minha ingenuidade e quando um dia nos encontrarmos irá me responder com outro questionamento: Se você é capaz de distinguir a diferença entre o dizer e o fazer desse educador, como não compreender a quem ele deseja servir? Certamente esse educador ainda não se desvencilhou de sua formação opressora, que mesmo, percebendo a sua intenção continua preso ao desejo de ser opressor, para ser bem-sucedido.

É muita confiança premeditar sua resposta, mas é isso que nos orienta com seus ensinamentos. Para sermos um educador progressista temos que sermos ousados e humildes, e essas qualidades exigem de nós coragem, confiança e respeito, em relação a si próprio e aos outros. Sem humildade

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

difícilmente ouviremos com respeito aqueles que consideramos demasiadamente longe de nosso nível de competência. Da mesma forma, a amorosidade – não apenas aos estudantes, mas ao próprio processo de ensinar – e a tolerância – virtude que nos ensina a conviver, interagir e respeitar as opiniões e decisões opostas a nossa.

A coragem para administrar e educar nossos medos, bem como a segurança, que demanda competência científica, clareza política e integridade ética, também são qualidades que nos mostra, claramente, que são fundamentais e humanizadoras. Ademais, o senhor enfatiza que não se pode esquecer, da competência, da capacidade de decisão, da eticidade, da alegria de viver e do equilíbrio entre a paciência e a impaciência – a paciência sozinha pode levar à acomodação; a impaciência, por sua vez, a um ativismo irresponsável.

Como é gratificante partilhar de seus saberes, Freire, tão essenciais para o fazer de um educador progressista que reconhece sua competência científica como algo necessário ao seu ato de educar ciente de que lado está, e jamais deixando transparecer em suas ações educativas alguma neutralidade.

Isso tudo é desafiante, para o educador, mas se queremos contribuir para uma sociedade mais justa, mais humana, equitativa, despreconceituosa, é necessário que assumamos com veemência, uma prática educativa libertadora. Para mim, é muito decisivo, quando nos afirma:

O professor só ensina verdadeiramente, na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se aproxima dele, em que o apreende. Neste caso ao ensinar, o professor re-conhece o objeto conhecido. Em outras palavras, re-faz uma cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos, ensinar é, assim, a forma que toma o ato de conhecer

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina, para provocar nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso ensinar é um ato criador, um ato crítico. A curiosidade do professor e dos alunos, em ação se encontra na base do ensinar aprender. (Barreto, 2004 p. 69-70).

Compreender os seus ensinamentos e apreender na prática é gratificante e prazeroso para o professor que problematiza sobre o objeto estudado e o educando que se sente valorizado e inserido no processo de construção dos saberes e principalmente, quando percebe que o produto desse processo é algo útil para sua vida prática e social.

Dialogar com você, Freire, é incansável, apesar de reconhecer que ser educador com todas as atribuições que você elenca, não é tão fácil, porque exige de nós, educadores, que sejamos vigilantes com nossas ações, para que não cedamos aos encantos enraizados do autoritarismo e do desejo de ser opressor. Por isso, é essencial que saibamos a quem queremos servir, se ao oprimido ou ao opressor. E foi dialogando com seus textos que evolui de uma consciência ingênua para a crítica.

O senhor nos esclarece com situações vivenciais e existenciais que não podemos servir a dois senhores ao mesmo tempo. Isso é substancial e fortalecedor para o processo do nosso fazer educativo, precisamos reconhecer quem somos, o que almejamos fazer e para quem as nossas ações irão contribuir: para os interesses da elite, que almeja a massa alienada e mecanizada, ou seja, instrumentalizada para servir ao mercado de trabalho ou para os oprimidos que precisam reconhecer o valor da sua força na coletividade, na capacidade de participação e transformação social do meio em que vive.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Somente com esse posicionamento definido e reconhecendo a desumanização do lado opressor, nós educadores, traçaremos metas para a humanização.

Hoje sei que as minhas inquietações que surgiram e efervesceram à medida que lia algumas de suas obras, já que naquela década, não era fácil ter acesso a elas, pela dificuldade financeira e por estas não serem disponíveis na biblioteca da escola onde cursava o magistério, mas foi o suficiente para responder a tantos questionamentos que permeavam meus pensamentos, como também, para definir o meu posicionamento enquanto educadora.

Apesar de reconhecer que ainda estou distante de ser a educadora com todas as competências descritas pelo senhor, as quais se materializam em suas ações educativas nos diversos projetos de alfabetização que desenvolveu, não só no Brasil, mas em outros países da América e da África, agradeço-lhe, imensamente, por me oportunizar através de seu legado, refletir, agir e reagir sobre o meu fazer em vários aspectos, desde o educativo até o social.

Freire, espero que não se canse de minhas repetições, mas elas são enfáticas, pois quero ressaltar que só um ser humano com tamanha amorosidade, humildade, fé e esperança é capaz de nos sensibilizar e promover o desejo interior de mudança quando nos alerta para a importância da formação permanente e a indispensável reflexão crítica sobre os condicionamentos que o contexto cultural tem sobre nós, sobre o nosso modo de pensar, agir, e de nossos valores.

Queria muito ter argumentos para manter esse diálogo sem lhe importunar com questionamentos, os quais, o senhor já respondeu na maioria de suas obras e que talvez eu não tenha desenvolvido a sensibilidade ou a capacidade suficiente para inferir, já que, o senhor diz que para saber é preciso crescer, e

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

não sei se já cresci o bastante para entender que este saber é um processo social e individual ao mesmo tempo. Pois este crescimento nos faz perceber que o saber de minorias dominantes não deve proibir o crescer das imensas minorias dominadas.

Perdoe-me por algumas fragilidades e prometo não só está atenta aos seus ensinamentos, mas principalmente, materializá-los na minha prática.

Despeço-me com o coração pulsante de alegria pela oportunidade de dialogar contigo, mesmo distante, mas com a certeza de que estás presente. Sua discípula:

Maria Aparecida Fernandes de Lima.
Email: aparecidalima64@gmail.com

PROFESSOR SIM, TIO NÃO! PELO PROFISSIONALISMO DE QUEM OUSA ENSINAR

Alagoas, 20 de julho de 2023

Olá, Paulo Freire,

Que bom contigo poder aprender a partir dos estudos coletivos sobre tua obra intitulada “Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar”, composta por uma tríade reflexiva que envolve a tomada de consciência sobre o ato de estudar, ler o mundo e socializar conhecimentos respeitando-se as especificidades locais evidenciando a importância da profissionalização do trabalho docente. Além disso, a obra é composta por dez cartas que problematizam o exercício profissional docente e nos aproximam ainda mais de processos de humanização, necessários à educação na trilha pela amorosidade, ser mais e o inédito viável que consubstanciam nossas expectativas por uma educação pública com qualidade.

Nesta imersão, realizou-se uma revisão integrativa de literatura consubstanciada a partir da sintetização de “resultados obtidos em pesquisas sobre um tema ou questão, de maneira sistemática, ordenada e abrangente” (Ercole et al., 2014, s.p.) e contribui para compreendermos as dinâmicas de ensino-aprendizagem que acontecem no ciberespaço, como o caso das atividades do Grupo de Estudo conhecendo os escritos de Paulo Freire, entre os meses de março a junho de 2023. Além disso, destacamos que este procedimento consubstancia-se de “um relato acerca do que foi publicado em relação ao tema que está sendo pesquisado” (Gil, 2008, p. 73), e, sobretudo das experiências e reflexões do autor, em sua vida cotidiana docente e ao longo dos encontros no grupo de estudo.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

No que diz respeito à importância dos grupos de estudo Cavalcanti e Maia (2019, p.4) nos alerta que “os grupos de estudos e de pesquisas proporcionam ao professor facilitador estar em contato com outras maneiras de ensinar, estimulando a vontade pela pesquisa em seus alunos. Ambos (docente e discente) terão engrandecimento profissional”. Este movimento de ensino-aprendizagem constante corrobora para que problematizemos diferentes demandas de aprendizagem a respeito de temas contemporâneos.

A “necessidade da leitura também como experiência dialógica, em que a discussão do texto realizada por sujeitos leitores esclarece, ilumina e cria a compreensão grupal do lido” (Freire, 1997, p. 29-30). Além da prática da leitura dos textos, se faz necessária a reflexão sobre o que eles contribuem para olharmos criticamente a realidade, e, portanto, toda “leitura em grupo faz emergir diferentes pontos de vista que, expondo-se uns aos outros enriquecem a produção da inteligência do texto.” (Freire, 1997, p. 29-30). Neste caso, todos os estudos realizados contribuem para nossa prática docente considerando-se as especificidades do ser professor, independentemente da titulação ou campo científico ao qual se encontra vinculado.

O profissional docente não está acabado em si próprio. Ele está em constante (re)construção, pois também é por meio da formação continuada que o profissional, da educação se fortalece por diferentes aprendizados. E em constante formação “a gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (Freire, 1991, p. 32), pois a construção da identidade pessoal e coletiva em qualquer instituição de ensino pressupõe a superação da dicotomia subjetiva/objetividade, tendo em vista a totalidade. Pode realizar-se com a instauração de propostas de

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ensino-aprendizagem “trabalhos interdisciplinares” (Fazenda, 1996, p. 47). Nesse sentido, importante discutir-se uma categoria presente neste estudo: identidade docente.

É no saber sobre si e sobre suas ações que homens e mulheres tornam-se conhecedores do mundo que está a sua volta e com ele se transforma elidindo-se a posição de luta democrática, como nos alerta Freire (1997, p. 11):

1) jamais transformarem ou entenderem esta como uma luta singular, individual, por mais que possa haver, em muitos casos, perseguições mesquinhas contra esta ou aquela professora por motivos pessoais. 2) por isso mesmo, estar sempre ao lado de suas companheiras desafiando também os órgãos de sua categoria para que dêem o bom combate. 3) tão importante quanto as outras e que já encerra em si o exercício de um direito, exigirem, brigando por sua efetivação, sua formação permanente autêntica – a que se funda na experiência de viver a tensão dialética entre teoria e prática. Pensar a prática enquanto a melhor maneira de aperfeiçoar a prática. Pensar a prática através de que se vai reconhecendo a teoria nela embutida. A avaliação da prática como caminho de formação teórica e não como instrumento de mera recriminação da professora.

Nas entrelinhas de teus escritos, Paulo Freire, sua conexão profissional às necessidades humanas converge para (re)encontros que alentam nossa alma, pois contigo tomo ainda mais consciência de que devemos levar consigo e praticar o profissionalismo e não tomar para si responsabilidades que não cabe à prática docente, tal como o título da obra nos alerta, pois além de ousarmos ensinar requeremos em si e para o

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

coletivo a “exigência política de uma formação permanente”
(Freire, 1997, p. 9).

O mundo passa por diferentes transformações e em nossas atribuições encontramos diferentes influências que atravessam gerações. Para tal, a interlocução de Paulo Freire com outros autores que mencionamos ao longo dos estudos, como mencionamos Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e tantos outros elidem a “influência que as nossas dificuldades econômicas exercem sobre nós, como podem obstaculizar nossa capacidade de aprender” (Freire, 1997, p. 71).

Nas diferentes socializações nos conectamos, à distância no ciberespaço, e pudemos perceber as demandas e anseios do modo de produção capitalista e como suas tentacularidades na educação podem desencadear uma série de (re)construções que a fragilizam geração a geração. Afinal, o sucateamento da educação e das condições de trabalho é a operacionalização de um projeto, tal como nos alerta Darcy Ribeiro. Porém, no coletivo de diferentes pessoas fluímos por uma educação justa, socialmente referenciada e coerente às demandas e necessidades de ensino-aprendizagem, e, sobretudo humanidade que o Brasil requer.

Exemplos do cotidiano, rememorando contatos, na prática, enquanto aprendiz, com profissionais cujas características diversas evidenciam diferentes situações de identidade profissional que nos ajudam a melhor refletir sobre a profissão docente, bem como suas tendências pedagógicas. Isso se reflete certamente na identidade que nós desenvolvemos e praticamos ao longo do nosso exercício profissional justamente por nos identificarmos ou buscarmos desconsiderar alguma característica desses docentes.

No caso do estudo realizado, o trabalho docente e as práticas pedagógicas de modo geral refletem em boa medida

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

as concepções, valores e crenças dos profissionais da educação. Isso equivale a dizer que não existe neutralidade no trabalho pedagógico. Logo, suponhamos que haja uma escola localizada em uma área urbana, em uma capital brasileira. Nela, dois professores conversam sobre suas práticas e posturas pedagógicas. Um dos profissionais comenta que não tolera conversas paralelas de seus estudantes, nem em suas mínimas manifestações. Que não estudou tanto para ser interrompido enquanto explica e, por isso, exige silêncio total durante a aula. Argumenta que seus certificados, titulações e trajetórias lhes garantem a autoridade em sua área, e que seus conhecimentos precisam ser assimilados. Cabe aos seus alunos ouvirem a assimilarem, se quiserem ser alguém na vida.

O segundo professor, por sua vez, na conversa evidencia que ouve os estudantes pacientemente e depois pondera que, na atualidade, diante de tantas informações disponíveis, os professores precisam dialogar e aprender com seus estudantes, pois considera que diferentes aprendizagens possam ser compartilhadas em sala de aula e juntos trilharem para que consigam melhor compreender o mundo a sua volta, bem como nele e com ele aprender a diversidade de conhecimentos. Além disso, frisa que em suas aulas, prefere o trabalho em grupos, (apesar da aparente bagunça), com aulas exploratórias e debates. O mesmo professor justifica sua postura por entender que o conhecimento se (re)constrói coletivamente e que os estudantes são sujeitos de sua própria aprendizagem, cabendo ao professor mediar e auxiliar esse processo, pois "é essa a forma de amar indispensável ao educador progressista e que precisa de ser aprendida e vivida por nós" (Freire, 1997, p. 38). No fim da conversa, cada qual parece permanecer convencido de que estão no caminho certo.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

O princípio da analogia permite-nos a problematização destes dois casos e oportuniza uma compreensão a respeito do profissional que busco ser. Neste sentido, acredito que o primeiro professor traz consigo elementos da tendência pedagógica tradicional, visto que possui em suas práticas um modo autoritário de se expressar em seu cotidiano escolar inviabilizando melhores aproveitamentos e rendimentos que os estudantes poderiam ter. Destacamos que este docente acredita que todos os estudantes devem ter um mesmo padrão e seguirem u m mesmo rito desconsiderando suas características e vivências específicas, ou seja, inviabiliza uma melhor compreensão do mundo a nossa volta.

No que diz respeito às situações que envolvem as conversas paralelas, compreende-se que elas de fato atrapalham a aula, mas o comportamento do primeiro professor expressa no mínimo uma inaptidão no que se referem inovações e contextualização de conteúdos com a rotina da comunidade escolar melhorando o aproveitamento dos estudantes, ou seja, tornar público e problematizar as conversas e com elas praticar a dialogicidade permitindo-se assim sua evolução para uma mediação que relacione ao tema central da discussão em sala de aula dotando-se assim de significados situações inóspito. Logo, torna-se, aquele professor em que a aula torna-se desinteressante justamente por não considerar aspectos da realidade local ou mesmo que cada aluno pode sim trazer consigo elementos que podem aprofundar ainda mais uma discussão.

No caso do segundo professor, creio que se insere na tendência pedagógica progressista justamente em função de acreditar que o aspecto que deve fundamentar suas dinâmicas da sala de aula. Além do embasamento teórico e metodológico respeitam-se as diversidades dos sujeitos, pois percebe que os

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

estudantes, embora estejam movidos pelo entusiasmo do contato que é realizado socialmente e que muitas vezes apenas acontece na escola é possível utilizar a estratégia de trabalhos em grupo para maximizar a cooperação mútua entre os estudantes permitindo com que eles aprendam não apenas com o docente, mas também com outros colegas.

Algo que é perceptível dentro da relação aluno-professor é que podemos ter no Brasil um entrelaçamento contínuo da utilização das duas tendências educacionais e elas podem coexistir num mesmo profissional, haja vista que muitos de nós ainda utilizamos, por exemplo, a aula expositiva dialogada, embora a interface dela seja se permear pelo diálogo, a essência, a meu ver remete-se a tendência pedagógica tradicional. Gostaria de aproveitar essa minha indagação para problematizar junto a vocês isso.

É preciso conhecer a trajetória individual de cada docente para identificarmos elementos que conduziram as atitudes que memoram a tendência pedagógica tradicional. Assim, poderemos ajudá-lo, ou mesmo, buscar formas para que este profissional desencadeie em si uma série de transformações. Todas as experiências e problematizações que aconteceram ao longo do Grupo de Estudo conhecendo os escritos de Paulo Freire, embasadas pela obra "Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar".

Não acredito numa suposta de síndrome Gabriela, parafraseando a canção de Gal Costa, que enfatiza alguém que nasce, cresce e morre estando num mesmo jeito e aceitando a condição de inércia sobre a própria vida, neste caso, a profissional docente. É preciso que tenhamos atenção sobre isso e busquemos refletir sobre todas as nossas próprias ações. E não seria apenas numa formação complementar ou oficinas que da noite para o dia o primeiro professor, por

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

exemplo, superaria todas as limitações e ministraria aulas mais dinâmicas e se transformaria em menos rígido, é um processo. E o primeiro passo é reconhecer-se no tempo e no espaço. Só assim se consegue superar todas as limitações existentes, principalmente reconhecer-se no processo de luta e resistência, pois é através de “um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar” (Freire, 1997, p. 38) que a prática profissional docente deve se permear.

Acredito que todo ato profissional docente deve conter uma amorosidade, ou seja, é na abertura ao diálogo com o outro que podemos compreender que somos seres inacabados e em constante transformação, porém se faz necessário compreender que este processo se dá permeado por lutas e conscientização em diferentes escalas e nuances tomando noção dos diferentes momentos históricos que entrelaçam a educação brasileira, conforme debatemos em diferentes momentos ao longo dos nossos encontros valorizando nossas experiências didático-pedagógicas, que se encontram atravessadas por diferentes influências educacionais com as quais lidamos ao longo de nossa formação humana e acadêmica.

É com base na busca por uma consciência espacial cidadã que precisamos, profissionais da educação e estudantes, realizarmos a leitura de mundo para além das paisagens do campo ou da cidade contribuindo para que possamos sobreviver as adversidades que existem ao longo do percurso de formação humana e profissional para não cairmos nas estratégias dos opressores ou neles nos inspirarmos.

A busca pelo conhecimento não deve anular diferentes saberes e fazeres do cotidiano, pois é com base nestes que se pode permear a trilha de aprendizagens para a humanização

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

tomando nota de que somos seres inacabados, pois o
esperançar é o agora por uma educação libertadora para além
da importância do ato de ler, e, sobretudo, de qual profissional
docente nós somos.

Ricardo Santos de Almeida.
Email: ricardosantos@gmail.com

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria Suelayne Pedroza. A importância dos grupos de estudos e de pesquisas para a formação docente dos estudantes de pedagogia. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/58520>>.

Acesso em: 20 abr. 2023.

ERCOLE, Flávia Falci; MELO, Laís Samara de; ALCOFORADO, Carla Lúcia Goulart Constant. Revisão integrativa versus revisão sistemática. **Reme**: Ver. Min. Enferm. [online]. 2014, vol.18, n.1, p.09-11. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.5935/14152762.20140001>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FAZENDA, Ivani Catarina Alves et al. (Org.). **Práticas Interdisciplinares na escola**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'água, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas. 2008.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

CONVERSANDO COM PAULO FREIRE

Jacumã (PB), agosto de 2023

Estimado Freire.
Prezado Paulo Freire.
Ou melhor. Querido
Paulo,

Perdoe-me por essa minha ousadia em chamar-lhe... ou melhor, chamar-te de “querido” (sorriso envergonhada). Perdoe, também, por utilizar o pronome pessoal obliquo na segunda pessoa, pois, optei deixar de lado o “lhe” porque é da terceira pessoa, portanto, um pouco formal. Então, considero que assim fica menos cerimonioso o meu tratamento à tua pessoa nessa simples carta. Não que eu desconsidere a tua importância enquanto merecedor de solenidade, não é nada disso. Mas, imagino que não é de tua vontade e nem do teu feitio ser tratado com excesso de protocolo, beirando ao artificialismo, uma vez que é perceptível nos teus escritos a quase ausência de formalidades. Portanto, tomei a liberdade de escrever como se estivesse conversando com alguém muito íntima e querida, o que não é mentira, haja vista que te considero assim. Dito isto, peço só um pouco de paciência porque irei recomençar o prólogo dessa carta, sem interrupções e sem requififes.

Querido Paulo, gostaria que soubesse da minha emoção e ansiedade ao escrever-te essa carta. Primeiro porque és uma pessoa muito importante para o Brasil e para o mundo, sobretudo para mim. E, segundo, porque não sei se conseguirei expressar tudo o que gostaria de dizer, com bastante clareza e simplicidade, conforme são os teus escritos. Eita... acabei de dizer algo bastante pretencioso... (rindo envergonhada de novo)

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ora, querer escrever com a clareza de Paulo Freire... de fato, é muita pretensão de minha parte. Todavia, é assim que vejo os teus inscitos: cheios de lucidez e que instiga a reflexão crítica como um ato político. Nessa perspectiva, considero que a Educação deva ser alicerçada a partir da perspectiva política e, sobretudo, que o fazer pedagógico seja considerada como uma das expressões fundamentais do educador, como meio de reflexão sobre sua prática.

O intuito dessa carta, além de expressar toda a minha admiração ao ilustre pensador que és; um dos maiores filósofos da Educação que o Brasil já teve, assim também, poder compartilhar o início da minha trajetória no magistério. Dizer-te ainda do meu desejo de ter tido a sorte de conhecer-te pessoalmente para poder conversar sobre diversos assuntos, principalmente sobre a Educação e o Ensino do nosso país. Ficaria muito feliz se em cada um dos livros teus, guardados na minha estante, pudesse ter uma dedicatória tua. Bem sei que essa vontade não é somente minha e, posso assegurar que, milhares de outras professoras e professores também carregam esse desejo.

Digo isso porque são incontáveis os grupos de pesquisa, rodas de conversa, fórum, simpósios e congressos espalhados pelo Brasil a fora, realizados ao longo de décadas em torno das tuas ideias. Recentemente participei de um desses grupos de estudos, intitulado Conhecendo os escritos de Paulo Freire com a obra "Professora sim, Tia não, cartas a quem ousa ensinar", sob a coordenação geral do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas - PE. Os encontros eram quinzenais e virtuais envolvendo a participação de estudantes e pesquisadores de diferentes estados do Brasil. Havia uma metodologia e uma didática bastante empolgante a partir dos capítulos do mencionado livro. A exemplo do que geralmente ocorre em sala

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

de aula presencial, nessa sala virtual não foi muito diferente, uma vez que a sistematização utilizada permitia que cada integrante participasse e interagisse, apresentando o capítulo escolhido prévia e democraticamente.

Mesmo não podendo ter sido tão assídua como gostaria, eu fiquei muito satisfeita com a condução em torno das discussões. Assim também, fiquei entusiasmada com o capítulo a mim confiado para apresentar, pois aconteceu uma feliz coincidência entre o teor do tópico a ser discutido e o início de minha trajetória enquanto docente. Acredito que cada integrante do grupo de estudo – assim como eu – perceberam similaridades entre as informações contidas nos textos e a trajetória docente de cada participante. No transcorrer de cada capítulo que ia sendo apresentado e discutido, havia uma sensação de que as palavras estavam verdadeiramente retratando as minhas experiências enquanto professora.

Se me permite, gostaria de rememorar uma das experiências que eu vivenciei e que considero a minha iniciação no magistério. Nessa oportunidade aproveitei para contextualizar essa experiência passada e os saberes a ela associados, com as ideias das tuas obras. Bem como de outros pensadores da Educação, como: Álvaro Vieira Pinto, Saviani e Moacir Gadotti e outros. Desse modo, o que pretendo fazer é uma reflexão de tal experiência, contextualizando com o capítulo que apresentei aos integrantes do grupo de pesquisa. O tópico escolhido foi: Primeiro dia de aula. As reflexões foram imediatamente associadas às minhas vivências pedagógicas e, a partir das minhas memórias, as interpretações foram sendo construídas, haja vista que, de acordo com Correia (2003, p. 37), “[...] interpretar a narrativa experiencial não é interpretar

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

objetivamente o presente com um encadeamento casual de um passado: é subjetivá-lo para projetá-lo no futuro”.

Nessa perspectiva, a cada parágrafo que eu lia parecia que era uma descrição daquela minha primeira experiência docente. Nessa época havia uma prima minha que era professora leiga e lecionava no antigo Mobral – Movimento Brasileiro de Alfabetização – criado em plena ditadura militar. Ela ministrava aulas na zona rural, num lugar chamado Zumbi, distrito de Alagoa Grande/PB, no período noturno e sempre me levava para fazer-lhe companhia. Nesse tempo, como sabemos, era muito comum a figura da professora leiga e a minha prima se encaixava nessa categoria, a partir dos requisitos exigidos para o cargo.

É importante destacar que nesse período, os militares (que não eram e nem são ingênuos em nada) já percebiam que “o adulto analfabeto é um elemento frequentemente de alta influência na comunidade. Por isso, é que se faz tão imperioso lucrativo instruí-lo.” (Pinto, 2010, p. 86). Logo, sabemos que o governo militar não tinha interesse de alfabetizar para despertar senso crítico, mas sim preparar mão de obra para o mercado de trabalho que exigia o mínimo de alfabetização para adaptação às máquinas industriais, sem a menor preocupação sobre a capacidade crítica do educador ou da educadora, haja vista que:

Na pedagogia tecnicista, o elemento principal passa a ser a organização, racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais (Saviani, 2003, p. 13).

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Sendo assim, conforme observa Saviani (2003): nessa concepção pedagógica o cerne do processo ensino-aprendizagem não está no educador e educando, mas nos próprios meios aplicados como recursos didáticos pedagógicos, sem questionar suas finalidades.

Retornando ao relato da minha primeira experiência na sala de aula: recordo que certa vez a minha prima arranjou um namorado e, irresponsavelmente, todas as noites durante as aulas ela se ausentava da sala e me deixava incumbida de “passar a lição com os alunos”, como dizia ela. Desse modo, enquanto perdeu o namoro da minha prima, eu pude exercer uma função “clandestinamente” agradável e empolgante de professora leiga. Contudo, uma experiência individual bastante desafiante e significativa naquela fase de minha juventude, sobretudo porque eu não havia sido preparada tecnicamente para exercer tal cargo, até porque eu estava com apenas 12 anos de idade e cursava a sexta série. Recordo do primeiro dia em que ministrei a minha primeira aula. Eu senti um misto de insegurança e também uma enorme satisfação, um sentimento indescritível naquele momento e que atualmente continuo sem conseguir descrever. O medo era de, além de estar fazendo algo ilegal, não estar fazendo certo aquilo que eu nem havia escolhido e nem ter sido preparada e sem mínima noção sobre a dimensão daquela responsabilidade. Assim, considero relevante destacar essa tua fala abaixo, que fez todo sentido para mim na atualidade:

Difícilmente este primeiro dia estará isento de inseguranças, de timidez ou inibições, sobretudo se a professora ou o professor, mais do que se pensar inseguro, está realmente inseguro, e se sente tocado pelo *medo* de não ser capaz de conduzir os trabalhos e de

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

contornar as dificuldades. No fundo, de repente, a situação concreta que ela ou ele enfrentam na sala não tem quase nada que ver com as preleções teóricas que se acostumaram a ouvir. Às vezes, até que há alguma relação entre o que ouviram e estudaram, mas a incerteza demasiado grande que os assalta os deixa aturdidos e confusos. Não sabem como decidir (Freire, 2012, p.44).

Diante do exposto, entendo que ignorar as inseguras e os medos em nada colaboram para o enfrentamento dos desafios com os educando. Atualmente eu percebo que desafiei e enfrentei o meu medo e já naquela época, mesmo com pouca escolaridade, eu já estava estabelecendo fortes vínculos com os educandos/as, através do meu envolvimento entre conhecer, ensinar e aprender, fazendo uso do meu papel de mediadora na construção da relação do conhecimento.

Atualmente é reconfortante saber que “é normal surgir insegurança, timidez ou até medo. Mas, é preciso enfrentar e vencer.” (Freire, p. 47. 2012), assim, fica mais nítido para mim o quanto no passado eu fui ousada. Nessa direção, quando dizes que “[...] assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de resposta. Assumir o medo é não escondê-lo, somente assim podemos vencê-lo.” (Freire, 2012, p. 47) me remete àquele desafio que me fora confiado outrora.

Assim, expondo-me ao medo pude encarar os obstáculos advindos das minhas inseguranças da época. E, mesmo sem nenhum conhecimento acadêmico, inclusive didático-pedagógico intencional – por razão da minha tenra idade e escolaridade – mesmo diante de minha inexperiência, as minhas aulas eram fundamentas em diálogos com os

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

educandos e educandas. Isso me fez recordar Gadotti (2008 p. 31), quando ele diz: “A filosofia primeira na qual o educador de jovens e adultos precisa ser formado é a filosofia do diálogo. Nessa direção, eu organizava a sala com cadeiras em círculo e fazia rodas de conversas muito mais para dissimular a minha falta de repertório científico e esconder minhas inseguranças do que uma intencionalidade estratégica de ensino-aprendizagem.

A partir da minha ótica atual, confesso que todo aquele meu fazer pedagógico utilizado da época estava mais associado a minha preocupação com o bem-estar durante a aprendizagem dos educandos, porém, sem a mínima capacidade de percepção da realidade social. Havia de minha parte o que Alvaro Vieira Pinto denomina de *consciência ingênua*. Ou seja: “consciência ingênua é aquela que por motivos que cabe à análise filosófica examinar – não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das condições e determinantes que a fazem pensar tal como pensa.” (Pinto, 2010, p.61).

Assim, hoje percebo que não havia de minha parte (e nem tampouco da minha prima, que me confiou uma responsabilidade acima da minha competência) a mínima noção crítica do meu papel enquanto educadora em termos quantitativos, ou seja, do quanto de conhecimento eu tinha. Entretanto, mesmo diante daquela minha condição de professora leiga (no sentido literal da palavra), de inexperiência e inadequação para estar naquele lugar, mesmo assim eu percebia que “O educando adulto é antes de tudo é um membro atuante na sociedade.” (Pinto, 2010, p. 86).

Nessa perspectiva, embora não houvesse uma intencionalidade pedagógica previamente pensada e estruturada, ainda assim, aquele minha metodologia possibilitou que eu me destacasse como uma professora

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

diferente, que conversava, que ouvia e contava histórias. Em outras palavras, uma professora que ousou ensinar, mesmo diante da falta de qualificação científica e acadêmica, ainda assim, ficou evidente (para mim) que ali já estava nascendo a minha consciência crítica sobre a Educação, ao intuir sobre a importância da participação dos educandos e educandas através do diálogos durante aquele de processo de ensino-aprendizagem.

Assim, concluo essa conversa sobre um pedaço de minha história docente dizendo que cada capítulo das tuas obras me remetem a sucessivas passagens da minha trajetória enquanto educadora. Teus livros me fazem perceber o quanto tenho me tornando consciente sobre a minha responsabilidade docente e, do quanto eu ainda preciso aprender e melhorar. Por esse motivo, entre outros, é sempre uma honra ler e reler teus escritos. Sinto-me como se estivesse conversando contigo. Me despeço com gratidão e um forte abraço, da professora/educadora:

Maria Gorete Santos Jales de Melo
Email:mar.goretasantos@gmail.com.

REFERÊNCIAS

- CORREIA, José Alberto. "Formação e trabalho: contributos para uma transformação dos modos de os pensar na sua articulação". In: CANÁRIO, Rui (org). **Formação e situações de trabalho**. 2 ed. Portugal, Porto: Porto Editora. 2003.
- FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.
- GADOTTI, Moacir. **Convocados, uma vez mais: ruptura, continuidade e desafios do PDE**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. – (Educação Cidadã; 1).

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

GADOTTI, Moacir. *MOVA, por um Brasil Alfabetizado*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008 – (Série Educação de Adultos; 1).

PINTO, Álvaro Vieira. *Sete lições sobre educação de adultos*. Introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de Oliveira. 16ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados Cortez, 2003.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

VOSSA OBRA “PROFESSORA, SIM; TIA, NÃO – CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR” EM MINHA VIDA

São Paulo (SP), 01 de julho de 2023

Ilustríssimo Senhor Paulo Freire,

Sentindo-me honrada pela oportunidade de poder apresentar-me e dirigir à V.Sa. algumas narrativas de situações em que sua obra acima mencionada (1997), contribuiu com o embasamento e aprendizados dessa educadora por mostrar possibilidades e caminhos a serem considerados no exercício diário da ousadia de aprender a tornar-me professora.

Sou Antônia Vanda de Paiva, atualmente aposentada da área da Educação, onde exerci as funções de professora de matemática do atualmente denominado ensino fundamental II e do ensino médio, coordenadora pedagógica, diretora de escola, professora do ensino superior das áreas de administração de empresas, matemática e pedagogia.

A primeira obra de vossa autoria que conheci foi “Pedagogia do Oprimido” (1987), onde encontrei, traduzidos na escrita, sentimentos, pensamentos e situações já vivenciadas por uma menina filha de pais semianalfabetos, trabalhadores da roça cearense, expulsos pela seca, pela fome e pela falta de perspectiva de trabalho e de sobrevivência no final da década de 1960 do século XX. Uma repetição integral da história narrada na música “Asa Branca” de autoria de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira que creio, conheces bem e sua obra me apresentou pontos a serem observados, que minha vivência em periferia de metrópole com pessoas com histórias de vida e de luta pela sobrevivência, tão semelhantes às de minha família, sequer eram comentadas ou questionadas. Toda a condição de

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

existência e de sobrevivência dos moradores daquele “bairro” esquecido no meio do mato entre duas importantes rodovias dessa

metrópole era entendida como “vontade e desígnio de Deus”.

Os aprendizados desse jovem ser eram entendidos como apenas mais uma ilusão de quem gosta de ler livros e de estudar, enquanto as outras jovens preferiam ler fotonovelas e apreciar os “*posters*” dos galãs que apareciam nas poucas televisões existentes na vizinhança. Mas, a semente fora plantada. Estava em solo fértil, aguardando o momento em que pudesse romper a dureza da terra e apresentar sua folhagem inicial. Faz-se necessário que apresente algumas informações sobre essa ousada que vos escreve. Sobre minha formação escolar e exercício profissional na área educacional, iniciada nos primeiros anos da década de 1980, também do século passado, como professora admitida em caráter temporário e excepcional (A.C.T.A.C.E), para lecionar fundamental II (alunos da quinta à oitava série, nomenclatura da época, atualmente, sexto ao nono ano).

Nessa a disciplina de matemática para o atual ensino função e nas condições de trabalho determinadas para os profissionais que atuavam em escolas das periferias das periferias da maior metrópole do país era possível identificar claramente as marcas indelévels e sombrias do domínio exercido pela ideologia autoritária dos administradores das instituições e dos representantes dos sistemas educacionais (que nem sempre se preocupam em disfarçar), as formas de implementar de modo subliminar e/ou com uso de técnicas que podem ser associadas, entre outras, ao “*gaslighting*”, como forma de demonstração e manifestação clara do poder de controle sobre a condição de sobrevivência do outro, que consegue que as professoras e professores absorvam pela

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

mente e espalhe-se sobre seu corpo o veneno mortal de todas as almas, o medo da liberdade. A forma tão clara e peculiar de sua escrita atingiu-me plenamente pois trazia a demonstração de quanto de minha história já conhecia. Escreveu e descreveu como se estivesse ao meu lado vivenciando e anotando de diferentes pontos de observação, os antecedentes, os fatos, as nuances e até algumas das possibilidades de consequências, as análises.

Uma cultura tecida com a trama da dominação, por mais generosos que sejam os propósitos de seus educadores, é barreira cerrada às possibilidades educacionais dos que se situam nas subculturas dos proletários e marginais. Ao contrário, uma nova pedagogia enraizada na vida dessas subculturas, a partir delas e com elas, será um contínuo retomar reflexivo de seus próprios caminhos de liberação; não será simples reflexo, senão reflexiva criação e recriação, u m ir adiante nesses caminhos: “método”, “prática de liberdade”, que, por ser tal, está intrinsecamente incapacitado para o exercício da dominação. A pedagogia do oprimido é, pois, liberadora de ambos, do oprimido e do opressor. Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido (Freire, 1987, p. 1).

A obra “Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar” foi a segunda obra de sua autoria que conheci e em u m contexto de realidade de trabalhadora da educação em condições precárias, em u m país envolto em planos econômicos mirabolantes e voláteis, que também me representou em vários momentos, interligando-se totalmente com a primeira obra, ao apresentar a questão da reprodução

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

do autoritarismo estrutural vivenciado pela educadora, sendo reproduzido com seus alunos, em “Não está apenas com seus alunos, porque entre ela e eles, vivo e forte, punitivo e ameaçador, o arbítrio que nela habita” (Freire, 1997, p.12-13).

A questão não era só o fato de estar reproduzindo a situação, mas o fato de também ser “lembrada” e cobrada a todo momento, pela direção, para que reproduzisse diariamente e integralmente o discurso e as práticas habituais de ensino, de avaliação, de distanciamento e tratamento com os estudantes, não sendo permitido qualquer quebra desse protocolo autoritário, mecânico e que levasse ao entendimento, visão e tratamento dos estudantes como gente em processo de socialização no ambiente escolar.

Considero esse ponto de sua abordagem exato e nevrálgico, pois a pressão psicológica exercida por todos os lados do sistema social sobre as educadoras e educadores determina as ações das mentes, das almas e dos corpos de cada ser que ouse, ou ainda ouse, querer ensinar, outros seres humanos, especialmente daqueles que optam, ou não tem opção, por fazê-lo através de sistemas ditos formais de ensino ou de educação no Brasil.

A prática de pressão psicológica é não contaminante e nociva que é praticada também pelas próprias educadoras e educadores contra seus colegas de função, no sentido da horizontalidade do poder e da hierarquia. Hoje usamos o termo assédio moral para denominar de modo geral essas práticas abusivas e já existem mecanismos e possibilidades de registro e documentação dessas ocorrências para busca de garantia de direitos de quem for assediado, porém, o corporativismo institucionalizado, na maioria das vezes, ainda prejudica e “pune” de diversos modos, mais o assediado que denuncia dos que pune os assediadores.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

É, ilustríssimo senhor, enquanto estavas entre nós, nem havia um reconhecimento jurídico para essa prática abusiva e tão presente nos ambientes escolares. Quem sentia-se mal com essas situações, perseguido e prejudicado por atitudes de todas as ordens praticadas contra ela ou contra outros membros do grupo e tentava falar sobre o tema geralmente, ouvia coisas como “é assim mesmo”. Hoje existe a figura jurídica, mas as técnicas de “*gaslighting*” continuam cada vez mais presentes, fortes, diferenciados, mais requintados e disfarçados na ardilosa arte de maltratar o outro.

Nesse aspecto de formas criativas de demonstrar maus tratos ao outro, percebo que o hábito de ainda chamarem as professoras de tias, não apenas nas fases iniciais de escolarização tanto de escolas particulares quanto públicas, traz ainda em seu bojo, o entendimento e a intenção de lembrar publicamente, que a (o) profissional professora ou professor seja vista (o), entendida (o) e tratada (o) como uma (um) tia (tio) da (o) estudante, que mora longe e que está ali tendo como característica de vínculo primeiro com ele ou ela, aquele indissolúvel, a ligação sanguínea e que, portanto, como tal, deve sobrepor-se a qualquer outra necessidade dessa pessoa que é a professora ou professor. Pensando num hábito já não tão presente nos dias atuais, que é o de que os familiares adultos tinham como “obrigação moral” ajudar os pais a cuidarem e zelarem dos sobrinhos com amor e dedicação semelhante ou até superior aos dos pais, envolvidos nas questões de garantia de subsistência da família, enquanto aos tios tinham a oportunidade de contribuir com a formação deles, ensinando e proporcionando aquilo que os pais não tinham tempo ou condições materiais de fazê-lo.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Percebe como aumenta demais a carga de responsabilidade dos professores quando a transportamos para dentro do ambiente da instituição escolar? Sei que percebes e acredito que concordes, com o desencontro e descompasso existente entre a perspectiva da sociedade que está fora dos muros da escola e a estrutura da sociedade existente dentro desse muro, que convive, orienta e forma (as) os professoras (es) que convivem, orientam, se relacionam, ensinam e formam, conscientemente ou inconscientemente esse (a) estudante, por até longos anos.

Como estudante de escola pública de periferia da periferia percebia e me incomodava com a forma com os profissionais da escola, inclusive as professoras, olhavam para nós estudantes. Eram olhares que demonstravam estranhamento, uma mistura de visão de uma massa homogênea com busca do maior distanciamento dessa massa. A partir da sexta série (hoje denominado sétimo ano), chegaram algumas professoras novas e professores novos e de alguns deles percebia que não nos olhavam como os demais. Não nos tratavam com frieza, incômodo, nem com o distanciamento característico até então e que dava a impressão de sermos uma massa disforme, com certo grau de transparência e invisibilidade de quem estava em posição social e hierárquica superior a quem está sendo atendido e com quem se é obrigado a conviver e ter contato, por mínimo que seja.

Era comum ouvirmos das professoras remanescentes na escola, durante as suas aulas, que “estavam ensinando do jeito que haviam aprendido, porque essa forma sempre funcionou, porque era o jeito certo de ensinar e que não iam perder mais tempo estudando para aprender esses jeitos diferentes e modernos que ninguém sabia se daria certo”. Acredito que essas falas também soam familiares!!! Essas falas eram

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

constantes e repetidas prontamente, se algum estudante demonstrava desinteresse ou mau desempenho na resolução de algum exercício, alguma das lições, em alguma prova, trabalho ou prova de recuperação bimestral.

Nos finais de bimestre era visível e tornava-se público as diferenças das notas dos estudantes nas disciplinas desses professores “modernos” sempre mais elevadas que as notas desses mesmos estudantes nas disciplinas ministradas pelos professores remanescentes. Os questionamentos de estudantes e pais começaram a gerar maior pressão e repressão dos professores remanescentes sobre os alunos, a quantidade de conteúdos, lições, provas, etc. Imagine Ilustríssimo, que até as notas em matemática melhoraram... Os assuntos ensinados eram muito mais difíceis e complexos, quando comparados com os assuntos estudados anteriormente... Estudantes que ficavam para o período de recuperação bimestral nessa disciplina desde o curso primário, começaram a entender, aprender e a resolver os exercícios solicitados pelo professor. É, nessa disciplina passamos a ter um professor, homem. Até então, só havia professor homem para os meninos para as aulas de educação física e para as meninas, a disciplina de educação física só podia ser ministrada por professora, mulher. Sinal dos tempos, mestre.

Em um momento de rebeldia juvenil dos estudantes de minha turma, revoltados com as diferenças de tratamento, de postura e de metodologias de ensino entre os professores, um dos menino do grupo que sempre haviam ficado para o período de recuperação, questionou cada professor que chegava à sala para divulgar as notas bimestrais sobre o motivo dele não mudar “seu jeito de dar aulas” para ajudar mais os alunos a aprenderem, como faziam outros professores. Foi o começo do que a direção chamou de motim. Foram só alguns

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

questionamentos de alguém que se sentia prejudicado por entender que havia outras possibilidades de fazer diferente algo que poderia até ajudar a quem precisava aprender. Claro que essa postura animou os colegas de bagunça, mas também os colegas que se esforçavam para entender e aprender o que era ensinado em algumas aulas, mas sem sucesso, era como se estivessem sendo ensinadas em uma língua estrangeira que desconheciam.

Foram uns três dias tensos na escola. Em seguida seria a temida reunião dos pais e a diretora da escola deixou bem claro para essa turma que se continuassem com o motim, os pais seriam convocados para assinarem a expulsão do filho daquela escola. A reunião de pais foi presidida pela diretora com a presença de todos os professores da turma, devido a gravidade da situação causada e a possibilidade de expulsão de pelo menos metade dos estudantes dessa turma. Alguns pais fizeram as mesmas perguntas que os estudantes fizeram às professoras para a diretora e aos professores para entenderem onde estava o erro dos seus filhos e que fossem identificados os envolvidos no motim. A lista de nomes foi grande e a rebeldia era tanta, que até a estudante que só tinha nota "A" em todas as disciplinas, participava. Soube desses fatos através de minha mãe que chegou em casa muito brava com a história do motim, a bronca que recebi foi grande e por muito pouco não virou uma surra com o cinto de meu pai, por eu ter apoiado os questionamentos da turma.

Ela disse que isso era coisa de professora sem futuro, comunista, que queria levar as "crianças" para o mau caminho, ensinando-os a desobedecerem aos pais, mas que isso não iria acontecer em nossa casa, pois contaria ao meu pai o ocorrido e ele mesmo se encarregaria da surra...Tempos sofridos...em

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

casa, na escola, na minha cabeça, creio que na cabeça de todos.

Na primeira aula do dia seguinte à reunião, a diretora foi à sala com um papel contendo um novo esquema de organização da sala de aula que determinava os locais em que cada um deveria sentar-se a partir de então, sem direito de levantar-se durante a aula para ir à carteira (mesa) de outro aluno, sem direito a virar-se para o lado ou mesmo conversar com os colegas durante toda a aula. Só haveria mudança de lugar para sentar-se, se algum professor pedisse para a diretora e ela mesma viria fazer a mudança. A porta da sala tinha que ficar aberta o tempo todo, a todo instante vinha um inspetor de aluno, ou um funcionário, ou outra professora, ou a própria diretora passando no corredor com aquele mapa da sala nas mãos. Chamava o nome de alguns estudantes para conferir se estava sentado no local que tinha sido designado. Outros tempos... Hoje, só na sala de aula de alguns presídios é que os detentos precisam seguir regra semelhante.

A intenção é demonstrar o que mencionou em sua obra, a questão de que os profissionais da educação, mais especificamente as professoras e professores são orientados, manipulados e obrigados a cumprirem determinações punitivas, ameaçadoras, arbitrárias e excludentes que reforçam as características das pessoas que administram que interferem nas instituições e são influenciadas, condicionadas e modificadas por elas.

Localizo essa passagem de minha experiência com sua obra, em dois parágrafos bem representativos, sendo que no primeiro, adaptaria o termo “estreiteza cientificista” para estreiteza autoritarista em: “A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista, que

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece.” (Freire, 1997, p. 9).

O segundo parágrafo que escolho, tem a ver com o aprendizado que obtive com a persistência daquelas professoras que não desistiram de continuar com suas formas de nos encantar com seu modo respeitoso, humanizado, afetivo com que nos ensinavam os conteúdos determinados, e mais do que isso, ensinaram com atitudes o que é ser uma professora consciente de seu papel como agente de formação e transformação social ao não desistirem de nós, seus pupilos. Não desistirem de nos ensinarem de acordo com o que aprenderam com o Professor Paulo Freire e outros que compartilhavam de suas ideias, rebeldes, revolucionárias e que independentemente da adjetivação que venham a receber, ousei dizer, que ousei aprender, a viver e a ensinar tendo como base o respeito à liberdade, a luta pela garantia dos direitos de ser, de agir, de aprender, de ensinar, de estimular esses conceitos no contexto educacional.

Minha esperança é que, experimentando-se livremente em administrações abertas terminem por guardar o gosto da liberdade, do risco de criar e se vão preparando para assumir-se plenamente como professoras, como profissionais entre cujos deveres se acha o de testemunhar a seus alunos e às famílias de seus alunos, o de recusar sem arrogância, mas com dignidade e energia, o arbítrio e o todopoderosismo de certos administradores chamados modernos (Freire, 1997, p. 10-11).

Essas professoras, foram as primeiras profissionais que nos olharam, nos enxergaram, nos trataram e nos ensinaram

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

como gente, como cidadãos. O entrelaçamento de suas vidas com a desse grupo, em especial com aquela aluna que foi tão repreendida por estar aprendendo a reconhecer-se como gente, ser gente, ser cidadão digno de direitos, de defendê-los e a não aceitar mais ser tratada como gado nem na escola nem na vida. Nesse momento a aluna, no sentido original do termo, sem luz, passa a ser a estudante que passa a se interessar em buscar dedicar-se cada vez mais, a aprender sobre a arte de ser professora, de ser uma professora que saiba tratar os estudantes como cidadão real e possa contribuir para que os conteúdos que venha a ensinar sejam sempre ferramentas para que possa construir bases e estruturas sólidas, fortes e ao mesmo tempo abertas e sensíveis às questões que envolvem o processo de ensino e de aprendizagem não só no ambiente formal escolar mas em todas as situações que se apresentam desafiadoramente na vida de cada um.

A estudante em questão persistiu em busca de seu sonho de tornar-se uma professora que pudesse ter algumas das características daquelas professoras, símbolos de profissionalismo, de ética, de respeito, de conhecimento, de dedicação, de carinho, de amplitude de visão de mundo, de leitura de mundo presente e de futuro mais favorável possível. O intuito de aprender e aprimorar cada aprendizado para ter mais condições de enfrentar o percurso profissional na área educacional direcionou aquela estudante à atuação no sistema de ensino formal, iniciado como professora ACT-ACE, após alguns anos permitiu o exercício da função e coordenadora pedagógica, diretora de escola, psicopedagoga, supervisora de ensino e professora universitária em cursos de graduação e pós graduação, nas áreas empresarial e educacional, com mestrado concluído na área educacional, atualmente doutoranda em

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

educação na linha de pesquisa direcionada para a formação inicial e continuada de professores.

Ilustríssimo mestre, provavelmente esse caminho não seria trilhado sem a experiência vivenciada por essa estudante, o conhecimento e aprendizado de sua obra e da forma sensível com foi escrita, demonstrando como educar nosso olhar para o outro, para as possibilidades e as ousadias necessárias a cada um, para entender, encaminhar e trilhar cada vereda e caminho que exista ou venha a existir pelo próprio caminhar; pela observação do caminhar de quem está próximo e de quem vai além, seja ele estudante, profissional da educação ou alguém que nos inspire boas ações.

Admiração, respeito e gratidão ilustríssimo mestre, por ter ensinado e inspirado aquelas professoras e professores de minha infância e adolescência que me mostraram e ensinaram novas possibilidades, que até então existiam apenas em meus sonhos. À essas professoras e professores, profissionais da educação que fazem parte de minha história, de minha vida, mas que marcaram tão profundamente minha existência que sinto que temos um “parentesco já sanguíneo” e que me sentiria a mais feliz e honrada das pessoas se um dia tivesse a possibilidade de então, chamá-las de tia ou chamá-los de tios. Conquistaram esse lugar por serem e exercerem com excelência suas atribuições profissionais, minhas professoras e meus professores de sempre. Agradecendo com saudades e admiração a atenção e ensinamentos possibilitados. Atenciosamente,

Antônia Vanda de Paiva
Email: dir.avpaiva@gmail.com

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. Editora Olho d'Água. 1997.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

SEMPRE SERÁ TEMPO PARA SEMEAR O ESPERANÇAR

Caicó (RN), 27 de julho de 2023

Querido professor Paulo Freire,

Nessa noite de inverno desejo que, na lida desta singela carta, o senhor se encontre bem e com a mesma energia inspiradora transmitida, incessantemente, por meio de seus escritos e pensamentos.

Faz exatos dois anos desde nossa última carta e, confesso, estou feliz em poder me remeter, novamente, ao senhor. Um sujeito amoroso, sensível, esperançoso, um plantador de palavras e, também, um dos maiores educadores que este país e o mundo já conheceu.

Por aqui, as coisas estão caminhando bem. Concluí o Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e o trabalho de dissertação versou a respeito da importância do currículo escolar na Educação do Campo, a importância de um currículo contextualizado com os saberes locais de uma comunidade rural, no sertão do Seridó, região situada no semiárido do estado do Rio Grande do Norte. Utilize-me de suas ideias para dar consistência ao texto haja vista que são pressupostos e concepções que tanto admiro, acredito, considero e respeito; e, ainda mais, com o seu atencioso olhar para os povos camponeses, sempre disposto e aberto às reflexões centradas na conscientização e na valorização dos conhecimentos e experiências dos estudantes, mirando uma educação com intensidade, relacionada à emancipação e à transformação social dos povos do campo.

Depois de ler algumas de suas obras, reveladas por meio de uma pedagogia da correspondência, e disseminadas

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

nos três tempos de sua existência, pré-exílio, exílio e pós-exílio, em nenhum momento eu poderia deixar de escrever esta carta, um gênero literário que, intencionalmente, tanto lhe acompanhou. Isso seria, por demais, distração de uma aprendiz um tanto quanto desatenta. As cartas têm um encanto que nos envolve pessoalmente, expõe nossas próprias intimidades. Talvez, por isso, me sinto tão próxima do senhor, uma vez que as cartas aproximam as pessoas que escrevem das pessoas que as leem, e as suas, em particular, são um convite ao diálogo... A uma relação interpessoal.

Quando comecei a escrevê-la, emergiu em mim uma seara de lembranças agradáveis. Recordei o meu tempo de infância e de quando me tornei uma menina jovem; o entusiasmo de mamãe ao ler seus livros; das leituras quando cursei o magistério; dos estágios nas escolas; da primeira vez que adentrei a sala de aula para exercer o ofício de educadora; da minha relação com os estudantes; da importância em valorizar as coisas simples; do passeio pelos corredores e pátios das escolas; das ocasiões experienciadas quando tento reinventar o seu legado...

Ao me deparar com os seus escritos pela primeira vez, fui cativada pelo caráter profundo da compreensão de educação como um ato político e transformador. Suas ideias sobre a pedagogia do oprimido, a consciência crítica, a importância do diálogo e a emancipação do ser humano têm sido uma fonte frequente de inspiração em minha jornada pessoal e profissional como educadora. Entusiasmada por ser um ser de possibilidades e na busca constante pelo “ser mais”, ser mais gente porque sou inacabada... Inconclusa...

Nestas linhas traçadas pretendo confabular sobre uma obra específica: “Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar”. Palavras transcendem o próprio livro; que estão para

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

além das dez cartas que nele estão contidas... Um verdadeiro compêndio de análises e proposições que considero essenciais às práticas pedagógicas dos educadores espalhados em todo e qualquer lugar do mundo. Os argumentos desenvolvidos estão repletos de lições favoráveis à formação contínua dos professores. O senhor aufere, com delicadeza, o trajeto daquilo que é fictício para o que é real.

Confesso que bem antes de lê-la, por volta do ano de 2001 quando eu exercia a função de professora temporária no, então, 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal aqui de Caicó/RN, me surgiu uma grande dúvida... Como uma pessoa tão amorosa como Freire, emprega ao seu livro um título como esse? Seria título que ignora a amorosidade da relação professor e estudante? – Não... Não é possível... Como assim, se as crianças desde que ingressaram na escola se referem a nós, professores, como tios e tias em uma forma de afeto? Lição para mim, que naquela época e lugar, era chamada de tia em todos os momentos? Senti-me em um dilema porque precisava desconstruir aquele adjetivo. Contudo, também senti que havia a necessidade de compreender melhor o seu pensamento, pois sabia que algo estava anuviado para mim.

Os anos se passaram, me afastei da docência e, apenas em 2010, retorno às escolas, desta vez como professora de Filosofia no Ensino Médio, embora nunca distante daquele pensamento que me refutava. Ainda, foi realizando outras leituras que compreendi o verdadeiro sentido da expressão “Professora, sim; Tia, não”, pois, muito mais que uma mera impressão de afetividade, havia uma identificação, um sentido político.

Confesso, caro professor, que meu contato mais íntimo com esse texto ocorreu durante o ano de 2021 quando

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

discutimos a referida obra, pedagogicamente, e em sua totalidade, no Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF). O Grupo de Pesquisa, coordenado pela querida professora Maria Aparecida Vieira de Melo, está vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Os membros que o compõe são das mais diversas partes do país e os nossos encontros quinzenais acontecem sempre às quintas-feiras.

Quando acordamos no grupo faríamos a leitura e discussão sobre o livro, comecei a folheá-lo e, de imediato, percebi que as cartas não tinham destinatários específicos, diferente de outros escritos de sua autoria, que tinham destinação concreta e nomes próprios. Desta feita, logo me dei conta que aquelas cartas eram destinadas a todas as pessoas que estão dispostas a se arriscassem na ousadia de ensinar.

A leitura deleite e as discussões do GEPEPF me ensinaram que, mesmo com toda amorosidade, não podemos ofuscar o nosso lugar na formação dos educandos, pois podemos distorcer seus próprios olhares sobre as relações. Compreendi que a função familiar de “tia” é de amá-los, ter uma boa relação com os seus sobrinhos, preservar a cultura familiar, cuidar, aconselhá-los... Mesmo que, em partes, assim o façamos, o lugar de fala dos professores não é o mesmo das “tias”. Não podemos nos alienar a essa função que nos doméstica e confunde o nosso papel profissional. Como o senhor mesmo escreveu: “ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco.

Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão”. Não obstante, nós investimos de uma responsabilidade com a luta em favor dos nossos direitos;

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

por uma escola democrática; contra a desvalorização dos profissionais que exercem o magistério.

Percebi que uma das suas intenções com o livro é discutir e dialogar com os educadores da educação básica, haja vista o próprio título escolhido. Será que foi isso mesmo? Fiquei curiosa, mais u ma vez, pelo fato de o senhor ter usado os termos “tia” e “professora” no gênero feminino. Haveria uma razão específica, foi proposital ou apenas uma mera coincidência? Quiçá, simplesmente, por que a maioria dos profissionais da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental são na grande maioria mulheres?

Enquanto me regalava com suas palavras postas naquele texto, ficou evidente, em várias passagens, que a tarefa do ensinante é, também, a de ser aprendiz, embora que para isso seja necessária ousadia no devir do professor e educador, um reconstruir-se permanente. Compreendi que todo educador precisa estar aberto a repensar e a ressignificar suas ideias uma vez que não dominamos tudo, não sabemos tudo e que, para tanto, temos que no colocar em uma posição de humildade e despojamento. Que, ali, o senhor propunha a interligação entre dois modos essenciais de educação: o ensinoaprendizagem baseado na leitura da palavra, ou seja, a alfabetização e conhecimento formal; e a leitura do mundo que acontece por meio da experiência, da observação e da compreensão das realidades sociais.

Percebi o quanto destacava a importância de combinar esses dois tipos de leitura a fim de consolidar a educação como um processo formativo eficaz e emancipador, argumentando que a leitura da palavra, melhor dizendo, o aprendizado formal das habilidades de ler e escrever é essencial para o desenvolvimento intelectual e a capacitação do indivíduo; posto que, o analfabetismo carrega consigo o condão que torna

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

infecunda a condição humana. Conquanto, enfatiza que a leitura do mundo é fundamental, pois possibilita aos estudantes a compreensão de sua realidade social, cultural e política e, assim, os possibilitem questionar sobre as desigualdades existentes em nossa sociedade e se tornem agentes ativos da mudança que tanto almejam. Ao ler o mundo, os alunos podem se conscientizar das injustiças e desafios enfrentados em suas comunidades, despertando o senso crítico e o desejo de transformação.

Admito que a Segunda Carta me deixou marcas que, dificilmente, serão apagadas... Nela, o senhor traz questões complexas que envolvem o ensinar-aprender, desvelando a instrumentalização da educadora com os medos que emergem da prática educativa. Em muitas ocasiões da minha trajetória de vida, o medo foi meu maior desafeto. Por diversas vezes fui surpreendida pelo “medo do difícil”. O sentimento de insegurança... Medos que não me persuadiram a desistir do que acreditava/acredito, marcados por situações desafiadoras enfrentadas com esforço e luta. Nesta caminhada educativa tenha visto muitos colegas serem vencidos por eles.

Quero destacar a coragem com que enfrentou, diariamente, cada desafio e adversidade, sempre exercendo a coerência do agir com seus princípios e valores; comprometido com a justiça social e com a luta pelos direitos dos mais vulneráveis, os “esfarrapados do mundo”. Esse é um valioso ensinamento que permanecerá além do horizonte que os olhos alcançam. Orgulho-me de acompanhar u m ser humano de pensamento crítico, que sempre acreditou no poder da educação como uma ferramenta utilizada para libertar mentes, que tem desempenhado u m papel crucial em meu entendimento sobre educação e seu verdadeiro propósito.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Aproveito o ensejo para compartilhar com o senhor as implicações que suas ideias têm sustentado e contribuído com minha trajetória e prática educacional. A relação com os seus escritos me fez compreender que a tarefa do educador não está limitada a transmissão de conhecimentos. Enquanto educadores, dispomos da cuidadosa missão de fomentar a reflexão crítica e a indagação, encorajando os estudantes a se tornarem agentes ativos em sua própria existência e na construção do conhecimento.

Os princípios da sua pedagogia geram entusiasmo em muitos educadores e isso reflete na vida diária, pois desperta nos estudantes o desejo de aprender. Através deles, os educadores se sentem engajados, criativos e capazes de aplicar o conhecimento adquirido a situações reais, o que só reforçou a validade de suas abordagens educacionais.

Assim sendo, me considero uma educadora engajada com as ideias que acredito, enfrento cotidianamente, desafios ao tentar aplicar suas ideias em um sistema educacional muitas vezes burocrático e resistente à mudança. Ah, se pudéssemos sentar lado a lado e eu pudesse ouvir sua opinião sobre como superar essas barreiras e promover uma educação libertadora em meio a um ambiente muitas vezes opressivo.

Nesse sentido, professor, gostaria de pedir sua orientação para enfrentar esses desafios e compartilhar suas recomendações de como podemos disseminar ainda mais suas ideias entre os educadores. Há muitos colegas de profissão que ainda não tiveram a oportunidade de conhecer suas concepções; tenho certeza de que elas poderiam dar sentido a muitas vidas assim como deram a minha.

Fico entristecida porque muitos professores ainda insistem em seguir um modelo de educação que apenas transfere o conhecimento, de uma educação depositadora de

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

saberes, mesmo o senhor tendo dedicado sua vida a mostrar que é necessário o contrário. Apesar das adversidades encontradas na vida profissional, conduzirei comigo a teimosia de conjugar o verbo "esperançar" e, assim, me lançar, novamente, aos movimentos que ascendem às novas possibilidades nesse processo educativo que é tão complexo e místico.

Precisamos "esperançar", com a consciência ativa, para nos contrapormos às concepções de esperança passiva e ingênua. Ser otimistas de que as coisas vão melhorar, mas com atitudes comprometidas com a transformação social. Precisamos esperançar com atos de resistência e engajamento diante das injustiças e desigualdades do mundo, buscando a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humana. Precisamos esperançar acreditando na possibilidade de mudança, na sumidade de ação das pessoas e na transformação das circunstâncias posta pela vida. Esperançar é lutar por uma educação que liberta, que conscientiza, que emancipa e fortalece a participação ativa dos indivíduos com vistas as melhores condições de vida.

Para finalizar estes escritos, gostaria de reforçar que o seu legado será sempre uma inspiração para mim, assim como para todas as pessoas que acreditam no poder transformador da educação. Seus anos de dedicação à emancipação das consciências e a construção de um mundo mais justo e humano continua sendo um facho de esperança em tempos desafiadores. Suas centelhas de esperança são um alento para os dias difíceis... Seus ensinamentos me fortalecem.

Quero expressar a minha profunda admiração e gratidão por sua inestimável contribuição para a educação e para a humanidade. Seus ensinamentos permanecerão vivos através daqueles que foram tocados por suas palavras,

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ensinamentos e ações. Desejo de todo coração que a nossa amizade continue florescendo e se fortalecendo ao longo dos anos.

Com toda admiração e gratidão, deixo um saudoso e afetuoso abraço. Até breve. P.S. Por gentileza, estenda meu abraço ao amigo Brandão.

Serjane de Queiroz Vale Dantas
E-mail: serjane@msn.com.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro, RJ: Paz & Terra, 2021.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

LUTAS EPISTÊMICAS NO CONTEXTO DAS ESCOLAS INDÍGENAS XUKURU DO ORORUBÁ: UMA CATEGORIA TEÓRICO-PRÁTICA CONSTRUÍDA A PARTIR DOS CONCEITOS DE PAULO FREIRE

Recife (PE), 23 de julho de 2023

Caro Paulo Freire,

A leitura de seus textos nos fez repensar as formas de educação libertária pelo diálogo e transformação social dentre os processos de ensino-aprendizagem.

Freire indicou que os princípios da educação não podem ser dissociados do mundo da(o) educanda(o) e professor(a). Não pode ser condicionado pelas restrições gananciosas de alguns considerados possuidores da hegemonia. As reflexões freireanas foram construídas de modo teórico-prático, ou seja, do fazer teórico construído pela prática ou trabalho, caso da práxis pedagógica de sentido libertário³.

³ No caminho do conhecimento construído pela prática do trabalho, Freire (1999, p. 117) considera “a cultura como o resultado de seu trabalho. Do seu esforço criador e recriador. O sentido transcendental das relações. A dimensão humanista da cultura. A cultura como aquisição sistemática da experiência humana. Como uma incorporação, por isso crítica e criadora, e não como uma justaposição de informes ou prescrições “doadas”. Ele vê a cultura do homem mais simples como resultado do seu trabalho, como mais a frente refletiu:” amanhã, disse certa vez u m gari da Prefeitura de Brasília, ao discutir o conceito de cultura, “vou entrar no meu trabalho de cabeça para cima”. É que descobrira o valor de sua pessoa. Afirmava-se. “Sei agora que sou culto”. Afirmou enfaticamente um idoso camponês. E ao se lhe perguntar por que se sabia, agora, culto respondeu com a mesma ênfase: “Porque trabalho e trabalhando transformo o mundo” (Freire, 1999, p. 118). Nessa

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Caminhando com essas discussões, o texto recebeu uma grande contribuição conceitual do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GEPEPF). O GEPEPF coordenado pela Professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo (UFRN), discutiu e executou trabalhos de pesquisa sobre a práxis do ensino do mundo social da região nordeste, nos diversos contextos educacionais, das áreas urbanas, rurais, dos povos resistentes, etc.

Por isso, conectamos as discussões freireanas com nossa práxis da pesquisa acadêmica, a temática educação escolar indígena. Por acreditarmos que esta emergiu em um conjunto de lutas de uma sociedade em processo de mudança e erguimento de ideias democráticas.

Esta carta pedagógica foi dividida, inicialmente, com uma exposição de nossa pesquisa acadêmica situando o processo de luta da educação escolar indígena como um exemplo de educação libertária. Em seguida, abordamos um recorte dos marcos conceituais freireanos. E finalizando a carta pedagógica, com as reflexões na construção do conceito de luta epistêmica.

Nossa dissertação de mestrado tratou da colaboração das(os) professoras(es) do povo indígena Xukuru Ororubá (Pesqueira, Pernambuco) no fortalecimento da identidade étnica. Isto é, o autorreconhecimento enquanto Xukuru de uma prática educativa para a liberdade na valorização de seus valores e

concepção criadora e recriadora, os seres humanos não foram limitados pelo conhecimento e nem pelo mundo, devido exatamente ao trabalho gerador de ação e reflexão. Prosseguindo essa discussão em outra leitura, consideramos a “práxis que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto a atividade animal, realizada sem práxis, não implica criação, a transformação exercida pelos homens a implica” (Freire, 2016, p. 154).

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

crenças. Para tanto, enxergamos a práxis do magistério Xukuru enquanto ação de luta política e cultural. Assim, a partir de discussões conceituais freireanas construímos a categoria de análise lutas epistêmicas. Um passo firme do movimento de professoras(es) indígenas que transcendeu os espaços formativos do território desemparedando o lugar escola no caminho das retomadas territorial-educacionais, ou seja, um processo de reapropriação do território fundamentado nas práticas de ensino dos valores e crenças ancestrais (Silva, 2022¹).

Tal prática educativa é indissociada do processo de luta com o marco temporal no ano de 1992 ocasião dos primeiros encontros de professoras(es) indígenas no Estado de Pernambuco reunidos no território Xukuru. Nesse momento, as experiências exitosas nas escolas Xukuru foram compartilhadas e levadas para os outros povos indígenas.

Assim, em 1997 surgiu o Conselho das(os) Professoras(es) Indígenas Xukuru do Ororubá (COPIXO) na construção de uma educação específica para o autorreconhecimento como indígena e educação intercultural com base na diferenciação entre diferentes. Em 1999, a ampliação das lutas do magistério indígena em outros povos levou a mobilizações a níveis estaduais pelo direito ao ensino específico e intercultural defendido pela Comissão das(os) Professoras(es) Indígenas de Pernambuco (COPIPE).

Decorrente disso, a *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá* foi um marco no magistério indígena enquanto uma episteme e modelo de ensino constituído pelos fortes significados de autorreconhecimento cultural e de lugar no mundo. Assim, foram construídos princípios de: compromisso-conscientização na afirmação da lealdade à organização política; o *Surgimento de Novas(os) Guerreiras(os) Xukuru* na

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

autoria da própria história, amor à *Mãe-Terra*; o *Dom da Natureza dos mais velhos* considerados árvores de detentores dos saberes ancestrais; a Oralidade enquanto capacidade de transmitir valores e crenças de uma geração para outra verbalizada pelos elos de convivência social e não por palavras escritas (Copixo, 1997).

Tais princípios firmaram uma escolarização Xukuru mobilizada e defensora da sabedoria ancestral alicerce do Projeto Político Pedagógico das Escolas do Povo Xukuru do Ororubá. O PPP Xukuru teve duas versões, a primeira em 2005 e a segunda em 2013, atualmente vigente, reformulado a cada dois anos. É um documento que demonstra o envolvimento de todos os seguimentos do povo Xukuru na construção da atividade pedagógica, nas visões de mundo, prioridades e esperanças nos processos de ensino-aprendizagem. Nos Eixos do PPP Xukuru (Copixo, 2013).

Na correlação entre o PPP Xukuru e o cotidiano escolar apresentaram os seguintes resultados em nossas análises:

- a) As duas gerações de professoras(es) colaboraram entre si no fortalecimento da identidade étnica, diferenciando-se apenas pelas momento histórico em que as(os) professoras(es) veteranas(os) e as(os) novatas(os) iniciaram a prática docente;
- b) Nesse sentido, as(os) docentes verbalizaram a contação da História de luta de seu povo pelas *árvores de leitura* dos mais velhos e lideranças nos espaços formativos ao longo do território, o legado do encantado Cacique Xikão na organização político-religiosa do seu povo, a dança do toré e outros rituais compartilhados no tempo-espaço nas matas e espaços sagrados do território, quanto também a autoafirmação cultural e dos calendários tradicionais destacando datas de luta na ressignificação do processo histórico, as autoformações na construção da autonomia de

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ensino, em um diálogo intercultural para o respeito entre saberes Xukuru e não-indígenas;

c) *A Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá* foi um modelo de ensino com estratégia nas reflexões freireanas do tema-gerador reconstruindo os conteúdos a cada ano letivo por meio dos projetos didáticos em ações mobilizadoras da comunidade na escola e de lealdade para o autorreconhecimento enquanto Xukuru;

d) Em um modelo de ensino em que as(os) educandas(os) souberam se mobilizar e defender o seu povo. Principalmente, no fortalecimento da identidade étnica Xukuru. Com um modelo de ensino que contribuiu solidariamente na organização do ensino-aprendizagem de povos indígenas em outras regiões do Brasil;

e) Fortalecendo a identidade étnica, a escola Xukuru também alcançou resultados exitosos na educação formal com a aprovação das(os) educandos em avaliações nacionais, entrada nas escolas técnicas e faculdades assim como no mercado de trabalho. Ainda que, existiram choques culturais e internalizações da colonialidade, isto é, das negações coloniais como violências culturais praticadas por alguns Xukuru contra seu próprio povo, inferiorizando e desqualificando a prática escolar Xukuru.

A escola Xukuru exemplificou um processo de educação pela liberdade, para a afirmação cultural e organização política com base na sabedoria ancestral. Portanto, a práxis pedagógica foi construída em um processo histórico com as próprias representações de mundo e resistências contra interferências externas da sociedade hegemônica, especialmente da Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (SEDUC/PE). Como forma de luta, a construção de uma educação reformulada com

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

alguns conceitos freireanos, como o tema-gerador⁴ trabalhado nas atividades de ensinoaprendizagem no território e na escola Xukuru.

Para compreensão desta práxis do magistério Xukuru, trouxemos reflexões conceituais de Freire ou em diálogo com ele. A cargo disso, discutimos as consciências de transitividade

⁴O tema-gerador foi e é uma metodologia freireana do trabalho de professora e professor, em um sentido libertário aos significados de lugar de mundo dos povos oprimidos. O tema-gerador potencializou as palavras mais comuns do vocabulário da vida da(o) educanda(o), espaço de trabalho com a linguagem na contextualização facilitadora entre os significados de seu meio social e os conceitos da vida escolar. Por isso mesmo, foi e ainda é tão importante a(o) professor(a) diagnosticar os significados de lugar social e cultura das(os) educandas(os), a motivação assentada nos valores e crenças, isto é, uma metodologia de ensino mobilizada pela vontade de apropriação epistêmica. Como o letramento a partir de palavras-geradoras da sua cultura, nomes de parentes indígenas, a pesquisa escolar sobre entidades religiosas, medicina tradicional, elementos da sua identidade étnica, etc. Dessa maneira, para Freire (2016, p. 163-164) o tema-gerador considera “investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis. A metodologia que defendemos exige, por isto mesmo, que, no fluxo da investigação, se façam ambos sujeitos da mesma – os investigadores e os homens do povo que, aparentemente, seriam seu objeto. Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando a sua temática significativa, se apropriam dela. Poderá dizer-se que o fato de sermos homens do povo, tanto quanto os investigadores, sujeitos da busca de sua temática significativa sacrifica a objetividade da investigação. Que os achados já não serão “puros” porque terão sofrido uma interferência intrusa. No caso, em última análise, daqueles que são os maiores interessados – ou devem ser – em sua própria educação [...]. Um mesmo fato objetivo pode provocar, numa subunidade epocal, um conjunto de “temas geradores”, e, noutra, não os mesmos, necessariamente [...]. É através dos homens que se expressa a temática significativa e, ao expressar-se, num certo momento, pode já não ser, exatamente, o que antes era, desde que haja mudado sua percepção dos dados objetivos aos quais os temas se acham referidos”.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ingênua; consciências de transitividade crítica; situação limite; *ser menos; ser mais*. Fizemos tais discussões a partir das leituras de Freire (1999; 2016).

Decorrente disso, a opressão colocou e posicionou os sujeitos como submissos ou opressores. Os grupos hegemônicos afirmam significados de acumulação de recursos e opressão política. Os oprimidos são expropriados de significação pelos grupos hegemônicos de todas as formas, inclusive da própria dignidade humana, imersos na reprodução da violência e pobreza, em uma visão de mundo limitada às precárias condições de vida como animais deserdados do progresso⁵.

Nesse sentido, a posição verbalizada pelas(os) professoras(es) Xukuru emergiu pelas consciências de transitividade crítica opostas às consciências de transitividade ingênua. A consciência de transitividade ingênua acentua a massificação da passividade, domesticação e silêncio imposto pelas camadas dirigentes da sociedade. Para Freire (1999), a falta de autonomia ocultou a subjetividade pelo grande maquinário manipulador resultante em consciências rasas e obliteradas:

⁵Compreendemos os opostos à práxis pedagógica Xukuru enquanto opressores e usurpadores do poder denominados de elites sociais, quanto também de grupos hegemônicos (os antagonônicos). Os grupos hegemônicos se apropriaram dos significados para à exploração capitalista e ocupação do lugar político nos ordenamentos régios. Eles expropriaram a ética e a ancestralidade indígena pelos desígnios da igreja católica de conversão forçada ao cristianismo e trabalho escravo. Internalizando os processos de apropriação e expropriação⁵, as identidades indígenas e africanas foram consideradas raças inferiores, violentamente massacradas, naturalizando-se a negação de significados aos oprimidos, impondo-lhes u ma consciência colonizada (Fanon, 1968; Quijano, 2005)

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Pela prática não propriamente do diálogo, mas da polêmica. Pelas explicações mágicas. Esta nota mágica, típica da intransitividade, perdura, em parte, na transitividade. Ampliam-se os horizontes. Responde-se mais abertamente aos estímulos. Mas se envolvem as respostas de teor ainda mágico. É a consciência do quase homem, em quem a dialogação mais amplamente iniciada do que na fase anterior se deturpa e se distorce. É exatamente esta distorção da transitividade ingênua – no caso de não promovida à transitividade crítica, que levará o homem ao tipo de consciência que Marcel chama de “fanatizada” da qual falaremos mais adiante. Eis aí um dos grandes perigos, das grandes ameaças, a que o irracionalismo sectário nos está conduzindo (Freire, 1999, p. 69).

A consciência de transitividade crítica se construiu pela emersão das capacidades de mudança social e diálogo com os outros. Como na práxis pedagógica Xukuru, se construiu uma tomada de consciência e não imposição de consciência como nos processos ingenuamente construídos. Uma educação libertadora desafiou-se à contradição e pretendeu transpô-la através da autonomia dos espaços e estratégias de trabalho pedagógico crítico (Freire, 1999):

A transitividade crítica por outro lado, a que chegaríamos com uma educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas. Pela substituição de explicações mágicas por princípios causais. Por procurar testar os “achados” e se dispor sempre a revisões. Por despir-se ao máximo de preconceitos na análise dos problemas e, na sua

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

apreensão, esforçar-se por evitar deformações. Por negar a transferência da responsabilidade. Pela recusa a posições quietistas. Por segurança na argumentação. Pela prática do diálogo e não da polêmica. Pela receptividade ao novo, não apenas porque novo e pela não-recusa ao velho, só porque velho, mas pela aceitação de ambos, enquanto válidos. Por se inclinar sempre a arguições. Esta posição transitivamente crítica implica n um retorno à matriz verdadeira da democracia. Daí ser esta transitividade crítica característica dos autênticos regimes democráticos e corresponder a formas de vida altamente permeáveis, interrogadoras, inquietas e dialogais, em oposição às formas de vida “mudas”, quietas e discursivas, das fases rígidas e militarmente autoritárias, como infelizmente vivemos hoje, no recuo que sofremos e que os grupos usurpadores do poder pretendem apresentar como um reencontro com a democracia (Freire, 1999, p. 69-70).

Sendo assim, parecem bem claras as diferenças entre as consciências de transitividade crítica e ingênua esta última contida em uma situação limite, de aquietação forçada, emudecimento e apatia. Uma situação limite permanentemente de submissão e negação da subjetividade controlada pela consciência hegemônica hospedada na consciência oprimida com a atrofia da capacidade dialógica.

Na imposição dos ordenamentos opressores e contraditórios em u m espaço social considerado inalterável pelas impossibilidades de ação e completa desesperança. Segundo Freire (2016, p. 76), para que “as massas populares cheguem a “inserir-se”, criticamente, na realidade [é um desafio]. De modo geral, se encontram impotentes em face da realidade opressora, como “situação limite” que lhes parece

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

intransponível". De modo que, para romper a situação limite somente via a consciência de transitividade crítica no agir e fazer.

Decorrente da situação limite existiram dois caminhos: pela expropriação desesperançosa e ingenuidade do *ser menos* e o dialogismo e reflexão crítica do *ser mais*. O *ser menos* foi um sujeito a-histórico, inconsciente e egoísta, dissociado dos processos sociais, sob os ordenamentos e desígnios hegemônicos. Ele se identificou com quem lhe oprimiu e inferiorizou não reconhecendo a própria situação de opressão, aderente às submissões. Nessa condição, reproduziu as premissas individualistas com a ilusória expectativa de um dia ser aceito pelos grupos hegemônicos. Assim, o *ser menos* foi expropriado e desumanizado, levando o opressor para dentro de si. Como discute Freire (2016):

Não queremos dizer que os oprimidos, neste caso, não se saibam oprimidos. O seu conhecimento de si mesmos, como oprimidos, se encontra, contudo, prejudicado pela "imersão" em que se acham na realidade opressora [...]. A identificação com o seu contrário (Freire, 2016, p. 66). Enquanto tocados pelo medo da liberdade, se negam a apelar a outros e a escutar o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos, preferindo a precarização à convivência autêntica (Freire, 2016, p. 69).

No entanto, o *ser mais* se construiu dialogicamente, isto é, no diálogo entre os seus semelhantes nos processos de ação, reflexão e consciência crítica. O *ser mais* reconheceu as injustiças e desigualdades sociais buscando uma mudança de significado da sua condição de submissão. Assim, o *ser mais*

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

autorreconheceu o processo histórico, em ressignificações transformadoras, de uma ação política construída pela reflexão do seu lugar social. Para isso, o *ser mais* parte das experiências políticas indígenas no questionamento ao poder invasor. Nesse caminho, o *ser mais* construiu uma consciência crítica para novos projetos de vida e trabalho emancipatório, sem a migalha do opressor, e sim o fruto da ação coletiva dos próprios sujeitos para a liberdade, da ordem opressora vigente:

Daí a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica o reconhecimento crítico, a “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do *ser mais* (Freire, 2016, p. 69).

O importante, por isto mesmo, é que a luta dos oprimidos se faça para superar a contradição em que se acham. Que esta superação seja o surgimento do homem novo – não mais opressor, não mais oprimido, mas homem libertando-se (Freire, 2016, p. 82).

Corroboramos com a segunda perspectiva, o *ser mais* como um parâmetro na dialética entre ser e mundo presente na práxis pedagógica Xukuru.

Nesse caminho, a consciência crítica buscou uma realidade não-opressora. Para libertar-se das situações limite, ressaltando subjetividades e reconstruções de significados com o mundo. Para se libertar, seria necessário o reconhecimento de que toda a atividade política foi e é um ato cultural (Freire, 2016):

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência (Freire, 2016, p. 97).

Indissociando ambas, teríamos uma ação cultural da reflexão política. A ação política não pôde dissociar sujeito e contexto histórico-cultural. Nesse caminho, a ação sempre teve conteúdo político. A ação que despolitizou os sujeitos ou em que foram dissociados da sua cultura seria na realidade uma operação mecanicamente disposta de obediência à ordem construída pelos grupos hegemônicos.

Nesse caminho, a ação cultural da reflexão política sublinhou nossa perspectiva de lutas epistêmicas. Com isso, problematizamos a cultura do silêncio reproduzida nos espaços de escolarização da sociedade hegemônica. Seguindo o exemplo da práxis pedagógica Xukuru, da quebra da cultura do silêncio não existe neutralidade nos processos de ensino-aprendizagem. A cultura do silêncio só pôde ser desconstruída com a voz dos sujeitos afirmados sobre as suas necessidades de mundo, a partir da escuta de seus significados. Então, enunciados impostos não tiveram lugar, mas enunciados feitos entre os sujeitos. O que permitiu denunciar criticamente o lugar e as condições de mundo. Ou seja, os significados construídos e reconstruídos em um processo contínuo, de inacabamento epistêmico (os homens foram seres inconclusos, quanto também foram inconclusos os significados moldados por eles sobre o mundo).

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Dessa maneira, tornou-se possível no trabalho docente Xukuru reorganizar a ação e política em um processo de lutas epistêmicas. O exercício do pensar se faz não pelas ideias, todavia na prática do saber dentro da vida (como os vocabulários, calendários, ordem de mundo vivenciados pelas educandas e educandos). As vivências do saber puderam potencializar o caráter transformador, da ação do saber sempre associada à reflexão, no pensar para o agir e vice e versa. O resultado da ação-reflexão é a crítica reflexiva, uma força permanente na construção da autonomia. Portanto, uma ação transformadora mais profunda, unificando práticas de política e cultura, no viés de lutas epistêmicas.

Nesse caminho, as lutas epistêmicas afirmaram a voz e a ação crítico-reflexiva. Primeiro, o trabalho docente Xukuru deve reconhecer a sua capacidade de verbalização e conceitualização do mundo. Segundo, de posse dessas capacidades, desconstruiu as contradições da neutralidade epistemológica retirando a naturalização do poder das camadas opressoras (como práticas transitivamente ingênuas e antidialógicas do *ser menos* inseridas na *educação bancária*: enclausuramento no espaço escolar, o dirigismo de conteúdos pedagógicos alheios à vida das(os) educandas(os), a memorização de comunicados, práticas transcritivas, a voz concentrada no professor, etc).

As lutas epistêmicas explicaram o engajamento dos movimentos sociais na construção do trabalho docente, o modo de trabalho na luta social ampliada nos sentidos da capacidade de organização e envolvimento da prática cultural. Portanto, do modo em que os Xukuru interpretaram o mundo e construíram conjuntamente o caminho emancipatório, por isso, a procura pela libertação da situação-limite. No ensino, as lutas epistêmicas da *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá*

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

destacam o povo como construtor da cultura e dos objetivos da escola no rompimento aos limites antagônicos-elitistas.

Dialogando com Freire, as pensadoras dos movimentos indígenas Silvia Cusicanqui (2018); Catherine Walsh (2010) nos ajudaram a compreender as lutas epistêmicas no trabalho docente pelo viés de reconstituição da episteme indígena; a ruptura ao modelo escolar hegemônico; as formas *outras*.

Autodeclarada indígena Aymara (Bolívia), a socióloga Silvia Cusicanqui analisou as lutas epistêmicas dos povos indígenas. Para ela, o trabalho docente indígena buscou "*reencontrar los hilos perdidos de esos orígenes diversos y contradictorios para hacer gestos epistemológicos de reversión del proceso colonial y sus marcas de subjetivación*" (Cusicanqui, 2018, p. 79). Continuando tal discussão, as lutas epistêmicas destacaram trabalhos de reconstituições destes povos (Cusicanqui, 2018):

Reconstituición de la episteme índia ancestral, para hacer de la memoria una herramienta metafórica capaz de romper con las ideas de progreso y desarrollo que alimentan los gobiernos progressistas, y para cruzar la frontera hacia um horizonte muy ajeno a las habituales lecturas lineales y positivistas de la historia (Cusicanqui, 2018, p. 97).

Na perspectiva das lutas epistêmicas, o trabalho docente indígena foi e permanece como um ato político de ruptura ao modelo de pensamento e de escolarização hegemônico (Cusicanqui, 2018), pois:

La ruptura epistémica que supone salir de la camisa de fuerza de la nación quizás nos permitirá mirar las

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

cosemas de otro modo, desde las froteras transgredidas, desde las luchas por el sentido y desde el espíritu cuestionador de la gente em a pie que en el fondo de áthos burla del páthos boliviano y de los discursos nacionales grandilocuentes (Cusicanqui, 2018, p. 119).

Como no caso da *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá*, as lutas epistêmicas tentaram a reconstituição da episteme indígena e o rompimento ao modelo de pensamento hegemônico. Com uma perspectiva de reencontro do passado com o presente na construção do futuro indígena. Conforme ilustramos nossa síntese na página

Organograma 1 - Lutas epistêmicas.



Fonte: Dados do Autor (2022).

Nesse sentido, o Organograma 1 destacou os saberes dialogicamente construídos com os *otros*, desconstruindo hierarquias as situações limites coloniais, em uma linguagem

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

esperançosa e transformadora. Como vemos as(os) professoras(es) Xukuru (re)fazendo-se para *ser mais*, tornaram-se transitivamente críticos e agentes culturais fortalecidas(os).

Assim, as formas *otras* conceituadas primeiramente por Cusicanqui como outros modos de vida e ação cultural foram reformuladas e renomeadas por modos *otros* na perspectiva decolonial pela pesquisadora e militante norte-americana Catherine Walsh (2010). Na afirmação dos modos *otros*, o mundo não foi constituído de uma única afirmação cultural, ampliando subjetividades na tentativa de um mundo (re)humanizado pelas experiências culturais como a identidade indígena (Walsh, 2010).

Sendo assim, os modos *otros* permitiram deslocar nossos olhares sobre os modos *otros* da identidade indígena fortalecidos pela *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá*. Pois, as lutas epistêmicas se fizeram em um movimento libertário da consciência pela transitividade crítica transformando-se pela ação-reflexão. Em que toda a ação cultural se constituiu em um ato político, da(o) professor(a) Xukuru autor do seu trabalho docente. Destacando uma educação libertária e não-opressora com base nas lutas epistêmicas que reconstruiu criticamente seu povo. Em outras palavras, em uma ação-reflexão em que as(os) Xukuru se significaram assumindo o seu lugar no mundo.

Claramente, as(os) docentes Xukuru autorreconheceram e praticaram a ancestralidade. No caminho da *Formação da(o) Guerreira(o) Xukuru do Ororubá*, a(o) docente(a) construiu um projeto emancipatório de afirmação da identidade étnica⁶. Em que interculturalizaram culturas, portanto, na ação de respeito às diferenças entre saberes. Desse modo, o trabalho docente Xukuru reconstruiu ou ressignificou o passado fortalecendo o pertencimento étnico.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Por isso, caro Freire, suas discussões inspiraram a reconstrução conceitual da nossa pesquisa. Sobretudo, na compreensão das lutas epistêmicas como uma ação partindo do contexto escolar, das mobilizações da sociedade, na viabilização do ensino/aprendizagem crítico, reflexivo e dialógico. Evidentemente, de uma práxis do trabalho docente que unificou a afirmação da identidade étnica e a organização política Xukuru.

Alexandre Evangelista da Silva
E-mail: arquivope@yahoo.com.

REFERÊNCIAS

- COPIXO. **Plantando a memória do nosso povo e colhendo os frutos da nossa luta: O Projeto Político Pedagógico das Escolas do Povo Xukuru do Ororubá.** Ed. rev. Pesqueira: Ed. das(os) Autoras(es) Professoras(es) Xukuru do Ororubá, 2013.
- COPIXO. **Xukuru: Filhos da Mãe Natureza: uma História de resistência e luta.** Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire, 1997.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible.** 1.ed. Ensayos desde un presente en crisis. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Kaingáng: Questões de Língua e Identidade. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 2, n. 1, p. 105–128, 2012.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Boaventura & a Educação**. 2. ed. Coleção Pensadores & a educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POUTIGNAT, Phelippe, STREIFF-FENART, Jocelyne. Capítulo 1: A etnicidade: um novo conceito para um fenômeno novo? *In*:

POUTIGNAT, Phelippe, STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.).

Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. (Org.). **A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. 3.ed. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, Alexandre Evangelista da. **Construindo o magistério indígena: desafios na educação do povo Xukuru em Pesqueira (Pernambuco)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Centro Acadêmico do Agreste (Campus Caruaru). Caruaru: UFPE, 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. *In*: VIAÑA, Jorge, TAPIA, Luis, WALSH, Catherine (Org.). **Construyendo Interculturalidad Crítica**. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. Disponível em:

http://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-yeducacion-intercultural_150569_4_0204.pdf Acesso em: 10 jun. 2023.

CONHECENDO A MIM MESMA ATRAVÉS DA DOCÊNCIA

Caicó, 09 de junho de 2023

Paulo Freire, querido,

Quando criança eu sonhei em ser uma professora, pois me encantava em ver cada um de meus ensinantes, seus esforços para nos levar um pouquinho de seu saber. Me encantava também, com o carinho e amor que recebíamos de cada querido professor e de cada querida professora que passava em nossas vidas, mais especificamente, em minha vida, sendo eu o objeto central deste sentimento nostálgico que estou a descrever. Não apenas um sentimento, mas, uma admiração, pois era exatamente o que me cabia, ou cabe como definição.

Contudo, ao crescer, tanto de modo natural, espontâneo, como de modo sistemático, sendo um parte do outro e ambos se completando, eu fui querendo desistir de meu sonho de infância e decidi que talvez, não seria mais professora um dia. Não seguiria essa profissão e nem partilharia com outros um sonhar de ensinar, mas, ensinar aprendendo, sendo amiga e colega, construindo e amando todos por quem por mim passasse. Refleti e decidi que mudaria de sonho, teria outro objetivo, outra finalidade em meu caminhar profissional.

O motivo principal, querido Freire, foi ver o descaso com que muitos tratavam os professores que por sua vida passavam. Eu ficava triste, chateada e não compreendia, acho que ainda não compreendo, como os meus colegas, conhecidos, e desconhecidos, conseguiam desrespeitar aqueles profissionais que eu tanto vivia a admirar. Pois em minha mente, nunca percebi o real motivo para tal ação de maldade, pois em minha ingenuidade, o professor somente fazia e faz muita bondade.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

É bem verdade que nem todo docente, é tão legal assim, e muitos nos deixam com traumas em base de ações de difícil entendimento, muita complexidade e de difícil seguimento de tal intenção. Mas, sendo humanos, e sendo humanos, somos falhos, eu sei e sempre soube de algum modo, que era natural errar, e que cada docente tem em si os seus temores, os seus problemas e precisam de cuidado, compreensão, carinho e amor. Mesmo assim, continuo a acreditar na bondade do professor.

Mesmo com seus defeitos, e nós alunos temos muitas críticas, o docente é uma espécie de amigo, “bom amigo”, pois independente de que metodologia utilize, nos faz aprender algo novo de modo sistemático. Se bem que, esse modo sistemático nem sempre é tão sistemático assim. Eu tive um professor, que acho que ele não sabia nem qual era o conteúdo do dia, descobria na hora através do seguimento do livro didático. Mas, interessante, ele muito nos ensinou. Fizemos uma peça de teatro que nos moldou enquanto seres humanos, nos garantiu a absorção do conteúdo, fizemos festa. Foi muito lúdico e divertido. Eu sempre tive muita admiração pelos meus professores. Eles ofereciam continuidade do saber, compartilhamento de conhecimento e experiências e relações sociais e humanas.

Como dizia, Freire querido, eu desisti por um tempo de ser professora. Na verdade, hoje eu ainda fujo dessa raia que de algum modo me persegue. E eu desisti por ver colegas mangando dos professores nos corredores; por ver colegas gritando os professores; por ver os pais dos alunos denunciando os professores sem motivo plausível e armando a maior confusão. Também vi colegas quase baterem em alguns professores, ameaçarem, desvalorizarem de todas as formas, como se ser professor fosse um crime, ou, se ser professor

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

tivesse que estar pautado em um molde. E quando falo em molde e/ou modelo, eu realmente me entristeço profundamente, pois nenhum rótulo me define. E jamais eu vou seguir nenhum deles.

Certo dia, estava eu na escola, e os colegas da turma ao qual eu fazia parte tentaram esconder objetos nos belos cabelos encaracolados da minha querida professora que aqui apenas chamarei de Jô. Jô era maravilhosa! Ela ensinava português, ensinava com tanto amor. Eu ficava fixada na aula, no quadro, nas tarefas e em suas explicações incríveis. Mas, muitos dos alunos não queriam aprender português e descontavam toda sua frustração na professora que estava em sala. Certo dia, cantaram uma canção zoando os cabelos dela, e o que mais me doía era que ela entrava na onda da brincadeira, e eu não sei dizer se ela sabia que era zoação, ou se acreditava nas boas intenções dos estudantes.

Eu sempre fui muito estranha, nunca consegui participar dessas turmas que saíam por aí difamando cruelmente a escola, o ensinante, os colegas. Apesar de ter um olhar extremamente crítico, sempre tive muita empatia e benevolência por tudo e todos a minha volta. Sempre tentei ver todos os lados da situação tentando ser menos injusta. Pois nós seres humanos, findamos por julgar demais e, às vezes, nos permitir cegar diante da lógica, diante do amor, e diante do respeito.

Acredito que compreender o outro é respeitá-lo. Sendo esse compreender não necessariamente completo em sentido significado, mas, parcial, suficiente para seguir adiante em busca de soluções para o que precisa mudar, repensar, refletir. Pois o erro não é esse "monstro", que de algum modo definimos e alimentamos, o erro é uma parte do processo de reflexão. A inteligência humana somente é possível através do

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

erro, o constituir e construir criativamente por meio da experimentação.

Com isso quero dizer que precisamos julgar menos, para observarmos, de fato, o cerne da questão e dialogarmos com a mudança em busca de solução, soluções e melhoramento do viver e conviver em sociedade. Outro dia (foram vários, na verdade), eu acompanhei o bullying feito ao meu professor de química, o senhor “Q” (vou assim aqui nominar). O senhor “Q” era muito legal, ele nos ajudava até nas horas das provas. Eu amava fazer as tarefas em sala e em casa. Amava ouvir as explicações e ficava bem chateada comigo mesma, pois muitas coisas eu tinha dificuldade de aprender.

Queria dar um bom resultado para aquele ensinar potente, humanamente amoroso, amigo, legal e gentil. A sistematização do saber me encanta. Mas, muitos de meus colegas simplesmente detestavam e reclamavam de tudo, mangando dos trejeitos do professor pelas suas costas. Eu ficava a observar como ele, o senhor “Q” conversava animadamente com todo mundo e a falsidade rolava solta nos corredores, nos intervalos.

Eu tenho trauma de falsidade!

Fui obrigada a entender, que a mentira faz parte de um possível ‘bem viver social’. Mas, sempre tento fugir um pouco e ser mais sincera. Pois acho que a falsidade e a mentira nos desumanizam. Esquecemos nossos bons valores quando passamos a valorizar os maus valores. Pois é querido professor Paulo Freire, por motivos bobos talvez, que aqui descrevo, apenas, uma pequeníssima parte, eu desisti de ser professora.

Para quê? Para amar e ser desamada? Para não conseguir passar o conteúdo corretamente? Não atingir as expectativas dos meus alunos? Não alcançar objetivos da

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

docência e da sociedade humana enquanto profissional? Porque querendo ou não, tudo me fazia refletir sobre as falhas dos professores. E imaginando as minhas falhas, eu via que não conseguiria ser uma boa professora. Eu também não queria atingir somente um pequeno público, mas, queria atingir a todos os educandos de algum modo e que eles também me atingissem.

Partindo para outros motes, o professor não tem boa remuneração, o que ganha financeiramente falando apenas contempla suas necessidades básicas. O professor não tem seus direitos garantidos, nem em lei, porque as leis vivem abrindo brechas para a desvalorização da profissão. O professor não é bem-visto e nem bem-quisto na sociedade, pois dele muito é exigido, de forma inalcançável. E essa fantasia á qual colocam o 'ser professor' destrói suas qualidades, suas conquistas, sua brilhante e esforçada atuação, porque nunca é bom o suficiente. E eu, mesmo pequena pensava sobre tudo isso. E tive a certeza que ser professora mais fazia parte de um sonho, um sonho desses de desenho animado, do que uma realidade bem vivida.

Queria para mim, menos sofrimento. Já que teria que me adequar ao lamento de trabalhar apenas para ter um sustento, que fosse mais respeitada, pudesse me responsabilizar menos, e exercer tarefas mais mecânicas, menos humanas, mais exatas, menos sociais, mais mercadológicas, menos educacionais. Fui crescendo e segui em busca da concretização do meu objetivo. Havia tomado a decisão.

Pesquisei para ver qual profissão eu iria seguir. Escolhi o curso de contabilidade. Pois parecia bem metódico, eu ia lá, trabalhava e voltava para casa, sem me preocupar com assuntos pessoais da vida dos clientes. Por ser muito sentimental, trabalhar na área humana, social, relacional

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

sempre demandou de mim todo o meu tempo. Queria ser mais séria, mais pontual, menos sentimental, mais robótica. Era isso! E consegui! Entrei no curso de contabilidade, depois de vários processos. Sempre com a dúvida rondando o meu coração apaixonado pela vida!

Mesmo eu me sentindo perdida, fiquei três semestres no curso de contabilidade, professor Freire, mas, não consegui continuar. Os números começavam a emboloar e formar um nó que eu teria que voltar para o início para desatar. Findei por desistir e refazer o meu caminho. Por amar as relações humanas, a criatividade e a arte, queria também estudar teatro. Contudo, fui para pedagogia pois diante das possibilidades de meu entorno era a melhor opção de carreira profissional mesmo, naquele momento em que precisava decidir.

A vida nos ensina mesmo. E parece que existe um tal de destino, pois agora eu sabia que seria a melhor escolha em todos os âmbitos, mesmo que outrora eu tivesse descartado a possibilidade. A experiência na pedagogia não foi tão fácil assim, precisei mudar de universidade e chegar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte onde estudo hoje, e estou finalizando meu curso.

Me apaixonei pelo curso, muito, muito mesmo, porém ainda carrego comigo todas as reflexões que fiz na minha infância e que continuo a alimentar, hoje com mais experiência e conhecimento epistemológico. Eu percebo que minha criança estava coberta de razão. Mas, o adulto precisa escolher mesmo aquilo que não parecia ser a melhor opção. E a opção pode se transformar na melhor escolha.

A vida é um senhor sábio ou uma senhora sábia que a todo instante nos ensina. Quando penso na menina que não queria ser professora porque amava a ação de ensinar e não suportava o desrespeitar, eu fico muito orgulhosa dela. Hoje,

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ainda não quero ser professora. Tenho a maior resistência. Juro que procuro opções diferentes neste caminhar docente. Pois tenho medo de que meus sonhos morram. Que me acostume com o bailar cômodo do viver social.

Chego então, neste grupo de estudos, e na leitura dos escritos de Freire, pois é professor, os seus escritos. Escritos que muito mais que refletir me provocam a alma! Um admirar questionador que inquietam o ser e nos levam a querer “ser mais,” muito mais. Estudar o livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, me guiou por estradas de pensamentos e transformações positivas.

Pois quando o livro nos instiga a nos perceber no mundo como sujeitos ativos, me faz querer ser professora, sem ser simplesmente ensinante, mas, professora pesquisadora, aquela que a todo instante questiona, que está no movimento de ação itinerante, que se refaz, se reflete, se autoanalisa e analisa o entorno. O livro me levou ao meu passado. Me encontrei com cada etapa de mim. Inclusive, com a Dayane atual e a Dayane que está a ser constituída neste instante.

A Dayane que está se constituindo a partir desta escrita, escrita incentivada por intermédio de um curso sobre as obras de Paulo Freire, o destinatário da carta que se forma em cada linha por mim escrita, começa a mudar um pouco sua concepção de professor. Parece mentira ou exagero, mas, ao me reconectar com as lembranças da infância e relacionar com as reflexões atuais, eu fico feliz. Percebo que o medo de me perder de mim, se torna um pouco menor. Pois lendo Freire, posso ver a ideia real de esperança. Não uma esperança estática, mas, uma esperança movendo tudo ao redor para uma real mudança.

É interessante pensar a mudança a partir do meu olhar de identidade que ora tenho, ora não tenho definida. Na

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

verdade, não tenho nenhuma definição de mim no mundo social. Pois só consigo andar contra a correnteza do viver cotidiano comum.

Talvez, o meu medo seja me tornar comum. O comum é triste, ele não diferencia o potencial inerente a cada indivíduo.

Por isso, o maior elogio na minha vida é ser chamada de louca e acelerada. Eu, querido Freire, amo, amo, amo, a loucura do viver diferente, do discordar animoso, do teimar constante. Pois acredito que aceitar é o mesmo que parar de viver e de mudar. É esse tipo de professora que quero ser: uma professora bem maluquinha. Maluquinha por nunca me permitir ser menos do que sou para me encaixar nos moldes da sociedade comum.

Em meu processo de mudança, resgato o meu amor e a minha esperança por um mundo com educação, educação de qualidade, educação para o bem-estar e “para a felicidade” (Ikeda, 2010). Acredito que hoje sei que amo o ato de ensinar, um ensinar compartilhado, colaborativo e experienciado no diálogo constante e no ouvir e seguir ideias diferentes. A humildade está no ato de entender que sozinhos não conseguimos atingir nenhuma meta, muito menos no tema “educação”. Mas, trabalhar em equipe é difícil e exige um esforço árduo e treinamento da categoria “respeito”.

Paulo Freire, você ou o senhor é a inspiração que brota no educador sonhador e amante de uma ação itinerante e utópica. Pois é possível acreditar em outra educação melhor e mais adequada a humanidade, depois de ler o amor descrito em seus textos. Não somente um amor de amar, mas, um amor de fazer acontecer o ato de cuidado, respeito, amizade e responsabilidade no viver profissional e pessoal do indivíduo na sociedade.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Essa obra “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, assim como as outras obras de Freire, me instigam a acreditar que é possível ser professora e fazer a diferença. Quando o Patrono da Educação Brasileira escreve a partir de sua realidade, de suas experiências e da reflexão de sua prática, e do contexto político, religioso e social em que está inserido no momento da escrita, ele nos convida a pensar sobre todas as possibilidades. As boas e as ruins, movendo uma intenção de aprendizagem constante, se atuação itinerante, seja como educador, seja como estudante, seja um pesquisador, ou um participante de vários outros grupos sociais. Paulo Freire, me ajuda a abrir as portas do meu coração para a docência.

Mas, não qualquer docência, uma que estou a descobrir. Viver é um refazer constante, uma labuta diária, um reorganizar e recriar do mais belo e do menos belo. A beleza está no ato do olhar. Educar é aprender e aprender é educar. Decidir ser um profissional da educação, é decidir ser um fazedor de múltiplos saberes, que partindo de uma prontidão, são reformados e continuamente, reelaborados. O ato de ensinar somente atinge seu propósito, quando entendemos que somos inacabados e que tudo a nossa volta está sempre em movimento. Aquele que aparentemente menos sabe, é o que mais ensina. E é nas falhas que a transformação acontece, ou seja, é no erro que realmente aprendemos.

Logo, me encaminho para a contextualização desta carta que a ti envio, professor, contando, comentando e refletindo sobre “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”. E no início da contextualização reitero meu encanto pela seriedade com que cada página do livro a pouco mencionado, traz em descrever o fazer educativo, a profissionalização docente e a humanidade responsiva e ativa.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Cada tópico, um assunto de extrema importância para o “ser professor”. Um diálogo reflexivo e inovador que resgata saberes existentes em cada um de nós, mas, muitas vezes, guardados em nosso inconsciente e em nossa falta de significação com o que aprendemos e vemos diariamente em nosso cotidiano. Mas, essa falta de significação é referente ao modo como somos levados a enxergar o mundo pela ótica capitalista e/ou pela ótica mercadológica e /ou pela lógica religiosa.

No início do livro, percebo a grandiosidade humana em ler o autor se submeter a desculpar-se por seus erros. Isso me deixa extasiada de esperança, pois é possível ter a mudança que desejamos no mundo. Um mundo melhor, mais humano, que relembra a essência do viver e da sociedade, e o grupo, em comunidade. Paulo Freire, você, enquanto autor do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, demonstra humildade e respeito pela opinião de seus leitores ao responder a altura aos anseios e reivindicações de tais leitores ávidos, interessados e críticos. Tive a certeza de que realmente é neste autor que quero ter um exemplo de educador e de escritor a ser seguido.

Nas Primeiras palavras, eu vejo a falsidade posta na ação de ensinar como prisão de um sistema que nos desumaniza e ao mesmo tempo a importância de refletir sobre ele. Podendo essa reflexão ser uma importante mudança, transformação. Pois o autor discorre sobre o significado do termo “tia” utilizado nos ambientes escolares. E me faz lembrar de um componente que paguei na universidade. Pois é, me constituindo como docente faço pedagogia na UFRN/CERES/Caicó e enquanto estudava sobre as primeiras ideias da pedagogia, no componente curricular “Pedagogia e Educação” em meu primeiro ano de curso em 2019.1, pude ver

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

como surgiu a categoria. E não é muito legal de se descobrir que era uma função escravocrata para cuidados com crianças sem nenhum resquício de profissão ou especificidades estabelecidas para tal função.

O primeiro tópico da obra: “Primeiras palavras: professora-tia: a armadilha” me remeteu ao atuar politicamente na sociedade e perceber que podemos mais e, por isso, devemos lutar por mais, ou seja, lutar por direitos. O que o sistema dominante quer é manter cada um em seu lugar de origem, dizendo quem é merecedor ou não de acenssão econômica, de status, de conquistas outras, de direitos conquistados, de vida tranquila e de felicidade. A categoria “tia” nos coloca em um patamar onde é bem mais fácil receber críticas não fundamentadas e jogar uma responsabilidade que não é nossa, de fato. Pois a atuação de professora requer movimentação e colaboração de toda a comunidade.

É sempre muito difícil fazer outras pessoas assumirem suas funções e nós enquanto humanos estamos sempre querendo achar um culpado ou alguém para colocar as nossas responsabilidades. Como educar sistematicamente sozinho(a) enquanto professor ou professora? Como assumir as responsabilidades que o afeto de um tio ou uma tia passa a ter na vida dos estudantes? Quais os limites do ser professor(a) e do ser tio(a)? Nesses questionamentos eu me encontro, não mais como medrosa em assumir minha função de docente, mas, como corajosa em brigar para que a valorização devida seja dada a categoria de atuação do profissional de educação que muito estuda e faz para obtenção de um mundo melhor, idealizado por todos. Como disse em linhas anteriores, enquanto reflito para escrever estas linhas, me afirmo em minha função identitária de educadora, pois não mais, uma educadora em ação de ensinar, mas, em função de viver para

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

construir um outro mundo a partir de minhas ações e trabalho digno.

Na primeira carta que o livro traz como sequência de sua sistemática em escrita a apresentar cartas para professores, temos o título: “Primeira carta: Ensinar – aprender leitura do mundo – leitura da palavra”. Neste tópico podemos pensar sobre o ato de ensinar, mais especificamente e diretamente, abordando a aprendizagem e como esta deve estar relacionada com a criticidade a ser desenvolvido nos educandos e não somente, mas, nos educadores e toda a equipe que preenche a categoria comunidade escolar, sendo todos os funcionários da instituição escolar, o corpo docente, a equipe da gestão, os órgãos responsáveis pelas outras funções da educação enquanto sistema político vigente e seus respectivos sujeitos representantes. Os políticos com a responsabilidade pelas leis e ações que partem destas, a sociedade como um todo e a família de cada discente e de todos os envolvidos aqui citados e ainda, talvez, alguns que esqueci de mencionar enquanto participante dessa grande empreitada humana social relacional que é a educação escolar.

Ou seja, o movimento da educação em sua essência aparece nesta primeira carta ao dialogarmos sobre como ensinar para a criticidade. Precisamos primeiro estudar em base dela, nos munirmos dos artifícios de luta por nossos direitos e entender a importância de não ficar esperando a mudança acontecer. Nos conhecermos e assumirmos enquanto partícipes do processo de mudança que queremos no meio social em que vivemos.

Deste modo, podemos ser pesquisadores constantes que buscam respostas aos problemas enfrentados no cotidiano e mais, no cotidiano de nossos estudantes. Infelizmente, escola não funciona se a realidade do educando estiver toda

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

desregulada. Um ensinar bem estruturado parte também, do viver do aluno, a participação e o olhar deste no ambiente de estudos.

Toda essa prosa descrita em reflexões teóricas e em conjunto com as reflexões das vivências adquiridas até o momento pela mulher que aqui escreve, direciona para o ato do estudar. A valorização do ato de estudar não é fácil de ser vista nos dias de hoje, apesar de a educação escolar ter se tornado obrigatória e de tudo se voltar para a escola. Hoje, quem não consegue finalizar o ensino médio, querido Paulo, praticamente, não consegue emprego em nossa sociedade. É bom e ruim ao mesmo tempo, pois assim foi instaurada a obrigatoriedade por muita luta dos grupos sociais, contudo, foi atendida para melhorar a qualidade do sistema. Dos profissionais que vivem u m sistema totalmente desvalorativo aos subordinados que vivem às margens da sociedade.

Mesmo assim, viajando em minhas reflexões analíticas constantes, volto-me para o ato de estudar e conseqüentemente de escrever. Se é difícil fazer o estudo acontecer em sua simplicidade de significação do termo “estudo”, imaginemos, o escrever. Ainda vivemos em uma sociedade que não gosta de escrever em sua maioria. Acha difícil, e tem até razão, quando percebemos as regras gramaticais de escrita e as leituras que são precisas, para tal ação. Mas, ensinar na escola enquanto docente e ser pesquisador equivale a agir diferente e encaminhar todos por onde passamos enquanto professores para a ação da escrita. Escrever de algum modo, e alguma coisa, por mínima que seja, nos forja e fortalece nossas ideias e nossos ideais, assim como, deixa registrado tudo o que pensamos, favorecendo o diálogo com o futuro, o futuro leitor do texto escrito que estará em outro momento da história. Os escritos são realmente interessantes, urgentes, transformadores.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Uau, toda essa conversa me faz apaixonar ainda mais pela educação, pois a partir das palavras descritas nestas linhas, já mudamos o assunto que de início era a ação desvalorizada do educador e agora é a essencialidade desta ação. Muito me emociono e meus olhos enchem de lágrimas neste instante. Professor Paulo Freire, sou uma boba apaixonada pela vida e me constituo como humana sempre em busca de entender um pouco mais do viver para tentar construir o viver mais leve. Sei que isso faz parte do natural social humano. Não existe perfeição e nunca existirá conclusão desta luta. Luta por um projeto de sociedade mais igualitário, justo e digno para todos. Porém, existe o fazer, e esse fazer é difícil, doloroso e lindo. Porque é nele que me vejo viva e cintilante.

Com o coração cheio de esperança, sigamos para o segundo tópico (a segunda carta): “Não deixe que o medo do difícil paralise você”, neste título da segunda carta do livro, retomo todo o diálogo que tive ao longo desta carta que te escrevo, pois não sei se tenho medo do difícil, mas, deixei isso bem claro em minhas primeiras palavras. Relatando sobre o medo de atuar na profissão docente em base das dificuldades que vi que teria que enfrentar.

Mas, o fato é que amo o difícil, e querer o fácil pra mim, não era em relação a simplesmente ficar sem fazer nada ou sem ter muito esforço, mas, em relação a um esforço que talvez não tivesse retorno e me frustrasse, assim como, o medo de não atingir minhas próprias metas. Sou muito exigente comigo mesma professor, e quero sempre fazer o meu melhor. Mas, muitas, muitas vezes mesmo, eu falho enormemente, atropelo meus desejos e não consigo seguir as melhores estratégias.

No dia a dia precisamos enfrentar nossos medos para seguir adiante e na prática educativa não é diferente. Para questionar o professor em sala de aula precisamos enfrentar o

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

medo de alguma consequência que possa vir desse questionamento, seja em vias punitivas e/ou em vias de resposta que não atinja as nossas expectativas. Falo isso como aluna mesmo, pois sempre fui muito questionadora e crítica e isso também é um problema pra mim, apesar de parecer uma atitude autêntica.

O medo em compreender o que lemos faz parte deste tópico que o senhor escreveu na obra aqui analisada, pois a compreensão segue por diversas interpretações e muitas vezes, ficamos em dúvida se nossa interpretação vai ser compreendida. Agora falo como aluna e professora, pois quando atuo na ação docente em estágios e substituindo professores em algumas ocasiões, me preocupo se sou compreendida.

O professor precisa primeiro enfrentar o próprio medo para depois ajudar os estudantes a enfrentarem os seus, e muitas vezes, uma parte desse processo de enfrentamento acontece ao mesmo tempo. O professor precisa ajudar seus discentes e com isso se supera. Ou seja, humanidade, a parte mais linda do viver e do educar, educar-se mutuamente e transformar. O ler equivale a treinar a inteligência para seu desenvolvimento. E esse desenvolvimento das habilidades de cada pessoa acontece ao passo que lemos o mundo, lemos a palavra e lemos a nossa interpretação depois de escrita. Ou seja, precisamos escrever para nos compreender melhor. Neste exato instante coloco a prova o que aqui escrevo, pois analiso o meu pensar pelo que ponho em palavras nesta carta altamente reflexiva. Me percebo com medo de aprender, mas, com alegria em vencer este medo.

A alegria em seguir adiante mesmo repleta de dúvidas em minha mente. Isso vai de encontro a terceira carta: "Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

possibilidade”, em que Freire, você mesmo querido, nos leva a pensar sobre a realidade local. Em minha região, por exemplo, cercada de muita pobreza da população em geral, muitas pessoas fizeram magistério por falta de outra opção melhor em via de necessidade financeira. Eu não acho errado, apenas acredito que toda estrutura que nos molda neste pensar desenfreado compromete a qualidade da educação e dificulta qualquer mudança na categoria professor que muito é vista como “tanto faz” ou “faz de qualquer jeito” ou “qualquer um pode fazer”. Isso é mesmo inquietante. Na obra o senhor dialoga sobre a importância de uma educação pautada na significação, no compreender a seriedade da profissão e da escolha que é feita ao assumir o comprometimento docente.

Me lembro do início da carta quando digo que não queria ser professora porque, entre outras coisas, não queria atuar de qualquer jeito ou não fazer certo o meu fazer docente. A escolha precisa ser consciente e o consciente parte da educação. Tudo interligado e não há como separar. Mas, não somos tortos de tal modo irreversível. Somos maleáveis em nosso aprender e reaprender. Mesmo que não tenhamos tido uma educação conscientizadora, podemos almejar e agir um educar diferente, mais próximo do que queremos e aos poucos vamos ajudando a produzir o crescer de sujeitos melhores aprendizes, questionadores e ativos em busca de melhorias, de conquistas, de direitos, de vida bem vivida. Mas, é importante destacar que a educação não trata apenas do ensinar pedagógico, mas, de um ensinar político, ético, científico, em que a conscientização deve virar ação revolucionária.

Falando em ação revolucionária, me lembro do “esperançar”. O seu “esperançar”, querido Freire, que hoje muito é citado. O termo ganhou proporções inimagináveis e não havia como ser diferente. Contudo, há aqueles que

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

questionam o “esperançar” como significado inicial da palavra esperança. Talvez por não entender, não ter lido suas obras suficientemente ou não querer perceber. Pois o termo é justamente um contraponto a esperança em estática como o senhor mesmo explica em outras obras. Mas, alguns revolucionários mais sagazes o acusam de não incentivar a ação revolucionária, de fato, e somente ficar no campo da transformação pacífica. Pacífica em diversas denotações, mas, tendo como principal, sem fazer, de fato, absolutamente nada para mudar o que está posto, ou quase nada.

Eu compreendo esse ponto de vista, pois vivemos em mundo tão difícil de conversar entre as partes que muitas vezes é necessária uma ação mais enérgica para chamar a atenção da população, do sistema. Eu mesma, muitas vezes quase adoeço tentando bater de frente com os problemas que encontro pelo caminho, que findam por prejudicar as pessoas, os animais, o ambiente. Esse prejudicar tem sentido até mesmo do próprio fazer que prejudica a si mesmo. Com esta deixa, adentro à quarta carta: “Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas”.

Qual ou quais qualidades nos são indispensáveis como formadores e formandos? Qual o real sentido de fazer transformador e revolucionário? O que é ser professor pesquisador? E progressista? Será que conseguimos atender a tantas demandas e manter a sanidade mental? O tema sanidade mental, Paulo, vem sendo muito debatido recentemente pois devido o aperfeiçoamento das técnicas e epistemologias da medicina, o diagnóstico aproximado da realidade é possível, facilitando descobrir problemas mentais específicos, porém, aumentando a aversão a tais, o desrespeito a estes problemas.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

O professor, parece mais um super-herói que precisa dar conta de todas as dimensões que permeia o sujeito e seu entorno, sendo ele também, um sujeito do processo. No livro, a categoria humildade aparece como essência do educador progressista, como sendo uma qualidade indispensável ao professor que luta por melhorias no mundo em que vive. Outra categoria é a amorosidade, sendo esta protagonizadora de coragem, confiança, respeito por si e pelo outro. O ensinar paciente é outra categoria que define um educador progressista. Pois é necessário existir um equilíbrio entre entender, se colocar no lugar do outro e ser incisivo em alguns momentos de decisão responsiva. Não é mole ser professor. Talvez, aqueles que entram na profissão apenas por necessidade e nela não conseguem se encontrar, findam por se perder de si, levando a vida “com a barriga”.

Isso me faz resgatar a categoria “felicidade”. Esta categoria é o cerne do viver e do educar em meu olhar. O professor que não ensina com felicidade, ou que vive em base de falsas memórias felizes e um acreditar ilusório do seu ser feliz, não atinge seus alunos e finda por não refletir sobre sua ação docente do modo que se precisa para agir ensinando e aprendendo. É fácil se perder no processo e assumir uma postura arrogante por falta de empatia. Adentramos, querido destinatário, na ação autoritária que foge dos moldes de educador e passa a assumir o detentor de saber, que se engana e não consegue enxergar “um palmo diante do nariz”. Este muito se prejudica e muito prejudica a população composta por estudantes. É uma ação totalmente irresponsável.

Não gosto muito de acusar os professores, pois por eles sou apaixonada. Pela ação que advém com a função, pela responsabilidade de um ensinar proporcionador de oportunidades e uma pedagogia garantidora de esperança.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Mas, como ser perfeito em um mundo imperfeito? Contudo, não exige a nossa culpa, a menos que procuremos nos redimir ao longo do percurso. É importante ouvir. O ouvir nos lava a alma e possibilita limpeza de maus sentimentos, direcionando para um conviver contributivo, colaborativo e atenuante da categoria humana em sua essencialidade social. Na quinta carta: “Primeiro dia de aula”, podemos especificar a importância de ser professor em mote dignificador. Pois a insegurança do estudante em seu primeiro dia coaduna com a insegurança do profissional da educação, também neste primeiro dia de aula de cada ano, ou outro período que precede a sistematização das aulas em base de calendário local de cada escola.

Ser docente e ser humano é perceber e admitir as próprias falhas e limitações. O livro aqui analisado pela autora desta carta que vos escreve, professor Freire, incentiva o diálogo sincero entre professor e aluno. O conectar-se, produzir redes de amizade, dentro dos limites do ambiente e da função de cada sujeito em cada campo de atuação. É óbvio que o docente tem uma responsabilidade maior para com as crianças e discentes em geral. Devendo proporcionar situações de aprendizado e troca de experiências ao se perceber como composição de classe, raça e gênero específicas ou não, de se assumir como cultura familiar, empoderando os sujeitos através de sua constituição própria de si, sua identidade. A confiança é uma poderosa arma para o fazer transformador no ambiente escolar educativo.

Amigo, penso que o processo formativo do docente em seu processo de vir a ser profissional e humano e buscar um “ser mais” para própria satisfação que culmina em coadjuvação coletiva, necessitaria de muita potência para conseguir atingir tudo o que o livro “Professora sim, tia não, cartas a quem ousa

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

ensinar”, define como parte de ser professor progressista. A formação de professores é realmente uma ação intrínseca ao direito humano do estudar com qualidade e viver com altruísmo. A relação do professor e seu processo formador, gerando a mudança contínua da humanidade e seu conhecimento.

Já a sexta carta: “Das relações entre a educadora e os educandos”, remete as relações que tive ao longo da vida com meus professores. Sempre confiei neles, de algum modo. Não um confiar cego, mas, pontual, para as questões específicas que minha mente elaborava e elabora. Eu acabo criando um mundo de expectativas que frustram e enriquecem o meu ser. Logo, me humanizo no meio do conhecer e conviver com cada professor e suas ávidas metodologias. Maneira de ser diferente que puxa sempre para uma aprendizagem única e indispensável. Eu parto da premissa, meu amigo, que de tudo posso tirar meu aprendizado, me desenvolver em aprendizado adquirido e ponderar meu desenvolvimento enriquecido epistemologicamente para humanamente pretendido.

A relação perpassa o exemplo dado e refletido como luz em espelho. Nós humanos aprendemos por repetição e observação e mudamos por reflexão e conscientação que culmina em escolha pessoal. Logo, o ensinante precisa diminuir a distância entre o que é dito e o que é falado cotidianamente, principalmente em ambientes de ensino. Como diz o autor da obra: a relação precisa seguir vieses de coerência para poder prosseguir em confiança, amizade, reciprocidade e ação potencializadora de um polir individual e coletivo.

Tenho um grande problema com a falsidade, pois por confiar demais nas pessoas, acredito muito e crio expectativas positivas que em base de minha fantasia amorosa relacional humana, finda por decepcionar. Afinal, não devia eu exigir

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

tanto do outro, e nem de mim. Mas, se afrouxarmos o nó da rigorosidade podemos nos contentar com a negatividade de vida incompleta, desumana e alienadora. Seguir em busca de felicidade é convite para não aceitação de redundante significado de educação. É importante querer diferente, querer includente, querer diverso e plural.

Mas, como a obra ensina em sua ensinância relevante e significativa, a prática do agir pelo falar é mantenedora de confiança e de veracidade ao valor que se dá ao que se atém a reproduzir. Como afirma Paulo Freire: “Se esta coisa que está sendo proclamada, mas, ao mesmo tempo, tão fortemente negada na prática, fosse realmente boa, ela não seria apenas dita, mas vivida” (Freire, 1997, p. 76). Ou seja, chegar na sala de aula e primar pela educação e respeito sem o devolver ao educando, nega e desvaloriza o próprio ofício, assim como, nega e desvaloriza os valores do bem, do justo e do solidário. Mas, é importante dizer que é um exercício e cabe a cada um decidir continuar e nunca desistir de tentar fazer hoje melhor e mais acertadamente que ontem.

Aproximando a prática da fala reproduzida, chegamos ao diálogo que a sétima carta: “De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele” retrata com tanta propriedade. O ouvir garante o perceber e assim o refazer. Acredito em uma educação que seja construída em sala de aula e fora dela com a participação de todos os componentes do processo humano e educativo que se forma diariamente no constituir social e comunitário de cada local, cidade, região e país. Mas, para essa educação ser possível, o educando tem que pôr em prática uma parcela sua de contribuição, no ouvir verdadeiro e enfático de seu ensinante, com humildade, respeito e ponderamento.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

Digo isso por ser uma faca de dois gumes: de um lado o professor que precisa ser mais humilde e aceitar a colaboração do aluno e de outro o inverso, o aluno que precisa ser mais humilde e ouvir a expertise de seu professor em contributo com seu aprender. Muitas vezes juntas conduzindo o processo de ensino-aprendizagem. Essa rica e poderosa experiência equilibrada entre o falar e ouvir das partes estabelece a verdadeira formação cidadã, favorece a formação de cidadãos responsáveis e críticos. Essa discussão conjunta é o exercício da cidadania democrática definitivamente pungente de luta emergencial real e revigorante.

Pois é, amigo Freire, por isso suas obras ganharam o mundo todo e são a essência da educação brasileira. Pois a complexidade do que encontramos em cada trecho escrito por vossa senhoria, é realmente estimulante e potencializadora de amor, esperança, força, coragem e fortemente incentivadora da ação constante. Sigo para a sua oitava carta: "Identidade cultural e educação", direcionada aos educadores que dialoga com afirmação do ser professor e do ser aluno. Essa identidade apreze na ação educativa enquanto processo formativo de sujeitos ativos. A identidade de qualquer sujeito só é possível em base de seu pertencimento. O indivíduo necessita gostar e aceitar sua família, sua história, perceber sua cultura e amar sua trajetória, a trajetória identitária de seu pertencer.

Indo para a temática do racismo e do sistema capitalista que rege o meio social brasileiro, podemos perceber que a identidade por muitas vezes foi apagada ao longo da história através de muitas mortes e separações violentas de grupos de vivência em determinados territórios. Desastres humanos, guerras humanas, sentimento de posse, ações desesperadas de grupos que almejavam poder e ascensão econômica a qualquer custo. Em via a toda essa desgraça surge a sistematização da

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

educação. É muito louco tudo isso. Por vezes, enquanto estudava na faculdade sobre pedagogia, ensino, história e fundamentos da educação, tive vontade de pegar tudo o que temos e virar ponta a cabeça para recomençar a conversar sobre outro tipo de educação.

Até escrevi um projeto sobre fundamentos da educação e necessidade de descolonizá-los. Queria muito Freire, que você estivesse aqui conosco e nos ajudasse a pensar mudanças. Eu sei que precisamos ir adiante e ver o que pode ser feito a partir do que se tem, mas, é impossível não imaginar sua grandiosidade e sabedoria, simplicidade e conhecimento na área educativa nos dias atuais, a relevância de seu fazer único que tanto nos inspira. Mas, vamos voltar para o texto que tive por intenção trazer para diálogo contigo, pois é mais que justo e merecedor de conversas substanciadas, sem falar que foi através desta obra que tive por missão e objetivo escrever para você, como meta de conclusão do curso do Centro Paulo Freire-Estudos e Pesquisas.

Na nona carta, professor, intitulada “Contexto concreto – contexto teórico”, entendo que o senhor venha a salientar a ideia de que as relações entre a prática e o saber advindo desta prática são indicotomizáveis. Ou seja, o tópico aborda a importância da formação permanente da educação, do educador, do aprendiz, sendo indispensável a reflexão crítica sobre os condicionamentos do contexto cultural e o poder destes sobre os educadores e educandos, seu modo de pensar, agir, e seus valores. Afinal, o que é do professor sem o estudante? Que transformação pode acontecer de modo unilateral?

Contudo, em “Contexto Concreto Contexto - Contexto Teórico”, o foco é voltado para a formação de professores equivalente a uma preparação para ação educativa direcionada e direcionadora. Que parta da realidade e volte para atingir as

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

necessidades desta realidade. Muito me faz retornar a minha infância quando estudava teorias que pareciam muito distantes de meu viver cotidiano. Eu realmente não conseguia fazer a conexão, muitas vezes, com o que era ensinado e o que existia em meu entorno. Mas, foram ensinamentos significativos durante meu processo de aprendizagem. Pois como vivemos em um mundo de compartilhamentos, nenhum aprendizado se perde.

Professor, muito me formo com esse livro em questão aqui refletido, pois o contexto concreto do conteúdo deve ser pensado e refletido à luz da realidade dos envolvidos no local da sistematização da educação em que se segue. É uma parte mais séria do educar, contudo, muito importante e onde me confundo na hora de questionar. Pois problematizo a partir de minhas vivências, porém, preciso seguir o sistema para conseguir a problematizar. É o momento em que se confundem as opressões e as liberdades. Muito, muito mesmo interessante, pois ao amar estudar, eu também me permito aceitar as regras e gostar delas. Findo me tornando um pouco daquilo que mais critico.

Paulo Freire, em sua décima carta: “Mais uma vez a questão da disciplina”, o senhor nos faz dialogar sobre a importância da regra e da disciplina no processo sistemático de ensino. É como se a reflexão geral do livro fosse ficando mais séria. E percebemos ao mesmo tempo a rigidez e a flexibilidade do processo de educação. Essa dualidade contraditória faz parte da complexidade existente no ensino. Se fosse muito simples, sem provocar dúvidas e mudanças a todo momento, talvez resumisse a mera reprodução de algo que alguns acreditam ser o ideal. A minha paixão pela educação é exatamente a oportunidade de criar conhecimentos novos que partam de sonhos, necessidades e ideais.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

No livro o autor menciona que o processo natural de ensino, não exige uma disciplina direcionadora, mas, o sistemático sim. Porém, ambos os modos de aprendizagem, são relevantes e conversam entre si. Gostaria de dizer que a disciplina é para mim uma dificuldade, pois ela requer muito esforço, muito interesse e dedicação, diariamente. E é por meio da disciplina que caracterizamos os princípios básicos em seus diversos contextos de aprendizagem, seja no trabalho intelectual, na leitura séria e continuada dos textos, na escrita cuidadosa e meticulosa, na observação e análise de dados e fatos e no estabelecimento de relações entre eles.

O que é ser professor, afinal? O curso que estudei em junho de 2023 sob a coordenação da professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo, me guiou a definir o professor como uma espécie de "Super Amigo", pois com ele ou ela, professor ou professora, conversamos, discutimos, choramos, rimos, organizamos projetos e saímos tentando mudar o mundo com a criticidade adquirida. Ao professor cabe a construção dos saberes com seus ensinantes, que é um aprender constante, um desaprender também. O docente precisa de humildade para seguir na profissão sem se permitir perder-se na ação de ensinar. Pois muitas vezes, a titulação, a responsabilidade e as crenças limitantes e opressoras fazem a mente do profissional de educação viajar para uma posição de superioridade, talvez sem perceber.

Hoje, ao final desta carta, decido que quero ser professora, mas, ainda tenho medo. Porém, a inspiração de minhas experiências no Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire, no curso de pedagogia da UFRN/CERES, na Soka Gakai Internacional com o educador Daisaku Ikeda e a participação neste curso do qual me proporcionou esta produção escrita, fortaleceram uma

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

identidade que estava com muito medo de se assumir. Mas, admito que necessito me preparar, investir numa formação sólida e abrangente, me tornando, enfim, produtora do conhecimento que me foi ensinado.

Esta decisão nos leva as “Últimas palavras: saber e crescer – tudo a ser”, em que o autor destaca a fortaleza de saber crescer como um processo coletivo e individual ao mesmo tempo. Paulo Freire enaltece a aquisição do saber de minorias dominantes coadunadas ao desenvolvimento educativo das imensas minorias dominadas. Ou seja, o papel que cada um tem de se perceber como sujeitos políticos que lutam por melhorias e transformações sociais e pessoais. O livro leva à reflexão profunda sobre vários temas: analfabetismo, política educacional, estrutura social, papel profissional, condição da criança e do jovem em países pobres, entre tantos outros temas e subtemas encontrados com tamanha complexidade, muita sabedoria e bastante amorosidade.

Me despeço professor Paulo Freire dizendo que te envio esta carta com todo meu sentimento. Muitos sentimentos: inicialmente reflexão melancólica e sincera de mim e minha constituição como futura docente; ao longo da carta, mudança de ideias e definições outras das mesmas reflexões iniciadas e ao final uma escrita analítica contextualizada da obra que embasou esta escrita e proporcionou todo este arranjo de letras, palavras, frases e entonação interpretativa descritas em cada parágrafo e a cada folha composta por linhas de educação. Me despeço agradecendo por compartilhar com o mundo sua aprendizagem e por me proporcionar tamanha felicidade em te ler, ou, em ler suas palavras em sistemática e em pensática.

Saio desta carta mais leve, me sinto mais madura e acredito que estou muito mais sabedora, contudo, sem saber quase nada, apenas uma imensidão de dúvidas a serem

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)
refletidas em meu processo formativo ao qual experienciarei. Carrego comigo a decisão de estar em constante formação, sendo os outros sujeitos os maiores professores. Todos aqueles com quem de algum modo, tenho e terei contato que me ensinarão a 'ser mais' e a ensinar com o que aprendo num emaranhado de idas e vindas de saberes e não saberes, de contradições e reformulações. Acredito que o amor só existe no ato do viver, e o viver faz surgir o educar e a educação é a mais bela forma de amar. Te amo, querido professor, hoje e sempre. Gratidão.

Dayane Lopes de Medeiros,
Email: daymayaralopes@gmail.com

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo. Editora Olha D'água. 1997.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

REENCONTRANDO PAULO FREIRE EM ANGICOS: A INFLUÊNCIA DE SUA OBRA NA PRÁTICA DOCENTE EM RORAIMA

Roraima (RR), 09 de janeiro de 2024.

Professor, Paulo Freire,

Sou professor a 39 anos, e tive contato pela primeira com Obra de Paulo Freire quando era acadêmico de Pedagogia, entre 1983 e 1986, nesse período ainda não entendia a dimensão da obra desse educador. Depois de formado fui trabalhar como professor na Educação Básica a partir de 1984, na rede pública e privada, em 1994 tive minha primeira experiência no ensino superior, como professor substituto Na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Essa foi minha gênese na atuação docente, ocupei cargos dentro das escolas por onde passei, administrador e supervisor escolar (coordenador pedagógico), coordenador várias vezes do curso de Pedagogia hoje sou lotado na UFRR, enfim, foram anos desenvolvendo trabalhos e pesquisas acadêmicas, e pesquisando educação de adultos, educação popular e a obra de Freire.

Meu trabalho ao longo de décadas tem crescido e tento passar para os alunos um pouco do que Paulo Freire me ofereceu nas suas obras, a visita a Angicos recentemente me fez ver como sua obra é importante para educação brasileira, faço aqui apenas uma pequena reflexão sobre esse autor e o que representou na minha vida profissional o legado freiriano.

A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. Entre elas, por exemplo, a de desafiar seus alunos, desde a mais tenra e adequada idade, através de jogos, de estórias, de leituras para compreender a necessidade da coerência entre discurso e prática; u m discurso sobre a defesa dos fracos, dos pobres, dos descamisados e a prática em favor dos cambados e contra os descamisados, um discurso que nega a existência das classes sociais, seus conflitos, e a prática política em favor exatamente dos poderosos. (Freire, 1997, p. 18).

O trabalho de Paulo Freire sempre foi voltado para os oprimidos, população de baixa renda, os desesperançados, injustiçados, enfim, apresenta uma educação problematizadora, humanizadora e libertária, e muitos outros adjetivos, é isso que busco desenvolver e influenciar na academia, a citação acima demonstra que o professor é um sujeito de compromisso, de defesa dos fracos, dos pobres e dos descamisados, portanto, nunca uma relação parental de tia por exemplo, existe mais profundidade na atuação do professor. Tento seguir esse compromisso.

Paulo Freire na minha prática docente

Minha opção e como a maioria dos meus colegas pesquisadores de Roraima, em particular na UFRR, foi devido a leitura de obras de Paulo Freire, os eventos e as discussões em sala de aula ainda como aluno do curso de Pedagogia na UFAM, ainda na década de 1980, naquele momento não

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

entendia muito a dimensão da obra de Freire, mas foi o primeiro contato.

A partir daí vieram as leituras contatos com freirianos, no meu curso de doutorado em São Paulo, já e m 2013 tive contato com o professor José Eustáquio Romão (Coordenador do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação na UNINOVE e Presidente de honra dos Institutos Paulo Freire), Jason Mafra, Sônia Couto, Lutgardes Freire, enfim, participei de eventos importantes no Brasil e no Chile, o que permitiu ter contado com grandes freirianos. Isso foi muito significativo ainda mais na minha vida profissional.

Os anos se passaram desde meu primeiro contato com Paulo Freire e hoje trabalho como professor formador na Universidade Federal de Roraima (UFRR) desde 1995, não dá para detalhar nesse texto a importância desse autor na minha carreira, mas foi ao longo dessa atuação na universidade que comecei a ser influenciado por seu legado, são 28 anos atuando no ensino superior, e tento até hoje colocar a digital de Paulo Freire no meu trabalho.

Juntamente com alunos e professores, já apresentamos trabalhos, fazendo palestras, mas principalmente na sala de aula, procurando respeitar os discentes naqueles aspectos que considero importante, sem preconceitos e discriminações e tentando mostrando a importância desse autor através de suas obras. Alguns foram mais importantes que outros e ajudou muitos outros alunos e a comunidade em geral em Roraima de conhecer a obra de Paulo Freire e sua importância.

Fomos com uma delegação de 2 professores e 6 alunas do curso de Pedagogia da UFRR (figura 1), ao fundo a colcha pedagógica sobre Paulo Freire, com muitas capas de livros desse educador e outros livros inspirados por ele, foi u m evento

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

muito importante, trabalho construído por alunos e alunas do curso.



Figura 1 - grupo de Roraima em um evento na Universidade Estadual do Pará (UEPA) – 2019.

Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

O evento ocorrido em Belém sobre Paulo Freire foi o de maior destaque.

Foi um evento muito importante no Pará (figura 2), mas tiveram outros eventos onde Paulo Freire foi apresentado, que certamente contribuiu muito para aquela geração de acadêmicos pré-pandemia.

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)



Figura 2 - Divulgação do evento na UEPA – 2019.
Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

Assim tentei trabalhar com a inspiração freiriana, tentando inspirar meus alunos a colocarem nas suas práticas em estágios e nas suas futuras salas de aula, a maioria desses alunas hoje estão atuando na rede municipal, estadual e privada do ensino, e a semente foi plantada, a importância do ato pedagógico é sempre considerada por Paulo Freire como uma atividade profissional que não deve ser confundida com e nem comparada com relação de tia, como Freire bem questiona no livro “Professor sim tia não”, a relação entre professor e alunos(as) são completamente distintas de qualquer relação familiar, a professora ou professor não pode permitir que sua

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

atuação seja reduzida dessa maneira, sua atuação deve ser crítica e política na formação dos seus alunos.

A tarefa de educar é uma militância, com postura séria, madura e ousada, como deve ser o educador comprometido, eu particularmente fiquei muito preocupado num primeiro momento sobre minha postura, ao longo dos anos procurei transmitir aos meus alunos(as) através das atividades e ações pedagógicas o grande legado de Freire, buscando formar uma geração de educadores com influência desse educador, de sua prática e obra, muito foi feito, o alcance disso o tempo dirá.

Agora recentemente fiquei internado durante 37 dias, nesse período recebi muitas manifestações de carinho e apreço, alguns desses depoimentos me emocionaram muito, um depoimento de uma aluna querida do curso de Licenciatura em Educação do Campo me disse em texto escrito que desejava meu retorno em breve para as atividades e que eu fui o professor que despertou seu interesse na obra de Paulo Freire, acredito que tenha influenciado muitos outros também, através de palestras, exposições, apresentação de comunicações orais, enfim muitas ações foram feitas em dezenas de anos de trabalho, por último, fui convidado recentemente para prepara uma disciplina de tópicos especiais em Paulo Freire no Programa de Mestrado em Educação da UFRR, foi um reconhecimento de tudo feito, mas devo dizer e lembrar que vários colegas tem pesquisado e publicado sobre Paulo Freire.

A visita a Angicos

Morando no extremo da Amazônia nunca tinha ido a Angicos, as 40 Horas de Angicos sempre coloco em minhas aulas de Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, uma disciplina do 7º semestre de Pedagogia, ora faço exposição e

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

imagens, ora passo trabalho sobre a temática, na minha humilde opinião dois movimentos de educação popular ocorreram no nordeste, em particular no Rio Grande do Norte, os 40 horas de Angicos e de Pé no chão também se aprende a ler, são marcos na educação brasileira, portanto, quando foi divulgado no nosso grupo Paulo Freire o Pré Colóquio Internacional Paulo Freire que ocorreria em Caicó e haveria uma caravana para Angicos, eu não medi esforços e comprei as passagens.

Angicos foi um exemplo de sucesso:

Às 40 horas de Angicos resultaram em nova maneira de conceber e aplicar programas e políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para os analfabetos, o exercício dos direitos inerentes à cidadania torna-se muitas vezes difícil ou impossível. Angicos provou que pode ser rápido e barato instituir políticas que viabilizem a inclusão e combater na prática umas das principais causas da exclusão social, política e econômica de 15 a 45 milhões de brasileiros com mais de 15 anos de idade. Poucos negam o legado de Angicos, conhecimentos e resultados que representam um marco histórico para a educação brasileira. Às 40 horas representam rico manancial que influenciou também gerações e políticas de educação em dezenas de países de cinco continentes. (Marcos Guerra In: Gadotti, 2014, p. 83).

O meu diálogo com Paulo Freire se tornaria mais próximo, pelo que essa experiência representa para meu trabalho e pelo que acredito quando estou em uma sala de aula ou escrevendo algum texto como esse agora, ir ao local onde foi realizada a experiência exitosa de alfabetização de adultos realizada naquele município era uma sonho, não sabia

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

o que encontraria, mas seria muito importante para contar para meus alunos sobre isso, então consegui chegar na hora do almoço, perdia abertura e as palestras da manhã, mas estava ali, em Caicó e no outro dia visitaria o monumento a 40 horas de Angicos, que eu particularmente nem sabia que existia, me falaram que havia sido construído nos festejos de 60 anos de Angicos, então, participei do grupo de debates sobre a Educação de Adultos e pela manhã visitaríamos monumento as 40 horas de Angicos, que erra fora da cidade, e iríamos no museu dedicado a Paulo Freire, que fica na Universidade Federal Rural do Semi Árido (UFERSA).



Figura 3 - foto tirada na visita ao monumento das 40 Horas de Angicos – muito inspiradora a visita – 2023.
Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)



Figura 4 – foto só do monumento cedida pelo Carlos Cesar, doutorando que me cedeu gentilmente essa imagem.
Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

O programa estabelecido por Paulo Freire era considerado subversivo, era provocador em seu propósito de desenvolver uma consciência crítica, possibilitando a construção de uma consciência com senso de capacidade e responsabilidade no indivíduo no sentido de mudar sua vida e

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

interferir no mundo a sua volta (FREIRE 2014), evidentemente que isso incomodou os militares e foi bruscamente interrompido, era relamente revolucionário pelos resultados que proporcionava.

O Museu: um Memorial a Paulo Freire

Depois da visita ao monumento a 40 horas de Angicos que fica nos arredores da cidade e voltamos para a cidade de Angicos e nos dirigimos a UFERSA, onde fica o museu dedicado a Paulo Freire, outro momento muito especial, que de certa forma me emocionou, pela primeira vez visitando o local criado especificamente como tributo a Paulo Freire.



Figura 5 - placa da criação do Museu

Figura 6 - um pensamento de Freire num trabalho artesanal. Na entrada do museu

Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

Logo na entrada essas placas, a da criação do museu no governo Dilma Rouseff e um pensamento de Paulo Freire, como cartão de apresentação e boas-vindas, foi muito emocionante esse encontro, digamos assim com o legado freiriano, em Roraima eu e meus colegas que fazemos pesquisa

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

e publicamos Paulo Freire, um acontecimento assim é importante, essa “boniteza” como diria esse educador, quando baseado em sua forma de pensar e agir mudamos nossa ação docente para contribuir na formação de jovens e novas gerações de educadores, foi muito inspirador está no local onde Paulo Freire desenvolveu uma experiência vitoriosa com camponeses analfabetos.



Figura 7 - um memorial aos ex-alunos que fizeram a história das 40 horas de Angicos

Fonte: Sebastião Monteiro Oliveira (2023).

Nas atividades pela parte da tarde foram organizados grupos para apresentar alguma coisa ou fato interessante sobre a obra de Paulo Freire, vou tomar a liberdade de apresentar

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

uma espécie de cordel apresentado pelo grupo da professora Maria Aparecida Melo e seu grupo, pedi para colocar esse pensamento sobre Freire no meu próximo livro, mas tomo a liberdade de o fazer aqui também para demonstrar para quem lê esse texto, a capacidade criativa que Paulo Freire desperta:

Cordel Pré colóquio Caicó

O Pré Colóquio Caicó Paulo Freire presente está com muito planejamento. Encontros a sistematizar. E neste lindo movimento. No dia 30 a realizar.

Interinstitucional foi assim a parceria tendo a mobilização de professores e monitoria. Visando a realização. do encontro neste dia. UFRN, IFRN e UFERSA juntos ao Centro a organizar. O pré colóquio internacional Com Inês e Hermida a palestrar. O movimento sem igual Erivalda e André a participar.

Educação libertadora o mote a problematizar. Tendo assim a esperança para o Brasil melhorar Cida Cruz na liderança na arte do mediar.

Convidados especiais vamos aqui ressaltar. Professores esperançosos vieram andarilhar. Sendo assim corajosos a favor do esperar. Cezar e Sebastião professores aguerridos, Elizângela e Carlos são professores e amigos Freire em conexão faz o elo comigo.

A mística da ciranda por Carlos foi mediada e as minhas bolsistas estão juntas nesta estrada, sendo elas criativas foi bem vivenciada. Os círculos de cultura ricos em problematização fizeram a diferença com diálogo e ação, por isso a essência

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

está na educação. Coordenadores e monitoras. Mediação de primeira, temáticas interessantes, levantando a bandeira ações importantes para a educação verdadeira.

O café da tarde foi de emoção memorável na casa forte do Cuó, pôr do sol inigualável, André presente em Caicó tem diferença notável.

O GEPEPF em intercâmbio dinâmica a socializar, o processo indissociável na prática para o formar Atuação bem notável fez a gente aqui chegar.

Hoje encantada estou pela realidade vivida a parceria em ação, faz diferença aguerrida e assim a educação transforma a nossa vida.

Angicos solo sagrado na história está marcado, 40 horas de alfabetização Freire deixa o seu legado, e assim a educação é um bem inacabado.

Monitores e professora fazem o acolhimento no memorial a imersão para nosso contentamento com muita animação é um grande acontecimento.

Agradecida a todos por tamanha alegria na semana vivenciada com muita harmonia as pessoas bem-amadas alegam o nosso dia. Apresentando pela Professora Dra. Maria Aparecida Melo representando seu grupo durante as atividades da tarde do dia 01/12/2023, muita inspiração e emoção.

Aqui preciso escrever com clareza como visitante, acredito que como vi de um local distante que é Roraima, posso dizer então que vi Paulo Freire no atendimento que recebi ainda por telefone, na minha chegada na hora do almoço no 1º dia

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

de evento, no almoço a acolhida da querida Maria Melo e os demais organizadores do evento, recheado de carinho, acolhimento, humildade, esperança, solidariedade, enfim as palavras que normalmente usamos para descrever Paulo Freire, me fizeram ficar a vontade e parte daquele grupo, acredito que se Paulo Freire estivesse ali, ficaria plenamente satisfeito, assim se espera de um educador comprometido e preocupado com os alunos, com as injustiças e com objetivos claros de contribuir não só na formação, mas na comunidade local, tinha que dizer essas palavras.

A memória de Angicos, dos ex-alunos são uma prova viva do que é possível fazer em educação, essa visita aqui, além de inspiradora, nos motiva a fazer diferente, ao mesmo tempo me deu uma dimensão ainda maior da obra, do legado deixado por Paulo Freire. O contato com esse grupo de professores (as) e aluno (as) enriqueceu muito minha dimensão de cultura, de acolhimento de conhecimento, de alegria, enfim, voltei renovado para Boa Vista/RR, e aqui deixo minha gratidão a todos que me receberam nesse tempo curto, mas produtivo que estive em Caicó e Angicos, no interior do Rio Grande do Norte.

Sebastião Monteiro Oliveira.

Email: sabaufrr2018@gmail.com

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro – Paz e Terra. 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cortez; 2003.

FREIRE, Paulo. **Professor sim tia não**: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo – Olho d'Água; 1997.

GRUPO DE ESTUDOS DA OBRA PROFESSORA SIM, TIA NÃO - CARTAS A QUEM OUSA
ENSINAR: OUTRAS CARTAS
Vol. 1

Maria Aparecida Vieira de Melo, Ricardo Santos de Almeida, Dayane Lopes de Medeiros
(Orgs.)

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GADOTTI, Moacir (Org). **Alfabetizar e Conscientizar:** Paulo Freire, 50 anos de Angicos. 1 ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014.

ORGANIZADORES



Maria Aparecida Vieira de Melo

Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Pedagoga pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2010). Especialista em: Psicopedagogia (2012); Gestão Pedagógica (2013); Educação em direitos humanos (2014), Educação do campo (2015), História e cultura dos povos indígenas (2015), Tecnologias e artes (2019). Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Unidade de Lotação: Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH) da Universidade Federal de Pernambuco. Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Cognição, Aprendizagem e Inclusão (GPCAI/UFRN) e Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN). Interesses em: Direitos Humanos, Gestão e Políticas Educacionais, Educação do campo, Educação popular, Movimentos sociais, Processos educativos, Interdisciplinaridade, Formação de professores, Livros didáticos, EJA, Transdisciplinaridade, Estágio supervisionado, EaD, Pedagogia Social. Email: m_aparecida_v_melo@hotmail.com



Ricardo Santos de Almeida

Doutorado: Educación pela UI (2022) reconhecido pela UNIVALI (2022). Doutorando em Geografia na UFSM. Mestrado: Master of Science in Emergent Technologies in Education pela MUST UNIVERSITY reconhecido pela UNICID (2024); e Geografia pela UFS (2016). Especializações: Cartografia e Sensoriamento Remoto pela FAMEESP (2022); Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos - com Ênfase em Didática pelo IFRN (2020), Geografia Humana e Econômica pela UNINTER (2019), Administração Pública pela UCAM (2016); Geografia e Meio Ambiente pela UCAM (2014); Educação do Campo pela UCAM (2013); Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas às temáticas: agronegócio, território e territorialidades, processos de ensino-aprendizagem em Geografia, Educação de Jovens, Adultos e Idosos, e Educação do/no campo. Docente da rede pública de Porto Calvo/AL. Pesquisador do: NUAGRÁRIO/UFAL desde 2009; GEPAR/UFAL; GCEG/UFAL desde 2016; NUPEEJAIC/UNEAL desde 2020; do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (UFSM) e GEPEPF/UFRN desde 2021, e NUDES-UFAL desde 2022. É associado a Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH), e ao Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas (CPFreire), onde atua como Conselheiro Fiscal. Representante Suplente da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos (ReBEDH) na Comissão Nacional de Alfabetização e Educação de Jovens e Adultos (CNAEJA), desde 2023. E-mail: ricardosantal@gmail.com.



Dayane Lopes de Medeiros

Graduada em Pedagogia Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (UFRN/GEPEPF). Caicó (RN). Brasil. Foi bolsista de Pesquisa: Práticas Pedagógicas Decoloniais. Estudiosa e pesquisadora da educação popular, direitos humanos e descolonialidade. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa da Educação em Paulo Freire (GEPEPF). Associada e líder da Brasil Soka Gakai Internacional (BSGI). Musicista. Graduada em busca de soluções/possibilidades para uma educação que proporcione o bem humano, "a felicidade do aluno" (Daisaku Ikeda), a liberdade e dignidade de vida! Para alcançar meu objetivo busco estudar os movimentos sociais e a educação popular com foco na descolonização da fundamentação teórica (que incluem a luta pela implementação dos direitos humanos, feminista, a luta LGBTQIA+, a luta dos pretos e muitas outras que buscam a valorização do sujeito e seu lugar no mundo) e como estes se relacionam direta e indiretamente com uma educação mais inclusiva, equitativa quanto aos direitos humanos. Email: daymayaralopes@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS AUTORES



Virna Queiroz Oliveira

Bacharela em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco - Unicap. Advogada inscrita na OAB /PE. Pesquisadora integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire. (GEPEPF – Coordenado e liderado pela Professora Doutora Maria Aparecida Vieira de Melo). Associada ao Centro Paulo Freire.



Maria Aparecida Vieira de Melo

Doutora em Educação pela UFPB (2020). Mestra em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ (2015). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos (PPGDH) da Universidade Federal de Pernambuco. Líder do Grupo de Pesquisas: Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire (GPEPEPF/UFRN), Pesquisadora do Cognição, Aprendizagem e Inclusão (GPCAI/UFRN) e Pesquisadora do Laboratório de Educação, Novas Tecnologias e Estudos Étnico-Raciais (LENTE/UFRN).



Giovana Carina da Silva

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Professora de história, formada pela Universidade Federal de Pernambuco, e ativista dos movimentos sociais.



Luana Tereza de Barros Vieira Rocha

Assistente Social e Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. É graduanda do Curso de Pedagogia pela UNINTER. Doutora em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão, respectivamente, 2014 e 2019. Membro do GEPEPF (Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação Paulo Freire), desde março de 2023.



Geovar Miguel dos Santos

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/CERES-Caicó, 2017), especialista em Mídias na Educação-UERN (2019) e Mestre em Ensino de Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia (Mestrado Profissional GEOPROF/UFRN/CERES).



Fabíola Maria Dantas

Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte pelo Programa de Pós-graduação em Educação (POSEDUC – UERN). Assessora Pedagógica da Educação de Jovens e Adultos da 10ª Diretoria Regional de Educação e Cultura do estado do Rio Grande do Norte.



Maria Aparecida Fernandes de Lima

Graduação em Letras (Faculdades Integradas de Patos (1998). Especialização em Tecnologia Educacional (FIP), Gestão Escolar (UFRN,) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-FELCS, 2022) - AREA: Linguagens e Letramentos. Também Sou professora da Secretaria de Educação da Cultura do Esporte e do Lazer.



Ricardo Santos de Almeida

Doutorado: Educación pela UI (2022) reconhecido pela UNIVALI (2022). Doutorando em Geografia na UFSM. Mestrado: Master of Science in Emergent Technologies in Education pela MUST UNIVERSITY reconhecido pela UNICID (2023); e Geografia pela UFS (2016). Formação para a Docência do Ensino Superior (2011). Graduações: Pedagogia pela UNINTER (2018), Geografia Licenciatura pela UFAL (2014), Gestão de Pequenas e Médias Empresas pela FAA (2009).



Maria Gorete Santos Jales de Melo

Pedagoga na área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos. Especialista em Educação do Campo. Mestre em Ciências das Religiões, pela UFPB. Atualmente Coordenadora do Centro Comunitário Biblioteca do Mar.



Antônia Vanda de Paiva

Mestre em Ensino de Ciências e Matemática; Pós-graduação em Didática e Metodologia de Ensino de Matemática, Psicopedagogia, Administração Escolar, Educação à Distância, Africanidades. Graduação em Administração de Empresas, Matemática e Pedagogia, Ex-Professora efetiva da rede estadual de São Paulo - disciplina de Matemática e da ETEC de Cubatão -SP, nos cursos de Administração,

Contabilidade e Logística.



Serjane de Queiroz Vale Dantas

Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC/UERN; Professora de Filosofia da Educação Básica no Estado do Rio Grande do Norte; Assessora Pedagógica da Educação do Campo na 10ª Diretoria Regional de Educação e Cultura do RN.



Alexandre Evangelista da Silva

Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste (Campus Caruaru), Professor de História, Ensino Fundamental II (Séries Finais), Secretaria Municipal de Educação do Jaboatão dos Guararapes.



Dayane Lopes de Medeiros

Integrante ao Grupo de Estudos e Pesquisas da Educação em Paulo Freire. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Graduada em pedagogia, licenciatura na UFRN, CERES, Campus Caicó. Associada e líder da Brasil Soka Gakai Internacional (BSGI). Musicista. Foi bolsista de Pesquisa: Práticas Pedagógicas Decoloniais. Estudiosa e

pesquisadora da
descolonialidade.



Sebastião Monteiro Oliveira

Professor Associado II, possui graduação em Pedagogia com Habilitação Administração Escolar pela Universidade Federal do Amazonas (1987) com registro no MEC N. 008/94 - AM. Doutor em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE) em abril de 2016. Pós-Doutor em Educação pela

Universidade Federal do Amazonas (2021). É líder do Grupo de Pesquisa Paulo Freire e Educação de Jovens Adultos na Amazônia Setentrional. É editor Adjunto da Revista Educação, Pesquisa e Inclusão do PPGE da UFRR. Também é membro do Núcleo de Pesquisas Eleitorais da Amazônia (NUPEPA), professor do Programa de Pós-graduação no Mestrado Profissional em Inclusão (PROFEI).

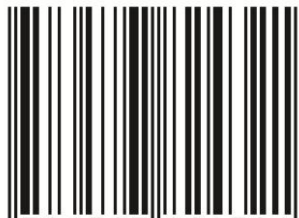
O Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Sua contribuição para a Educação foi oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012 como Patrono da Educação no Brasil.

Fundado em 29 de maio de 1998, o Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas teve seu estatuto oficializado em novembro desse mesmo ano. A UFPE solidária com os objetivos deste Centro, compreendendo o seu papel, para uma educação crítica, inclusiva, democrática, assim como, entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Perenizar as ideias de Paulo Freire é fundamental, para sua terra natal e para o mundo. Vale salientar ter sido esta Universidade berço em que Paulo Freire desenvolveu seu sistema educacional. A sede do Centro Paulo Freire está localizada no Centro de Educação no Campus da UFPE.



ISBN: 978-65-87824-32-1

QR



9 786587 824321